

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO – PUC / SP**  
**PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM PSICOLOGIA:**  
**PSICOLOGIA CLÍNICA**

**DANNILO JORGE ESCORCIO HALABE**

**A PSICANÁLISE REALIZADA EM LIBRAS:**  
Demandas e desafios da clínica com pacientes surdos

São Paulo  
2018

**DANNILO JORGE ESCORCIO HALABE**

**A PSICANÁLISE REALIZADA EM LIBRAS:**

Demandas e desafios da clínica com pacientes surdos

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia: Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP para obtenção do título de Doutor em Psicologia Clínica.

**Orientador:** Prof. Dr. Alfredo Naffah Neto

São Paulo

2018

**DANNILO JORGE ESCORCIO HALABE**

**A PSICANÁLISE REALIZADA EM LIBRAS:**

Demandas e desafios da clínica com pacientes surdos

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia: Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP para obtenção do título de Doutor em Psicologia Clínica.

Aprovado em:     /     /

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof. Dr. Alfredo Naffah Neto** (Orientador)  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ida Kublikowski  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elisa Maria Ulhoa Cintra  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

---

Prof. Dr. Roberto Mendes Guimarães  
Universidade CEUMA

---

Prof. Dr.<sup>a</sup> Cândida Helena Lopes Alves  
Universidade CEUMA

Aos meus avós Nestor Escorcio, Delci Tibúrcio  
e ao meu tio-avô Cap. Newton.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao Prof. Dr. Alfredo Naffah Neto, pelos ensinamentos e paciência ao longo dos anos que trabalhamos nesta tese.

À Coordenação do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica, em especial a assistente de coordenação Mônica Pereira, pelas instruções em vários momentos do doutorado.

À minha esposa, Maria Tereza Ramos Vale Halabe, pelo carinho e apoio durante toda nossa caminhada.

À minha família em São Luís, meus pais Adalberto Halabe e Zulmira Escorcio, meu irmão Daniel Halabe e sua esposa Jhennifer Halabe. Aos meus sogros Jucelina Vale e Nonato Vale, assim como meu cunhado Daniel Vale. À Maria Antônia, Mayara Duarte, Margareth Duarte e ao pequeno Vicente Vale.

À minha família em São Paulo, minhas tias Nelma, Francisca e Santinha, às (aos) primas(os) Fagner, Danila e Rafaelle. À Lucilene, Natally e Lorenzo.

Ao meu primo Vinicius Ahady de Oliveira Natalício, que inicia sua jornada em psicologia.

O primeiro remédio que dizíamos é o tempo. Tudo cura o tempo, tudo faz esquecer, tudo gasta, tudo digere, tudo acaba. Atreve-se o tempo a colunas de mármore, quanto mais a corações de cera! São as afeições como as vidas, que não há mais certo sinal de haverem de durar pouco, que terem durado muito.

Padre Antônio Vieira - Sermão do Mandato (1643)

## RESUMO

O atendimento psicanalítico pressupõe a interação entre o analista e o paciente através de um canal de comunicação em que o método da associação possa advir. Analisando os casos na literatura especializada de pacientes com surdez total, que utilizam a leitura orofacial, a língua brasileira de sinais (LIBRAS) e a fala para se comunicar, percebemos que os analistas se apóiam somente na linguagem oral para realizar o atendimento. Na contramão deste movimento, esta tese demonstra a importância da análise com os surdos ser realizada em LIBRAS, pois a linguagem gestual possibilita uma melhor expressão de seus sentimentos, sendo mais natural para eles e comportando toda expressão de gírias, metáforas e chistes, tal qual o português falado. A pesquisa de campo analisou entrevistas realizadas com surdos, intérpretes e analistas em São Luís – MA, em diferentes locais (escolas, consultórios, universidade, etc.). Avaliaram-se os casos atendidos por psicanalistas de pacientes surdos, revelando as estratégias e as problemáticas enfrentadas pelos analistas, confrontando com o discurso dos surdos sobre a sua cultura, incluindo a importância que é dada a LIBRAS. Este trabalho discute sobre a importância da formação dos analistas em LIBRAS e sua participação na cultura surda para a realização dos atendimentos. Também proporciona o entendimento da LIBRAS enquanto língua materna (L1) dos surdos, em qualquer momento de sua inserção durante o desenvolvimento de crianças, jovens e adultos.

**Palavras-chave:** Psicanálise. Surdez. LIBRAS. Formação de analistas.

## ABSTRACT

The psychoanalytic service presupposes the interaction between the analyst and the patient through a channel of communication in which the method of association may come. Analyzing the cases in the literature of patients with total deafness, which use lip reading, the Brazilian Sign Language (LIBRAS) and speech to communicate, realize that analysts rely only on oral language to perform the service. Against this movement, this thesis demonstrates the importance of the analysis with the deaf be held in LIBRAS because sign language provides a better expression of their feelings, being more natural to them and behaving every expression of slang, metaphors and jokes, like the portuguese spoken. Field research analyzed interviews with deaf people, interpreters and analysts in São Luís - MA, in different places (schools, clinics, universities, etc.). They evaluated the cases seen by psychoanalysts of deaf patients, revealing the strategies and problems faced by analysts, comparing with the speech of deaf people about their culture, including the importance that is given to LIBRAS. This paper discusses the importance of the training of analysts in LIBRAS and their participation in the deaf culture for the accomplishment of the consultations. It also provides an understanding of LIBRAS as the mother tongue (L1) of the deaf at any time during the development of children, youth and adults.

**Key-words:** Psychoanalysis. Deafness. LIBRAS. Training of analysts.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>09</b>
<b>2</b>	<b>A RELEITURA DA PSICANÁLISE POR LACAN.....</b>	<b>15</b>
<b>2.1</b>	<b>Freud e a criação da psicanalise.....</b>	<b>16</b>
<b>2.2</b>	<b>Avanços da Linguística de Ferdinand Saussure.....</b>	<b>28</b>
<b>2.3</b>	<b>Lacan e a Constituição do Sujeito.....</b>	<b>31</b>
<b>3</b>	<b>LIBRAS E A EQUIVALÊNCIA ENTRE A FALA E O GESTO.....</b>	<b>79</b>
<b>4</b>	<b>MÉTODO.....</b>	<b>63</b>
<b>5</b>	<b>RESULTADOS E DISCUSSÕES.....</b>	<b>69</b>
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>95</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>98</b>
	<b>ANEXOS .....</b>	<b>102</b>
	<b>APÊNDICES .....</b>	<b>107</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A pesquisa intitulada “A Psicanálise Realizada em LIBRAS: demandas e desafios da clínica com pacientes surdos” surgiu do contato com indivíduos surdos, baseada em experiências como professor da Faculdade Santa Fé em São Luís, Maranhão, uma das primeiras instituições de ensino superior do Estado adaptada à educação inclusiva. Nessa experiência, foi percebido que mesmo com a presença do intérprete, a aula não estava totalmente adaptada a este público. Esta situação, que fragiliza a ideia de inclusão, se repete em diversas instituições fora do campo educacional, limitando o acesso desta parcela da população que utiliza o idioma LIBRAS para se comunicar.

Com a clínica psicanalítica constatamos que a situação não é diferente. Através da experiência de analista, desde 2008, e do envolvimento com escolas de psicanálise, percebemos que há pouca produção que trata sobre o assunto e, em São Luís, não encontramos psicanalistas que estejam preparados para este atendimento. Assim, com este trabalho, procuramos fundamentos na teoria psicanalítica clássica e em autores modernos para atender aos sujeitos surdos, buscando compreender as diferenças em relação ao modelo clássico de atendimento, bem como as alterações no percurso de formação do analista.

Realizando um prévio levantamento das obras de Freud e Lacan, no momento de constituição do projeto desta pesquisa, não encontramos material suficiente para compreender o desenvolvimento, a aquisição de linguagem, estrutura e, principalmente, as formas de manifestações do inconsciente na língua de sinais. Encontramos apenas uma citação sobre o assunto em Lacan, que será analisada nos capítulos seguintes. Percebemos com o avanço do levantamento de literatura que, ao contrário do que esperávamos primeiramente, há sim debates e estudos entre psicanálise e surdez, o que põe por terra a leiga desconfiança de que método psicanalítico havia sido formatado para atender apenas aos indivíduos ouvintes, através da “escuta”.

Para melhor compreendermos as relações entre psicanálise e surdez, necessitamos estudar mais sobre a surdez, então iniciamos em 2012 a formação em LIBRAS por meio do curso de graduação em Letras na Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Ao buscar a língua de sinais como idioma, encontramos algo mais complexo e percebemos a inviabilidade de aprendermos a nos relacionar com estes

sujeitos, para podermos entender suas demandas, sem nos inserirmos na cultura surda. Esta é a forma como esses sujeitos buscam organizar os elementos que compõem o seu dia a dia, desde os elementos mais descontraídos, como as gírias, piadas, até os mais sérios, como a defesa do idioma, a ampliação deste e o orgulho de pertencer à comunidade surda.

Nesse sentido, a pesquisa trata de um estudo exploratório, realizado prioritariamente com sujeitos surdos, sobre a necessidade da psicanálise desenvolver maior conhecimento científico sobre esta temática. Durante a pesquisa, sentimos a necessidade de realizar entrevistas também com os intérpretes, pois percebemos que em seu contato diário com os sujeitos surdos, em muitas instituições que trabalham com a inclusão, além de se tornarem o elo com os outros profissionais, formam um vínculo afetivo com estes surdos e são os primeiros a saber sobre suas demandas e anseios.

Como foi colocado, entre os autores relacionados como fundamentais no campo psicanalítico por esta pesquisa (Freud e Lacan), não há um trabalho que diretamente apresente as dificuldades e vicissitudes dos atendimentos a pacientes surdos. Freud, fundador da psicanálise, preocupou-se em inaugurar o campo e lançar luz sobre o inconsciente e suas manifestações, mas descreve o processo de formação da psique apenas de indivíduos ouvintes. O seu método de análise, a associação livre, é um reflexo desta centralidade no discurso oralizado. Lacan, quando analisa a psicanálise pela perspectiva estruturalista da linguística saussuriana e modifica certos conceitos, mantém uma parte da noção de significante como imagem acústica na psique e dela deriva todo o seu ensino.

Como vemos, à primeira vista, a psicanálise parece não apresentar fundamentos para trabalharmos com o sujeito surdo. Entretanto, no avançar desta tese supomos sermos capazes de apresentar que existem sólidos fundamentos para estes atendimentos. Assim, esta tese irá analisar a surdez com o intuito de avaliar as possíveis modificações no método e na formação do analista que possibilitem ao sujeito surdo ser escutado através da análise.

Igualmente, recorreremos aos conceitos e métodos da clínica psicanalítica francesa, fundamentada na teoria do inconsciente de Sigmund Freud, a partir da base estruturalista que Jacques Lacan toma de empréstimo da linguística de Ferdinand de Saussure. Estes fundamentos serviram para analisar a demanda de atendimento dos

indivíduos com déficit auditivo bilateral severo que fazem uso da língua de sinais para se comunicar.

No primeiro capítulo, avaliamos as concepções que fundamentam a visão psicanalítica em relação à constituição do sujeito para nos resultados tecermos sua correspondência com a surdez. No segundo capítulo, apresentamos concepções importantes sobre LIBRAS, uma das línguas de sinais existentes e única utilizada no país, para apresentarmos a estrutura das línguas de sinais e discutirmos a equivalência entre o gesto e a fala.

Existem vários estudos acerca da compreensão linguística de língua de sinais, sua forma de aprendizado e as variações linguísticas regionais, sociais e históricas que sofrem na expressão de seus usuários. Estes estudos comparativos visam mostrar como, a partir de sua utilização, a língua de sinais vem evoluindo e, ao mesmo tempo, vem sendo marcada pelo regionalismo. É notório, no discurso desses autores, a defesa das condições de acesso e de educação para o indivíduo surdo.

Percebemos, com o aprofundamento teórico, que a criança ouvinte, desde seu nascimento, é exposta à língua oral e, dessa forma, lhe é fornecida a oportunidade de adquirir uma língua natural, que lhe permitirá realizar trocas comunicativas. Para a criança surda deveria ser dada a mesma oportunidade: de adquirir uma língua própria para constituir sua linguagem. Por isso apontamos que a nossa sociedade não está preparada para receber o indivíduo surdo, uma vez que não lhe oferece condições para que se desenvolva, consolide e exerça sua língua.

A pesquisa não se guiará em busca da origem das línguas de sinais para marcar a diferenciação com a língua oral, pois a expressão atual da língua de sinais pelos seus usuários é o que realmente importa para tecermos as relações com a psicanálise e com a possibilidade de tratamento. A partir deste ponto, quando analisamos a LIBRAS, não na sua evolução, mas na sua estrutura, podemos compreender quais são os fundamentos da linguística que Lacan irá relacionar com a psicanálise freudiana para estabelecer seu método.

Antes dos resultados desta pesquisa, impõe-se um capítulo sobre o método utilizado nesta pesquisa, acentuando-se como foi conduzido o trabalho bibliográfico e de campo que permitiram esta tese alcançar seus objetivos. Neste capítulo, além da descrição dos elementos que compuseram a revisão, apresentamos as considerações importantes sobre os caminhos desta pesquisa durante esses 4 anos de doutorado.

No terceiro capítulo, mediante análise das entrevistas com os sujeitos de pesquisa, discutimos os desafios da clínica psicanalítica para a análise de pacientes surdos e as possíveis variações no método psicanalítico, ao mesmo tempo que apresentamos os discursos desses sujeitos surdos.

Para iniciar as relações entre psicanálise e surdez, situamos a origem de alguns conceitos e do método psicanalítico a partir da perspectiva de seu criador. Freud, na “Interpretação dos Sonhos”, apresenta uma primeira concepção sobre o aparelho psíquico. Este é um momento valioso para a psicanálise, no qual seu fundador tenta situar a posição do inconsciente em relação às outras instâncias. Por isso, este primeiro esquema (ou primeira tópica) para muitos psicanalistas possui grande importância estrutural, pois funda a noção de inconsciente.

Com base nas questões deixadas por Freud sobre o aparelho psíquico, Lacan baseia seu sistema Real, Simbólico e Imaginário (R.S.I.), investigando o momento de junção desses três registros na constituição do sujeito, ao questionar o porquê de o infans<sup>1</sup>, a princípio, não operar nos três. Primeiramente precisamos distinguir que os registros Real, Simbólico e Imaginário não são o mesmo que realidade, símbolo e imaginação; vão muito além destes elementos, sendo considerados por Lacan como instâncias. A articulação do R.S.I. serve para analisarmos as relações do sujeito com o desejo, o amor e o ódio, além de nos mostrar relações com outros conceitos presentes na obra freudiana, tal como a inibição, o sintoma e a angústia.

Para Lacan, este ser (infans) que ainda não desenvolveu a linguagem, de alguma forma já está envolvido com o Simbólico, pois já havia um lugar para ele neste mundo mesmo antes de ser concebido, na fala e no desejo do Outro<sup>2</sup>. No ensino lacaniano há uma ênfase no Simbólico, que é intermediado pelo significante, que por sua vez representa a forma como um som é representado na mente. A dúvida em relação a abrangência destes conceitos aos indivíduos surdos motivou esta tese, pois em poucos textos Lacan responde diretamente as questões sobre uma possível articulação entre o Simbólico e a língua de sinais.

Como dissemos, apesar de existirem considerações em Lacan acerca da língua de sinais, questionamos a abrangência do tratamento psicanalítico baseado neste autor para os indivíduos surdos, já que o fundamento linguístico adotado pela

---

<sup>1</sup> Criança que ainda não fala.

<sup>2</sup> O grande Outro, refere-se para Lacan à lei.

psicanálise francesa se refere à oralidade quando trabalha com o termo significante associado à expressão do fonema.

Portanto, sintetizamos o problema de pesquisa nestas questões: as concepções apresentadas até agora, que são básicas para entendermos os sujeitos que entram na clínica procurando por uma “escuta”, correspondem também aos sujeitos não falantes? A língua de sinais, por se fundamentar numa perspectiva espaço-visual, e não oral, apresenta as mesmas possibilidades de manifestação do inconsciente como nos lapsos, atos falhos, chistes e sonhos? As técnicas utilizadas pelo psicanalista, como o manejo da transferência e a marcação dos significantes, podem ser aplicadas aos surdos que apresentam problemas psicológicos?

Todas estas problematizações estão privilegiadas nesta tese e não vimos outra forma de abordá-las, senão permitindo que estes sujeitos sinalizem em LIBRAS, a língua que melhor os traduz, suas questões durante a análise. Este é um fundamento que norteia este trabalho: a necessidade de o analista se inserir na cultura surda para atender pacientes com surdez. Entretanto, quando apresentamos os resultados, tivemos que traduzir as entrevistas para o português, de forma que ficassem acessíveis para a discussão. Mesmo assim, ressaltamos a necessidade da clínica psicanalítica para indivíduos surdos ser realizada em língua de sinais, pois percebemos com o levantamento bibliográfico e as entrevistas que as tentativas de psicanalistas atenderem os surdos com outras formas de comunicação sem ser a LIBRAS resultaram em problemas adicionais a serem manejados na clínica.

Seguiremos o paradigma de pesquisa psicanalítico de que toda teoria deve estar fundamentada na prática clínica, que é o berço dos conhecimentos analíticos. Para isso, analisamos relatos de atendimento feitos por psicanalistas com indivíduos surdos, para destacar as principais problemáticas do campo. Entrevistamos sujeitos surdos e intérpretes para conhecermos melhor a cultura surda<sup>3</sup> e, principalmente, compreendermos as manifestações do inconsciente na língua de sinais. Constatamos uma grande demanda por atendimento e, ao mesmo tempo, um entrave para tal nas competências do analista, uma vez que muitos deles não conhecem ou não são fluentes no idioma.

Este trabalho apresenta como resultados que a análise em LIBRAS não é tão diferente da análise em uma língua oralizada, como a Língua Portuguesa, e que a

---

<sup>3</sup> Modo de compreender e expressar a realidade através da experiência visual e de uma língua visual-gestual, além de compreender certos modos de pensar, senti e agir dos surdos.

maior parte do método psicanalítico pode ser aplicada sem nenhuma alteração, bastando o analista conhecer aquele idioma que possibilita ao sujeito surdo sua melhor forma de expressão. Detectamos ainda que há uma demanda de atendimento clínico em várias entrevistas e é para o intérprete, em geral, que a demanda é colocada, tendo em vista que este é o profissional que mais se aproxima dos sujeitos surdos.

A pesquisa objetivou identificar as variações na estrutura conceitual e metodológica da psicanálise que deveriam ocorrer para o atendimento desses pacientes a partir da ideia de que a língua de sinais, apesar de carecer de expressão fonética, apresenta características que permitem as manifestações do inconsciente, como a psicanálise estuda, e por isso passível de uma escuta e interpretação.

Consideramos que a maior influência deste trabalho está em repensar a formação do analista através do questionamento de seus conceitos. Almejamos trazer à análise psicanalítica os ricos discursos desses sujeitos que sinalizam para se expressar e que não têm encontrado no psicanalista uma "escuta" para seus desejos. Por fim, propomos uma maior inserção dos analistas na cultura surda para poderem escutar estes discursos tão ricos de significantes que são sinalizados em LIBRAS.

Em termos práticos, esta pesquisa contribuiu para o desenvolvimento de um projeto de atendimento em LIBRAS, através do Grupo de Pesquisa Método Psicanalítico e Novas Demandas Clínicas da Universidade CEUMA, em São Luís do Maranhão, o qual propõe aos alunos de Psicologia a oportunidade de ter sua formação ampliada. O grupo que teve início junto com esta tese, em 2014, alia o estudo e a prática da clínica psicanalítica com o estudo da língua de sinais e a inserção dos jovens analistas na cultura surda. O objetivo é suprir a carência de analistas que possam analisar em LIBRAS em São Luís.

## 2 A RELEITURA DA PSICANÁLISE POR LACAN

Contextualizaremos o desenvolvimento da psicanálise para que nos resultados possamos demonstrar a adequação de seus fundamentos em relação à surdez, fazendo uma releitura dos pontos em que o método psicanalítico aparente apenas apontar para o sujeito ouvinte, encontrando o equivalente para os sujeitos surdos.

Podemos compreender com Roudinesco e Plon (1998, p.603) que a psicanálise é uma disciplina fundada por Freud “que abrange um método terapêutico, uma organização clínica, uma técnica psicanalítica, um sistema de pensamento e uma modalidade de transmissão do saber [...] que se apoia na transferência” e permite a análise do inconsciente. Sobre o inconsciente, elemento central da teoria freudiana, esses autores o situam através da concepção de aparelho psíquico como uma instância fora da consciência, mas que mantém relação com o comportamento do sujeito, determinando-o.

Como investigar a psicanálise é percorrer o caminho traçado por Freud na descoberta do inconsciente, começaremos pelo surgimento da psicanálise, a descoberta das manifestações do inconsciente e os métodos clínicos que permitiram analisá-las.

Partindo de uma concepção defendida por um grupo de analistas, de que a psicanálise francesa com Lacan representa uma evolução da psicanálise, ao integrar uma nova disciplina de sua época, a linguística saussureana, mas mantendo o cerne do método freudiano da análise do inconsciente, abordaremos também este autor, buscando nos resultados apresentar os fundamentos para a clínica da surdez.

Ao iniciar neste momento a pesquisa sobre a “escuta” psicanalítica na teoria freudiana, seguiremos o percurso em Freud da descoberta do inconsciente com a clínica da histeria, passando pela estruturação do aparelho psíquico, além de analisar a formulação de métodos e categorias clínicas, como: associação livre, relação transferencial, interpretação dos sonhos e utilização do divã.

Essa análise servirá como base para discutirmos a adequação dos fundamentos psicanalíticos ao campo da surdez, pois, apesar de sabermos (após estudo aprofundado) ser possível a utilização deste método para os surdos, ressaltamos que a psicanálise por muito tempo deixou um vazio teórico que contribuiu para o cenário atual de marginalização da escuta destes sujeitos surdos.

## 2.1 Freud e a criação da psicanálise

Foi a partir da histeria que Freud compôs o método psicanalítico. E a situação em que ele se encontrava era bem parecida com a do momento em que vivemos hoje relativa à surdez, como veremos adiante.

A histeria pode ser considerada como a matriz clínica do primeiro sistema freudiano em vários sentidos. Em primeiro lugar empiricamente: foi estudando essa afecção, e não outra, que Freud produziu seus primeiros conceitos [...] Em segundo lugar, porque é na histeria que se verificam de modo mais visível os fenômenos que justificam as ideias centrais da metapsicologia de então – a de deslocamento da energia e a de adesão desta energia a representações que, por esse motivo, se tornam hiperintensas (processo primário). O desprazer provocado por tais representações motiva a sua repressão, e esta é a razão de o funcionamento em processo primário ser inconsciente: as primeiras invenções originais de Freud são precisamente o conceito de inconsciente e de defesa, encarregados de dar conta da aparente falta de sentido dos sintomas, e das lacunas de memória que aparecem ali onde a ação da repressão se exerceu. Em terceiro lugar, porque a existência de um vínculo entre o psíquico e o corporal é evidente na histeria [...] (MEZAN, 2014, p. 102-103).

Não havia na psiquiatria, campo de formação de Freud, uma forma de atender às pacientes histéricas, por isso elas eram consideradas charlatãs e seus sintomas eram desprezados. Freud buscou primeiramente no método de Charcot, a hipnose, uma possibilidade de solucionar o vazio teórico e prático de seu campo de formação: a origem e o tratamento da histeria. Jean-Martin Charcot (1825-1893) era um renomado psiquiatra francês que trabalhava na clínica de Salpêtrière, na França, e demonstrava ser possível a cura e até mesmo a “fabricação” dos sintomas das histéricas a partir do método hipnótico.

Segundo Roudinesco e Plon (1998), Charcot foi o primeiro a desvincular a imagem da histeria de uma mera simulação e de uma questão puramente feminina para um moderno conceito de neurose. É dele a distinção de crise histérica da crise epilética, além do reconhecimento sobre as influências de um trauma de origem sexual. Estas concepções marcaram profundamente a teoria freudiana.

Mais ou menos na época em que a clínica foi fundada e em que ele abandonou a cátedra de Anatomia Patológica, houve uma mudança no sentido das investigações científicas de Charcot, fato ao qual devemos o melhor de seu trabalho. Ele declarou que a teoria das doenças nervosas orgânicas estava então bastante completa e começou a voltar sua atenção quase exclusivamente para a histeria, que assim se tornou de imediato o foco do interesse geral. Esta, a mais enigmática de todas as doenças nervosas,

para cuja avaliação a medicina ainda não achara nenhum ângulo de enfoque aproveitável, acabara então de cair no mais completo descrédito, e esse descrédito se estendia não só aos pacientes, mas também aos médicos que se interessassem pela neurose. Sustentava-se que na histeria qualquer coisa era possível e não se dava crédito aos histéricos em relação a nada. A primeira coisa feita pelo trabalho de Charcot foi a restauração da dignidade desse tópico. Pouco a pouco, as pessoas abandonaram o sorriso desdenhoso com que uma paciente podia ter certeza de ser recebida naquele tempo. Ela não era mais necessariamente uma simuladora de doença, pois Charcot jogara todo o peso de sua autoridade em favor da autenticidade e objetividade dos fenômenos histéricos. [...] Ele tratou a histeria como sendo apenas mais um tópico da neuropatologia; forneceu uma descrição completa de seus fenômenos, demonstrou que estes tinham suas próprias leis e regularidades, e mostrou como reconhecer os sintomas que possibilitam a feitura de um diagnóstico de histeria (FREUD, 1893/1996, p. 27-29).

Estes estudos aprofundados sobre a histeria marcaram uma forte impressão na formação de S. Freud. Retornando para Viena de seus estudos na França, ele começou a aplicar o método hipnótico em pacientes com base na indicação de Breuer, psiquiatra já renomado naquela época e com quem Freud estava escrevendo um estudo sobre a histeria. Entretanto, a partir do contato com as pacientes histéricas, Freud foi abandonando a hipnose e começou a desenvolver junto com Breuer o método catártico. Sobre este método, antecessor à psicanálise, mas do qual a criação freudiana possui muitos reflexos, Roudinesco e Plon (1998, p.107) acrescentam que se trata de uma

Palavra grega utilizada por Aristóteles para designar o processo de purgação ou eliminação das paixões que se produz no espectador quando, no teatro, ele assiste à representação de uma tragédia. O termo foi retomado por Sigmund Freud e Josef Breuer, que, nos Estudos sobre a histeria, chamam de método catártico o procedimento terapêutico pelo qual um sujeito consegue eliminar seus afetos patogênicos e então ab-reagi-los, revivendo os acontecimentos traumáticos a que eles estão ligados.

Este é o momento na teoria freudiana em que a catarse deixa a sugestão hipnótica de lado, mas ainda atua na ab-reação de sintomas. Em seguida, Freud abandona o foco no sintoma e apresenta um método mais fecundo para a psicanálise, a associação livre.

Com este método o caminho para o inconsciente estava estabelecido, uma vez que as recordações dos pacientes em estado de vigília, realizadas numa sessão onde conversavam de forma aparentemente normal, sem o uso da hipnose, levavam cada vez mais para assuntos passados e chegavam até um ponto não mais acessível, recalçado. Este é outro ponto importante da disciplina freudiana, o abandono de uma

teoria da sedução – que explicaria a gênese de toda patologia por um trauma sexual – para uma teoria da fantasia, com a possibilidade de compreendermos a noção de recalque e de outra cena, o inconsciente.

Nesse sentido, Freud assevera no texto “História do Movimento Psicanalítico” (1915):

Nosso direito de supor a existência de algo mental inconsciente, e de empregar tal suposição visando às finalidades do trabalho científico, tem sido vastamente contestado. A isso podemos responder que nossa suposição a respeito do inconsciente é necessária e legítima, e que dispomos de numerosas provas de sua existência. Ela é necessária porque os dados da consciência apresentam um número muito grande de lacunas (FREUD, 1915/1996, p.172).

Sobre o inconsciente, apontamos que este não é um termo criado por Freud, pois já era utilizado por outros autores da época. Entretanto, como Freud coloca este inconsciente como elemento principal de sua obra, cabe a ele demonstrar sua existência e determinação na vida psíquica do sujeito, esclarecendo:

Ora, permitam-nos chamar de ‘consciente’ a concepção que está presente em nossa consciência e da qual nos damos conta, e que este seja o único significado do termo ‘consciente’. Quanto às concepções latentes, se temos qualquer razão para supor que elas existam na mente – como tínhamos, no caso da memória – que elas sejam designadas pelo termo ‘inconsciente’. Assim, uma concepção inconsciente é uma concepção da qual não estamos cientes, mas cuja existência, não obstante, estamos prontos a admitir, devido a outras provas ou sinais (FREUD, 1912b/1996, p.279).

Advertimos que a primeira prova da existência do inconsciente é uma demonstração da lógica, pois se admitimos haver uma consciência, que analisa todos os elementos no estado de vigília, e supormos também existir elementos que não estão presentes nesta consciência o tempo todo, mas encontram-se assim de forma latente, fica a questão: onde estariam esses elementos latentes que não na mente consciente? Por definição lógica, o que não é consciente é inconsciente. Para Freud (1912b/1996, p. 283), “a inconsciência é uma fase regular e inevitável nos processos que constituem nossa atividade psíquica”; já que “todo ato psíquico começa como um ato inconsciente e pode permanecer assim ou continuar a evoluir para a consciência, segundo encontra resistência ou não”.

A segunda prova da existência do inconsciente, sobre a qual se debruça Freud para explicar o funcionamento da psique humana é o sonho. Para ele,

Aprendemos a arte de descobrir os 'pensamentos residuais', os *pensamentos latentes dos sonhos*, e, comparando-os com o sonho aparente, pudemos formar opinião sobre as modificações que experimentaram e a maneira pela qual estas foram ocasionadas. Os pensamentos latentes do sonho não diferem em nenhum aspecto dos produtos de nossa atividade consciente habitual; merecem o nome de pensamentos pré-conscientes e, em verdade, podem ter sido conscientes em algum momento do estado de vigília. Entretanto, por entrarem em contato com as tendências inconscientes durante a noite, assimilaram-se a estas, degradaram-se, por assim dizer, à condição de pensamentos inconscientes, e ficaram sujeitos às leis pelas quais a atividade inconsciente é dirigida. E aqui temos a oportunidade de aprender o que não poderíamos ter adivinhado pela especulação, ou por outra fonte de informação empírica – que as leis da atividade inconsciente diferem amplamente daquelas da consciente. Inferimos pormenorizadamente quais são as peculiaridades do Inconsciente e podemos esperar aprender ainda mais sobre elas mediante investigação mais profunda dos processos da formação onírica (FREUD, 1912b/1996, p. 284).

Por que o sonho seria uma prova incontestável de que existe o inconsciente? Também numa definição lógica, capaz de surpreender pela inovação e, ao mesmo tempo, pela parcimônia empregada, percebemos que o sonho não é uma atividade da consciência por esta não o controlar; assim só pode ser inconsciente. Mas uma característica é importante ser salientada: a atividade dos sonhos não é uma mera repetição das cenas ocorridas na vida diurna; possui uma lógica própria no meio da deformação empregada pelos mecanismos do processo primário, deslocamento e condensação. Trata-se de uma atividade mental significativa, que não está sob o controle da consciência, o que nos permite inferir que o inconsciente é capaz de elaborar significações. Tal concepção é mister para entendermos por que Freud dá tanto valor ao inconsciente, assim como podemos dizer que, apesar de não ter usado pela primeira vez este termo, é o primeiro a demarcar a descoberta deste inconsciente como atividade mental que sobredetermina a vida dos sujeitos, ao referir:

A inconsciência pareceu-nos, a princípio, apenas uma característica enigmática de um ato psíquico definido. Atualmente ela significa mais para nós. É sinal de que este ato partilha da natureza de determinada categoria psíquica, que conhecemos por outras características mais importantes, e que ele pertence a um sistema de atividade psíquica merecedor de nossa plena atenção. O valor índice do inconsciente ultrapassou de muito sua importância como propriedade. O sistema assinalado pelo fato de seus atos isolados serem inconscientes é chamado 'O Inconsciente', por falta de termo melhor e menos ambíguo. Em alemão, proponho denotar esse sistema pelas letras *Ubw*, abreviatura da palavra '*Unbewusst*'. E este é o terceiro e mais significativo sentido que o termo 'inconsciente' adquiriu na psicanálise (FREUD, 1893/1996, p. 284-285).

Com a descoberta do inconsciente, abriu-se espaço para a análise de todas as suas formas de manifestação (sonhos, lapsos, chistes, etc.) e para a cura através da fala. Anna O., ilustre paciente de Breuer cujo caso foi compilado nos estudos da histeria, serviu de comprovação para as teses psicanalíticas, associava este momento de expressão verbal de seus sentimentos a uma “limpeza de chaminé”, revelando a eficácia no tratamento de seus sintomas.

Este também é um caso importante para nossa discussão sobre o método, pois é um momento em que deparamos com um sintoma histérico que atrapalha o trabalho terapêutico, os momentos de *absence*, como Anna O. descrevia.

Já disse que ao longo de toda a doença, até esse ponto, a paciente caía num estado de sonolência todas as tardes, e que, após o pôr-do-sol, esse período passava para um sono mais profundo – “*clouds*”. (Parece plausível atribuir essa sequência regular dos acontecimentos apenas à experiência dela enquanto cuidava do pai, o que teve de fazer por vários meses. Durante as noites, ela velava à cabeceira do paciente ou ficava acordada, escutando ansiosamente até amanhecer; às tardes, deitava-se para um ligeiro repouso, como é o costume habitual das enfermeiras. Esse padrão de ficar acordada à noite e dormir à tarde parece ter sido transposto para sua própria doença e persistido muito depois de o sono ter sido substituído por um estado hipnótico). Após cerca de uma hora de sono profundo, ela ficava irrequieta, virava de um lado para outro e repetia “atormentando, atormentando”, com os olhos fechados o tempo todo. Também se observou como, durante suas *absences* diurnas, ela obviamente criava alguma situação ou episódio para o qual dava uma pista murmurando algumas palavras (FREUD, 1905a/1996, p.64).

Este sintoma da paciente, tratada pelo método da psiquiatria daquele momento, por ainda se tratar de um momento pré-psicanalítico, pode ser pensado a partir da dificuldade enfrentada quando há impossibilidade de intervenção pela “fala”, uma vez que esta não mais alcançava a paciente, restando apenas esperar por seu retorno à consciência. Outros pontos deste caso reforçam esta ideia, como, por exemplo, quando Anna O. perde a capacidade de usar seu idioma nativo e começa a se expressar apenas em inglês, ou quando usa apenas um misto de idiomas que dificultavam a compreensão do sentido. Em todos esses pontos podemos relacionar com a fragilidade do método de escuta, desenvolvido posteriormente pela psicanálise, que dependerá muito da forma como analista e analisando se comunicam.

Como vemos, a cura pela fala é um ponto de inovação da psicanálise no campo do tratamento das psicopatologias, que permite a expressão dos sentimentos e o desdobramento dos sintomas, mas possui como entrave a questão do canal de

comunicação. Qualquer coisa que atrapalhe este canal torna-se um impedimento para a associação livre, método psicanalítico primordial.

A associação é o método sucessor da hipnose, que Freud aprendeu com Charcot quando se aproximou da investigação da histeria. Sobre o uso da hipnose, no primeiro momento como método terapêutico, Freud assim explicita:

O tratamento direto consiste na remoção das fontes psíquicas que estimulam os sintomas histéricos, e isto se torna compreensível se buscarmos as causas da histeria na vida ideativa inconsciente. Consiste em dar ao paciente sob hipnose uma sugestão que contém a eliminação do distúrbio em causa. Assim, por exemplo, curamos uma *tussis nervosa hysterica* fazendo pressão sobre a laringe do paciente hipnotizado e assegurando-lhe que foi removido o estímulo que o faz tossir, ou curamos uma paralisia histérica do braço compelindo o paciente, sob hipnose, a mover o membro paralisado, parte por parte (FREUD, 1888/1996, p.93).

A hipnose foi, então, um método considerado por Freud como muito dispendioso, pois nem todos os pacientes conseguiam entrar no estado hipnótico necessário ou se o faziam, isto requeria um bom tempo. Além disso, mais à frente Freud vai questionar a eficácia do método hipnótico, assim se expressando:

[...] o fato é que não se considerava um grande adepto da arte de hipnotizar, ou então era mais sincero do que muitas pessoas para reconhecer as limitações do método. [...] Mas logo a hipnose passou a me desagradar... Quando verifiquei que, apesar de todos os meus esforços, não conseguia produzir o estado hipnótico senão numa parte dos meus pacientes, decidi abandonar a hipnose (FREUD, 1888/1996, p.93).

A passagem para o método da associação livre é um ponto importante para a fundação da psicanálise. Com a associação livre é possível, desde o momento em que o paciente entra na análise, trabalhar com conteúdos importantes, escutando os momentos em que o inconsciente se revela através de suas manifestações. A esse respeito, Freud (1909/1996, p.51) manifesta:

Se os ouvintes reunirem os meios que estão ao nosso alcance para descobrimento do que na vida mental jaz escondido, deslembado e reprimido – o estudo das ideias livremente associadas pelos pacientes, seus sonhos, falhas e ações sintomáticas; se ainda juntarem a tudo isso o exame de outros fenômenos surgidos no decurso do tratamento psicanalítico e a respeito dos quais farei algumas observações quando tratar da ‘transferência’ – chegarão comigo à conclusão de que a nossa técnica já é suficientemente capaz de realizar aquilo que se propôs: conduzir à consciência o material psíquico patogênico, dando fim desse modo aos padecimentos ocasionados pela produção dos sintomas de substituição. O fato de enriquecermos e

aprofundarmos durante o tratamento os nossos conhecimentos sobre a vida mental, dos sãos e dos doentes, deve ser considerado apenas como estímulo especial a este trabalho e uma de suas vantagens.

Assim, a associação livre se tornou o método psicanalítico, sendo a interpretação dos sonhos mais uma ferramenta, oriunda da mesma fonte, e a hipnose saiu de cena. Sobre a interpretação dos sonhos, discutiremos a seguir a sua utilização na psicanálise.

Por ter este método da associação para analisar e “curar” os pacientes, permitindo que eles se expressem de forma livre e dispensando suas censuras, Freud, em contrapartida, precisou desenvolver a atenção flutuante para “não selecionar de forma consciente” o conteúdo manifesto. Essa relação de inconsciente para inconsciente que o método exige faz com que possamos entender os pontos determinantes do discurso e os pontos nevrálgicos, por assim dizer, que conduzem à “cura”.

Nesse sentido, se houver uma diferença no nível de compreensão e familiaridade do idioma falado pelo analista e analisando, surge um entrave que cerceia o método. Um exemplo que ilustra bem este fato vem do texto da Revista Brasileira de Psicanálise em que o autor questiona, com vários relatos de caso, a possibilidade de estabelecermos uma análise em outro idioma.

A outra história ocorreu durante um encontro, há muitos anos, em que um dos nossos mais ilustres autores, um reconhecido poliglota, contava episódios de sua vida e de suas experiências em diversos países e culturas, e de como manejava os distintos idiomas, até que uma criança presente, já possivelmente contaminada pela peste analítica, perguntou-lhe em que língua sonhava. O visitante parou, pensou e respondeu que sempre em alemão. Sua língua materna. [...] Minha hipótese, em suma, é de que, embora cada analista percorra várias cidades ou que seja por elas percorrido, há, em última instância, uma única rua ou cidade ou idioma, em que pode de fato desenvolver o máximo de sua capacidade analítica (EIZIRIK, 2009, p.43).

Esta capacidade de compreender os rumos da associação livre e poder se colocar no lugar de uma escuta é o mais importante na psicanálise e, para Eizirik (2009), estaria mais presentificada quando o analista trata de um paciente atravessado pelo mesmo idioma.

Então, denominamos que a contrapartida ao fato de o paciente estabelecer a associação livre, método psicanalítico, é o estado de atenção flutuante do analista, no qual a relação de inconsciente para inconsciente possa advir. Assim, estando

familiarizado com o idioma, o analista pode desempenhar melhor sua função: a de se entregar à escuta sem privilegiar nenhum elemento do discurso, permitindo que sua própria atividade inconsciente entre em ação, despertando-o para os elementos mais significantes na fala do seu analisando.

No entanto, esta condição não constitui um impedimento para o tratamento, mas uma condição mais favorável ao processo. Sobre a atenção flutuante, Freud (1912a, p. 125-126) aponta que

A técnica, contudo, é muito simples. Como se verá, ela rejeita o emprego de qualquer expediente especial (mesmo de tomar notas). Consiste simplesmente em não dirigir o reparo para algo específico e em manter a mesma 'atenção uniformemente suspensa' (como a denominei) em face de tudo o que se escuta. Desta maneira, poupamos de esforço violento nossa atenção, a qual, de qualquer modo, não poderia ser mantida por várias horas diariamente, e evitamos um perigo que é inseparável do exercício da atenção deliberada. Pois assim que alguém deliberadamente concentra bastante a atenção, começa a selecionar o material que lhe é apresentado; um ponto fixar-se-á em sua mente com clareza particular e algum outro será, correspondentemente, negligenciado, e, ao fazer essa seleção, estará seguindo suas expectativas ou inclinações. Isto, contudo, é exatamente o que não deve ser feito. Ao efetuar a seleção, se seguir suas expectativas, estará arriscado a nunca descobrir nada além do que já sabe; e, se seguir as inclinações, certamente falsificará o que possa perceber. Não se deve esquecer que o que se escuta, na maioria, são coisas cujo significado só é identificado posteriormente.

Avançando na fundamentação em relação ao método psicanalítico, tratamos um pouco mais sobre a técnica de interpretação dos sonhos, pois esta é um dos pontos em que Freud mais se detém na criação da psicanálise. Primeiramente pela importância que os sonhos têm para a teoria psicanalítica, pois eles oferecem a prova de que o inconsciente existe e que tenta influenciar as decisões do Eu. Quando perguntamos quem controla os sonhos e vemos que não se trata de um processo consciente, senão poderíamos literalmente "controlá-lo", resta por definição lógica que se trata de um processo inconsciente, de que algo da mente não dorme e insiste em se fazer representar, como no caso de sonhos recorrentes.

Sobre a interpretação, Freud diz no texto "O Manejo da Interpretação de Sonhos na Psicanálise":

Quem passar da interpretação de sonhos para a clínica analítica conservará o interesse no conteúdo dos sonhos, e tenderá a interpretar tão completamente quanto possível cada sonho relatado pelo paciente. Mas cedo observará que está trabalhando agora sob condições inteiramente diversas e

que, se tentar levar a cabo sua intenção, entrará em choque com as tarefas mais imediatas do tratamento (FREUD, 1911/1996, p.101).

Então compreendemos que a interpretação dos sonhos é uma técnica acessória em psicanálise e que deve ser deixada de lado se a exigência da clínica pedir. Mesmo assim a técnica é aquela em que Freud empregou mais tempo em sua composição, pois reflete a maneira pela qual trabalhamos com os conteúdos inconscientes.

Seguindo o percurso da descoberta do inconsciente, cabe tratar dos elementos que constituem a primeira e segunda tópica da estrutura do aparelho psíquico, o que possibilitará mais a frente discutir esses elementos para o indivíduo surdo.

Ao perceber a presença da amnésia nos discursos dos pacientes, Freud conjectura a presença do mecanismo de recalque. É bem sabido para Freud que o cérebro não registra toda informação que o indivíduo presencia, mas, neste caso, está-se falando de grandes lacunas em eventos significativos, além de deformações específicas em memórias com o intuito de suavizar determinados conteúdos. Roudinesco e Plon (1998, p.647) afirmam que,

Para Sigmund Freud, o recalque designa o processo que visa a manter no inconsciente todas as ideias e representações ligadas às pulsões e cuja realização, produtora de prazer, afetaria o equilíbrio do funcionamento psicológico do indivíduo, transformando-se em fonte de desprazer. Freud, que modificou diversas vezes sua definição e seu campo de ação, considera que o recalque é constitutivo do núcleo original do inconsciente.

A presença do recalque e a atividade dos sonhos, como uma atividade mental diversa da consciência fazem com que Freud dê ênfase ao inconsciente e o denomine o objeto de estudo da psicanálise. Sobre o inconsciente, sua estruturação na metapsicologia freudiana, permite dizer que este é um termo que pode ser aplicado para compreendermos tanto o desenvolvimento do sujeito ouvinte quanto do surdo.

Situar o inconsciente como uma parte da mente diversa à consciência que armazena os conteúdos advindos de um processo perceptivo que foram rechaçados pelo processo de recalque (primeira tópica) privilegia todas as formas de apreensão da realidade. Freud compara o aparelho psíquico (na primeira tópica) com um aparelho fotográfico que capta toda estimulação externa, criando traços mnêmicos (memória) dentro do sistema.

Por conseguinte, retrataremos o aparelho psíquico como um instrumento composto a cujos componentes daremos o nome de “instâncias”, ou (em prol de uma clareza maior) “sistemas”. Pode-se prever, em seguida, que esses sistemas talvez mantenham entre si uma relação espacial constante, do mesmo modo que os vários sistemas de lentes de um telescópio se dispõem uns atrás dos outros. [...] A primeira coisa a nos saltar aos olhos é que esse aparelho, composto de sistemas, tem um sentido ou direção. Toda a nossa atividade psíquica parte de estímulos (internos ou externos) e termina em inervações. Por conseguinte, atribuiremos ao aparelho uma extremidade sensorial e uma extremidade motora. Na extremidade sensorial, encontra-se um sistema que recebe as percepções; na extremidade motora, outro, que abre as comportas da atividade motora. Os processos psíquicos, em geral, transcorrem da extremidade perceptual para a extremidade motora. [...] Em nosso aparelho psíquico, permanece um traço das percepções que incidem sobre ele. A este podemos descrever como “traços mnêmicos”, e à função que com ele se relaciona damos o nome de “memória” (FREUD, 1900b/1996, p. 567-568).

Nesta primeira estruturação do aparelho psíquico, o aspecto dinâmico é enfatizado quando inserimos a noção de pulsão, uma energia que se situa entre o psíquico e o somático, que faz com que haja a ativação da memória e a ação, propriamente dita. Sobre a pulsão, esta representa um dos conceitos centrais no método freudiano, tanto que seu ensino nos “Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade” (1905b/1996) apresenta um desenvolvimento psicosssexual, que mostra o caminho da pulsão.

Além do inconsciente, na primeira teorização sobre o aparelho psíquico, há o pré-consciente e a consciência. Assim,

Descreveremos o último dos sistemas situados na extremidade motora como o “pré-consciente”, para indicar que os processos excitatórios nele ocorridos podem penetrar na consciência sem maiores empecilhos, desde que certas condições sejam satisfeitas: por exemplo, que eles atinjam certo grau de intensidade, que a função que só se pode descrever como “atenção” esteja distribuída de uma dada maneira, etc. Este é, ao mesmo tempo, o sistema que detém a chave do movimento voluntário. Descreveremos o sistema que está por trás dele como “o inconsciente”, pois este não tem acesso à consciência senão através do pré-consciente, ao passar pelo qual seu processo excitatório é obrigado a submeter-se a modificações (FREUD, 1900b/1996, p. 571).

Estas instâncias, como situam Freud, fazem parte de uma mesma mente, mas encontram-se em posições diferentes em relação ao ato perceptivo-motor, sendo uma mais ligada à realidade (consciência) e outra mais ligada aos aspectos internos (inconsciente). Esta é uma fase de definição tópica e dinâmica do aparelho psíquico de Freud, necessária para que ele possa descrever o mecanismo de produção dos

sonhos, a partir de um funcionamento regressivo do aparelho psíquico. A estruturação deste aparelho psíquico precisou ser reestruturada mais à frente e ganhou contornos mais dinâmicos, o que resultou numa teoria com forte aspecto psicodinâmico.

Partindo para a segunda noção de aparelho apresentada por Freud no texto “O Ego e o Id” (1923/1996), situamos que no sistema de estrutura da personalidade psicodinâmica são importantes os conceitos de Isso, Eu e Supereu<sup>4</sup>. Sobre o Ego (Eu), Freud descreve:

Formamos a ideia de que em cada indivíduo existe uma organização coerente de processos mentais e chamamos a isso o seu ego. É a esse ego que a consciência se acha ligada: o ego controla as abordagens à motilidade – isto é, à descarga de excitações para o mundo externo. Ele é a instância mental que supervisiona todos os seus próprios processos constituintes e que vai dormir à noite, embora ainda exerça a censura sobre os sonhos (FREUD, 1923/1996, p. 30).

Observamos uma mudança na conceituação topológica do aparelho psíquico, para uma estruturação que melhor define a função destas instâncias na vida cotidiana dos indivíduos. O Ego (Eu) pensa ser o “senhor da casa”, no sentido que detém em si toda a consciência. Entretanto, uma das grandes novidades desta segunda estruturação do aparelho psíquico é a noção de que parte do ego é inconsciente. Daí deduzirmos haver um conteúdo latente que, embora não esteja exatamente sendo processado pela consciência em determinado instante, pode facilmente ser acessado por ela assim que as associações são formadas.

Nesta segunda tópica do aparelho psíquico Freud não trabalha mais com a ideia de um Pré-consciente. Sobre o Id (Isso), ele destaca:

Examinaremos agora o indivíduo como um id psíquico, desconhecido e inconsciente, sobre cuja superfície repousa o ego, desenvolvido a partir de seu núcleo, o sistema Pcpt<sup>5</sup>. Se fizermos um esforço para representar isso pictoricamente, podemos acrescentar que o ego não envolve completamente o id, mas apenas até o ponto em que o sistema Pcpt. forma a sua [do ego] superfície, mais ou menos como o disco germinal repousa sobre o óvulo. O ego não se acha nitidamente separado do id; sua parte inferior funde-se com ele. Mas o reprimido também se funde com o id, e é simplesmente uma parte dele (FREUD, 1923/1996, p. 37-38).

---

<sup>4</sup> Utilizaremos estes termos em consonância com a tradução francesa direta do alemão que indica a correspondência com os termos *Das es*, *Ich* e *Überich*, diferente dos adotados nas versões inglesas Id, Ego e Superego.

<sup>5</sup> Abreviação de Perceptivo.

Esta noção de um Ego (Eu) que mantém uma relação direta com o Id (Isso) é uma das grandes inovações desta tópica e aproxima-se da alusão que Freud faz da mente como um iceberg. O Ego (Eu) seria aquilo que pode ser visto da superfície no iceberg, compreendendo uma boa parte submersa, até onde os olhos de um espectador podem ver. O Id (Isso) estaria mais ao fundo, mas manteria uma relação com o Ego (Eu), já que fazem parte de uma mesma mente. A noção de Id (Isso) apresentada aqui demonstra que ele todo faz parte do inconsciente, e tudo que há de reprimido (recalcado) está neste inconsciente, tem um peso para o sistema todo e busca se representar a todo momento.

A instância do Superego (Supereu) aparece pela primeira vez na teoria freudiana como uma instância ligada à moralidade. Desse modo,

As considerações que nos levaram a presumir a existência de uma gradação no ego, uma diferenciação dentro dele, que pode ser chamada de 'ideal do ego' ou 'superego', foram enunciadas em outro lugar. Elas ainda são válidas. O fato de que essa parte do ego está menos firmemente vinculada à consciência é a novidade que exige explicação (FREUD, 1923/1996, p. 41).

Esta segunda estruturação do aparelho psíquico nos apresenta três instâncias que serão cruciais para a determinação das estruturas de personalidade em psicanálise, com relação com a teorização do Complexo de Édipo. Este é o cerne do desenvolvimento em psicanálise; quando ele é destruído, o sujeito ingressa em uma estrutura de personalidade e numa posição na sexualidade. Para Freud (1924a, p.193), no texto "A dissolução do complexo de Édipo", ele assevera:

[...] o complexo de Édipo revela sua importância como o fenômeno central do período sexual da primeira infância. Após isso, se efetua sua dissolução, ele sucumbe à regressão, como dizemos, e é seguido pelo período de latência. [...] Não tenho dúvida de que as relações cronológicas e causais, aqui descritas, entre o complexo de Édipo, a intimidação sexual (a ameaça de castração), a formação do superego e o começo do período de latência são de um gênero típico, porém não desejo asseverar que esse tipo seja o único possível. Variações na ordem cronológica e na vinculação desses eventos estão fadadas a ter um sentido muito importante no desenvolvimento do indivíduo.

Quando situa que variações de ordem cronológica importam no Complexo de Édipo, Freud mostra que, apesar de situarmos este evento na fase fálica, não há uma ordem cronológica do desenvolvimento psicosssexual (fase oral, anal, fálica e genital). Cada indivíduo vai ter um tempo diferente de desenvolvimento.

Neste momento, finalizando a exposição de alguns conceitos importantes em psicanálise, partiremos para outro ponto, onde realizaremos uma breve revisão da teoria linguística de Ferdinand de Saussure, que é a base da reinterpretação de Lacan sobre a teoria freudiana. Este é o ponto ao qual queremos chegar nesta tese: o método proposto por Lacan, em sua releitura da psicanálise freudiana a partir de Saussure, comporta o tratamento dos indivíduos surdos?

## **2.2 Avanços da Linguística de Ferdinand de Saussure**

A psicanálise em seu desenvolvimento, principalmente na perspectiva francesa, se articulou com a linguística estruturalista de Saussure. Este foi um linguista suíço que remodelou as bases da linguística, conferindo-lhe maior status, e ao mesmo tempo criou um movimento que inaugurou nas ciências humanas uma nova forma de pesquisa remodelando ao mesmo tempo a sociologia, a antropologia e a psicanálise.

Através de Lacan, que cortejou os princípios saussurianos para a psicanálise, tivemos uma releitura da teoria freudiana e a composição de novos termos. Esse movimento realizado por Lacan o fez romper com a sociedade psicanalítica francesa, da qual foi expulso, e criar uma nova linha de psicanálise (mantendo o fundamento freudiano de análise do inconsciente) a partir da crítica à “Psicologia do Ego”, como ele intitulava o movimento americano.

Precisamos desvincular da noção de linguística saussuriana a concepção de filologia (estudo da variação linguística) e de semiologia (estudo dos signos). A linguística moderna instaurada por Saussure tem como objetivo estudar a linguagem verbal, deixando de lado as expressões não-verbais que são do campo da Semiologia. Nem se preocupa tanto com a raiz de uma língua, pois diz sempre que o estado atual é tudo que é preciso saber dela, pois representa como os usuários estão utilizando-a. Estudar a raiz e as variações, principalmente em consulta aos textos antigos, faz parte do campo da filologia.

Para entendermos a linguística como Saussure a entende, temos que definir bem alguns termos que fazem parte de seu ensino e que estarão expressos também em psicanálise. Tudo isso para, no tópico seguinte sobre Lacan, marcar a diferença entre eles.

A língua, para Saussure, é um sistema de signos organizados, um idioma que, ao mesmo tempo, possui em sua composição as normas, as regras e as formas de expressão (linguagem) e também um aspecto social dado pela fala. Já o signo linguístico pode ser expresso nos termos de uma relação entre significado e significante, sendo ambos psíquicos: o primeiro, representado pelo conceito, e o segundo, pela imagem acústica.

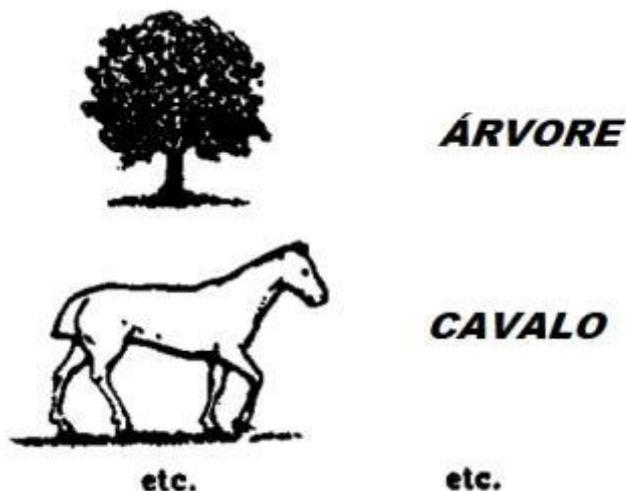
O fenômeno linguístico apresenta duas faces que se correspondem e das quais uma não vale senão pela outra. Assim, não podemos reduzir a língua ao som nem separar o som da articulação vocal; o som forma com a ideia uma unidade complexa fisiológica e mental; a linguagem tem um lado individual e social; a linguagem implica um sistema estabelecido e uma evolução, uma instituição atual e um produto do passado (SAUSSURE, 2006).

Em Saussure encontramos um profundo estudo da língua e de sua variação, mas não encontramos uma resposta para os termos mentais da organização da língua na mente. Este é um estudo que se inicia depois na década de 1950, com a psicolinguística, mas em psicanálise inicia-se com Lacan, como veremos a seguir.

Como mencionado, Saussure apresenta a definição de língua como um idioma que possui ao mesmo tempo um sistema definido de regras (linguagem) e uma expressão social (fala), que é resultado de uma incorporação da linguagem. A linguística para esse teórico estuda a linguagem verbal que é composta por signos. Estes signos podem ser divididos didaticamente em significante e significado e não podem, como os dois lados de uma mesma moeda, ser separados.

Sobre esse conceito de signo há uma confusão que influencia muito a relação da psicanálise com a surdez que é a definição de significante como uma imagem acústica. Segue a Figura 1 a seguir sobre a relação significante e significado, formando o signo linguístico.

**Figura 1 – Natureza do signo linguístico**



**Fonte:** Curso de Linguística Geral (SAUSSURE, 2006).

Como podemos ver, o significante relaciona-se com o significado, que é o conceito que pretendemos expressar, e forma um elo coeso que liga de modo arbitrário estes dois elementos. Pensemos na relação de arbitrariedade do signo linguístico: essa associação entre um conceito e uma imagem acústica não é natural, é formada através da adoção da comunidade linguística sobre aquele termo. Isso indica que as palavras não são criadas ao bel-prazer dos usuários, mas necessitam da aprovação do grupo. Esta é a base de todos os idiomas.

A Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), como idioma complexo, apesar de, ter tido inicialmente uma elaboração artificial para que pudesse representar a cultura surda, já assimilou variações linguísticas suficientes que a fizeram se tornar diferente de como foi pensada em sua origem. Não questionamos o estatuto de língua no que concerne à LIBRAS, o que fazemos neste ponto é reconhecer que o idioma, quando aceito por uma comunidade, passa a sofrer modificações que introduzem nele elementos daquela cultura.

A definição que Saussure apresenta de significante traz uma problemática para a compreensão da LIBRAS como idioma. Quando ele expressa que significante é uma imagem acústica, ou seja, a representação psíquica que temos do som, ele cria uma articulação desnecessária com a fonética, permitindo chamar de idioma somente aquelas línguas que possuem base na oralidade.

Saussure (2006, p.80) diz sobre o signo linguístico e sobre o significante:

O signo linguístico não é uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica. Esta não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão (*empreinte*) psíquica desse som, a representação que dele nos dá o testemunho de nossos sentidos; tal imagem é sensorial e, se chegarmos a chamá-la “material”, é somente neste sentido, e por oposição ao outro termo da associação, o conceito, geralmente mais abstrato. O caráter psíquico de nossas imagens acústicas aparece claramente quando observamos nossa própria linguagem. Sem movermos os lábios nem a língua, podemos falar conosco ou recitar mentalmente um poema. E porque as palavras da língua são para nós imagens acústicas, cumpre sempre falar dos “fonemas” de que se compõem. Esse termo, que implica uma ideia de ação vocal, não pode convir senão à palavra falada, à realização da imagem interior no discurso. Com falar de sons e sílabas de uma palavra, evita-se o mal-entendido, desde que nos recordemos tratar-se de imagem acústica.

Esse pesquisador não responde satisfatoriamente a questão do que significa uma imagem acústica. Isso ocorre por faltar nele uma noção psicológica, o que deixa em aberto esse termo, tornando-o uma expressão de caráter quase que enigmático. Veremos a seguir o que, a partir destes conceitos do estruturalismo saussuriano, Lacan realiza em termos de releitura e inovação na psicanálise.

### 2.3 Lacan e a Constituição do Sujeito

Esta pesquisa segue a perspectiva da psicanálise francesa e, o principal autor estudado neste ponto é Jacques Lacan. Segundo Jorge e Ferreira (2005), Lacan, ao denunciar o erro teórico que a IPA<sup>6</sup> estava cometendo ao privilegiar uma “Psicologia do Ego”, lançou novas bases para o movimento, “atualizando” a teoria psicanalítica, correlacionando-a à linguística de Saussure. Sobre a psicanálise, Lacan (2008) nos fala:

A psicanálise, devo lembrar a título de preâmbulo, é uma disciplina que no conjunto das ciências se apresenta a nós com uma posição realmente particular. Costumam dizer que ela não é uma ciência propriamente dita, o que parece implicar por contraste que ela é simplesmente uma arte. É um erro, se por isso entendermos que ela é tão-somente uma técnica, um método operacional, um conjunto de receitas. [...] Por outro lado, vemos emanar da psicanálise métodos que, eles sim, tendem a objetivar modos de agir sobre o homem, o objeto humano. Não passam, contudo, de técnicas derivadas dessa arte fundamental que é a psicanálise, na medida em que é constituída por essa relação intersubjetiva que não pode, como lhes disse, esgotar-se, pois ela é o que nos faz homens (LACAN, 2008, p.11-13).

---

<sup>6</sup> Associação Psicanalítica Internacional, fundada pelo próprio Freud em 1910.

É nesta posição mais relacionada com a arte do que com a ciência nos ditames positivistas, para poder se relacionar com outros campos, que compreendemos a psicanálise lacaniana.

Sobre a influência de Saussure na psicanálise francesa, verificamos que houve pelo menos duas grandes inversões que Lacan fez na releitura da psicanálise dos conceitos saussurianos: a primeira delas foi a inversão da prevalência dada ao significado, para uma importância maior ao significante; a segunda diz respeito ao critério de arbitrariedade (imotivado) que em Lacan passa a ser reconhecido como de motivação inconsciente.

Se o significante for concebido como mais importante da relação dentro do signo linguístico e, por conta disso, autônomo em relação ao significado, podemos pensar que essa sua centralidade abre espaço para que ele assuma uma função diferente da de significar: “a de representar o sujeito e também a de determiná-lo” (CHEMAMA; VANDERMERSCH, 2007, p.347).

Entretanto Lacan não deixa de comparar a própria descoberta freudiana à de Saussure, ao mencionar:

Quando ele faz uma análise do inconsciente, em qualquer nível, Freud faz sempre uma espécie de análise linguística. Freud tinha inventado a nova linguística antes dela nascer. Você me perguntava em que me distinguia de Freud: nisto, no fato de que eu conheço a linguística. Ele não a conhecia e, portanto, não podia saber que o que fazia era linguística. E a única diferença entre sua posição e a minha baseia-se no fato de que eu, abrindo um livro seu, em seguida posso dizer: isto é, linguística. Eu posso dizer isso porque a linguística surgiu alguns anos depois da psicanálise. Saussure começou logo após que Freud, em A Interpretação dos Sonhos, escreveu um verdadeiro tratado de linguística. Esta é a minha "distância" de Freud (LACAN, 1966, p.24).<sup>7</sup>

Observamos que Lacan não apenas trata seu ensino da psicanálise considerando-o algo particularmente tocado pela linguística estruturalista de Saussure, como também já percebe em Freud essa relação. Para ele, a “Interpretação

---

<sup>7</sup> *Quand il fait une analyse de l'inconscient, à n'importe quel niveau, Freud fait toujours une analyse de type linguistique. Freud avait inventé la nouvelle linguistique avant qu'elle ne naisse. Vous me demandiez en quoi je me distingue de Freud: en ceci que je connais la linguistique. Lui ne la connaissait pas, il ne pouvait donc pas savoir que ce qu'il faisait c'était de la linguistique, et la seule différence entre sa position et la mienne s'appuie sur le fait que moi, en ouvrant un de ses livres, je peux tout de suite dire: c'est de la linguistique. Je peux le dire parce que la linguistique est apparue quelques années après la psychanalyse. Saussure a commencé peu après que Freud, dans L'interprétation des rêves, a écrit un véritable traité de linguistique. Voilà ma "distance" par rapport Freud.*

dos Sonhos” já é um texto completamente tocado por essa concepção que Saussure vai apresentar anos depois.

Entendemos então o significante como essencial à releitura lacaniana das obras de Freud e, ao mesmo tempo, um dos aspectos que liga o seu ensino ao do criador da psicanálise, já que estão tratando de temas similares. Mas em relação a Saussure, temos que pensar se a conceituação de Lacan do significante subverte totalmente o conceito de significante ou se apenas demonstra elementos antes não considerados pelo linguista. Chemama e Vandermersch (2007, p.348), no dicionário de psicanálise, propõem esta questão:

Afinal de contas, seria ainda o significante assimilável à imagem acústica? Em todo o caso, para Lacan, não é esta a sua definição. Evidentemente a medida que o opomos à significação, o significante é identificado, na maioria das vezes, com uma sequência fonemática.

Realmente, em se tratando da relação com o significado, a partir do descolamento de sua exata relação, o conceito de significante em Lacan é completamente diferente do de Saussure. Implica uma relação com a constituição do sujeito, uma vez que invade, ecoa e se faz representar em um inconsciente estruturado como linguagem. Analisando melhor o conceito, em termos da conceituação saussuriana de uma “imagem acústica”, percebemos que Lacan não refuta totalmente este conceito, apenas privilegia outras relações, mantendo, porém, a centralidade fonética.

Lacan (1986, p.91) expõe primeiramente suas ideias sobre um momento fundamental da constituição do sujeito, o Estádio do Espelho, e seguindo o pensamento freudiano, coloca que este não é apenas “um momento de desenvolvimento, [...] porque revela certas relações do sujeito com sua imagem”. A despeito do termo desenvolvimento, como já foi dito antes, já observamos em Freud a rejeição do aspecto linear que essa palavra traz.

Quando Freud nos mostra os caminhos que as pulsões seguem, ele não situa um desenvolvimento destas, mas suas vicissitudes, pois quando fala dos estágios oral, anal, fálico e genital não os coloca como fases dentro de uma cronologia. Para ele, não há estágios mais ou menos avançados, há, sim, profundas inter-relações entre eles e no estágio fálico há um momento de ressignificação dos outros estágios.

Segundo Roudinesco e Plon (1998), infelizmente existem poucos textos lacanianos sobre o Estádio do Espelho, assunto que seria o tema de um seminário na IPA em 1936, mas que foi interrompido por Ernest Jones depois de dez minutos de comunicação, alegando falta de tempo. Lacan não deixou uma cópia do texto para integrar a coletânea de seminários apresentados; as poucas notas dessa contribuição devem-se a anotações de Françoise Dolto. Mais tarde, a convite de Henri Wallon, Lacan escreveu para a *Encyclopédie française* em 1938 sobre o tema família, onde colocou elementos do texto que apresentaria a IPA. Em julho de 1949, no XVI Congresso Internacional de Psicanálise, em Zurique, Lacan apresentou o texto “O estádio do espelho como formador da função do eu”, presente nos Escritos.

Lacan em seu estudo propõe uma releitura da obra de Freud e, ao ingressar numa discussão sobre “A Interpretação dos Sonhos”, diz que tomou a liberdade de fazer um esquema para responder uma questão levantada pela primeira tópica freudiana, o primeiro esquema do aparelho psíquico. Roudinesco e Plon (1998) dizem que Lacan pegou elementos da pesquisa de Wallon, que teorizou sobre a “Prova do Espelho”, que mostra como a criança vai aos poucos diferenciando seu corpo da imagem que observa no espelho.

Lacan (1986, p.92) diz que Freud, neste livro sobre os sonhos, compara seu modelo do aparelho psíquico a um “microscópio complicado do aparelho fotográfico”. Por que essa relação? Porque este é o local psíquico onde se forma a imagem. Para isso, ele nos mostra como algo do mundo externo adentra o aparelho pela percepção e lhe faz uma marca, um traço mnêmico. Este é o representante mental daquilo que foi apreendido pela experiência e pode ser evocado — agora que se tornou um traço mnêmico — ao bel-prazer do sujeito.

Podemos dizer que este traço de memória que Freud aponta pode se reportar às sensações visuais e aos outros sentidos. Por isso podemos dizer que não somente conhecemos a palavra “frio”, ou, no caso do surdo, o sinal, como também podemos evocar aquela situação de frio, seja no sonho, seja através do pensamento cotidiano. Com base nas questões deixadas com a primeira tópica freudiana do aparelho psíquico, Lacan se pergunta, baseado em seu sistema R.S.I.<sup>8</sup>: qual é o momento de junção desses três registros?

---

<sup>8</sup> Sigla de Real, Simbólico e Imaginário.

Primeiramente, temos que dizer que Lacan postula seu sistema R.S.I. a partir da releitura da obra freudiana, mas, além disso, apresenta influências de outras ciências de sua época, dentre elas, a linguística, a antropologia estrutural e a matemática.

Assinalamos que, ao nascer, uma marca simbólica é feita no bebê (*infans*), um nome lhe é dado, todos dizem: “Este é Pedro”, por exemplo. E mais tarde, segundo Lacan (1986, p.96), ele “aprenderá a reivindicar o direito e a defesa de ser Pedro”; saberá operar no Simbólico. Mas, para isso, ele deve aprender a se reconhecer, pois *a priori* não consegue nem se diferenciar do corpo de sua mãe. Esse reconhecimento fará surgir a instância que controla a consciência e permitirá que o sujeito possa adentrar no engodo de ter o controle sobre seus atos, surgirá o Eu. O reconhecimento da imagem no espelho serve também para interligar os três registros e fazer com que o *infans* possa operar neles (LACAN, 1986).

No texto de 1949, Lacan expõe melhor o conceito de “Estádio do espelho” e da sua importância em relação à formação do Eu. Ele fala como o *infans* sente o seu corpo despedaçado, uma vez que não possui a consciência da sua totalidade. O que sente são braços e pernas desarticulados, chegando a assumir como sua, partes do corpo de sua mãe. O seio é para o *infans* seu objeto e seu próprio corpo. É pela via do autoerotismo que Freud já falava nos “Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade” (1905b) que o sujeito começa a sentir a forma de seu corpo, através da pulsão sexual voltada para o corpo.

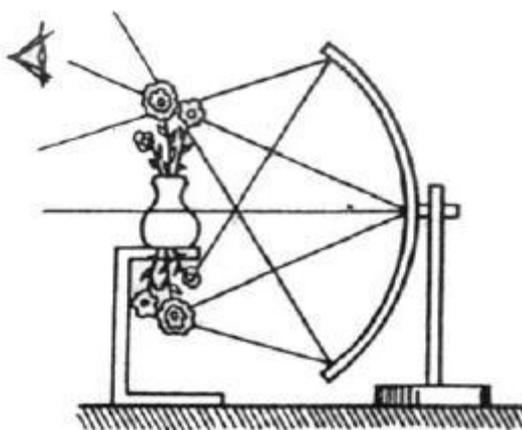
Este autoerotismo está presente em todas as fases do desenvolvimento da pulsão postuladas por Freud. Na fase oral, por exemplo, o afago à criança na hora da amamentação é autoerótico; ela sente prazer nesse corpo que ainda não está unificado e que não reconhece um limite com o da mãe. Os cuidados que a mãe tem com a criança, os banhos, o tocar delineiam a forma do corpo da criança. Por meio da ausência da mãe, a criança pode estabelecer também limites entre o que é dela e o que é do outro. É claro que ele está falando de uma criança ouvinte, considerando os conceitos linguísticos que importa de Saussure, mas, neste primeiro momento, percebemos que sua teorização também abrange os indivíduos surdos.

O sujeito agora possui uma pequena noção de como é seu corpo, mas ainda não possui o controle motor sobre ele. E é nesse momento, que a criança assume como sua a imagem especular. Como assim? De que imagem estamos falando? Realmente precisa ser do espelho? A despeito dessas questões,

analisaremos mais um pouco o Seminário I – “Os Escritos Técnicos de Freud” – de Lacan, no capítulo sobre a Tópica do Imaginário.

Lacan está nos apresentando o experimento do buquê invertido (Figura 2), fazendo articulações com a Óptica, que, segundo ele, apoia-se na hipótese de que todo ponto no espaço real pode ser representado no espaço imaginário. Temos imagens reais, que se comportam como objetos: uma cadeira ou uma mesa; imagens virtuais, que são puramente subjetivas e podem ser derivadas das imagens reais, como um arco-íris, que na verdade não está ali no horizonte onde o olhamos, mas a ilusão de ótica nos faz supor que sim.

**Figura 2** – Experimento do Buquê Invertido



**Fonte:** LACAN, 1953-1954/2009, p.107.

Para Lacan, o aparelho psíquico se comporta não como um microscópio complicado como disse Freud, mas como algo mais simples, daí trazer o experimento do buquê invertido.

No experimento há um espelho esférico posto de frente a um vaso, que por sua vez está colocado a certa altura, por estar apoiado em uma caixa oca, na qual se colocam as flores. O vaso alcança o centro do espelho, então vemos se formar não apenas a imagem do vaso como tal, mas aparece ali um vaso de flores, uma imagem real. Tal imagem só se formará se olhada de uma determinada posição, pois, apesar de não estar lá, para o olho que vê de uma determinada posição a imagem se forma como se fosse real. Lacan nos diz que é assim, através desse olho, que para ele

representa o simbólico, uma direção, que o sujeito se antecipa à maturação motora e assume como sua aquela imagem presentificada pelo espelho.

De que espelho se trata? Não é sem dúvida somente do espelho tal como objeto doméstico, mas o da relação de alteridade. Por poder perceber a forma de um outro<sup>9</sup> como semelhante, o sujeito se precipita e assume a imagem. Este é o molde da sua relação com os objetos a partir de agora, marcados pelo acesso ao Imaginário.

Decerto, muitas vezes, antes de realizar um movimento, o sujeito se precipita e constrói a imagem mental da ação que vai realizar. Não é apenas essa relação criada aqui, o sujeito pode projetar e estabelecer relações com os outros imaginariamente, sem que estas existam de fato.

Mas como é possível que o *infans* assuma a imagem? Para Lacan, é pela via simbólica que vem do Outro (Lei) que ele pode fazer esse movimento. Esse Outro, que nomeia para ele aquela imagem, faz com que o *infans* possa surgir enquanto Eu. Como o Eu se forma como instância a partir disso? E se o Estádio do Espelho é um momento de junção dos três registros, onde está o registro do Real?

O Real se apresenta no momento em que a imagem assumida, de fato não está lá, sendo um engodo. Isso porque na obra lacaniana o Real representa a falta, a impossibilidade de completa satisfação. Mas o Real somente se interliga aos outros dois registros, de fato, após a ameaça de castração no Complexo de Édipo ou se pensarmos em Lacan, o Nome-do-Pai.

Este momento da constituição do sujeito em Lacan aponta para a interdição imposta pelo pai ao bebê da realização de seu desejo incestuoso pela mãe, mas ao mesmo tempo que barra aponta para outras possibilidades de desejo. Assim, temos conectadas as três instâncias: a relação imaginária e as futuras relações substitutivas (Imaginário), a intervenção pelo ato simbólico do não (Simbólico) e a própria impossibilidade de satisfação que apresenta mais propriamente a condição humana de falta (Real).

Sobre a formação do Eu, Lacan aponta a importância da experiência do corpo sentido como despedaçado e do autoerotismo que serve para fazer a primeira delimitação daquilo que mais tarde vai se tornar o Eu. A identificação com uma imagem vai proporcionar à criança uma ilusão de completude, antagônica aos momentos caóticos que ela viveu ao sentir seu corpo esfacelado. A delimitação feita pelo limite

---

<sup>9</sup> O termo outro é grafado em minúscula (outrinho) para situar a alteridade em Lacan.

do corpo e a construção do Eu permite à criança situar o que faz parte dela ou não, o que ela é e o que não é. Esta relação teve um correlato anterior, quando a criança ainda se sentia parte do continente<sup>10</sup> que é a mãe.

Os objetos<sup>11</sup> que não lhe eram acessíveis causavam desprazer e eram considerados maus. A criança os rejeitava e os destruía, mas ao mesmo tempo os temia, pois acreditava que eles possuíam os impulsos de destruição que ela mesma se sentia capaz de efetuar. Já os objetos considerados bons eram aqueles sentidos como prazerosos e que eram concebidos, ao mesmo tempo, como parte dela mesma.

Analisaremos as relações presentes no Complexo de Édipo-Castração, conceito central na teoria freudiana, pois são a base para entendermos a Constituição do Sujeito em Lacan. Freud o articula com o complexo de castração e trabalha as suas relações desde o início de sua obra. Vale ressaltar que as relações estão, em nível inconsciente e que, depois do complexo, advém a amnésia infantil, que torna difícil a recordação desse período.

Voltando ao momento da relação estabelecida entre a mãe e a criança, na qual esta criança não tem ainda uma noção do limite de seu corpo, percebemos como se articula o Complexo de Édipo para o menino e a menina, além das possíveis saídas. A ausência que a mãe intercala no cuidado do bebê começa a apontar para a criança que ela e sua mãe não são um só. Além disso, aponta para a existência de algo para-além do desejo que a mãe sente por ela, e por não conhecer quem habita este lugar, a criança coloca ali o falo<sup>12</sup>.

A criança para ter sua mãe de volta acredita que deve chamar sua atenção e só poderá fazê-lo se ela mesma for o falo. A criança passa a vivenciar essa situação de ser ou não ser o falo, quando a mãe vem e quando ela vai. A mãe aponta a presença de um terceiro, possuidor do falo – o pai –, que vem intervir nessa díade. A criança passa a rivalizar com o pai pelo amor da mãe e, no caso do menino, através da ameaça de castração, da qual o pai é incumbido, o menino renuncia ao amor da mãe (no caso da neurose) e passa a aprender com o pai como ter o falo.

---

<sup>10</sup> Termo de Melanie Klein que Lacan utiliza em seu Seminário I, no capítulo sobre “A tópica do Imaginário”, já que apresenta um caso por ela atendido, situando neste conceito a relação da criança com o corpo da mãe.

<sup>11</sup> Este conceito em psicanálise representa todas aquelas pessoas ou coisas que podem receber investimento pulsional.

<sup>12</sup> Este conceito utilizado por Freud representa o “poder”.

Essa é uma das saídas do Complexo de Édipo para o menino, que formará através do temor da castração a instância do Supereu. Diferente desta saída, o menino pode ainda sentir-se castrado com a intervenção do pai, restando-lhe a opção de identificar-se com a mãe (castrada) e colocar o pai como objeto de amor. Freud (1924a), em “A Dissolução do Complexo de Édipo”, diz que

O complexo de Édipo possui uma orientação dupla, ativa e passiva, de acordo com sua constituição bissexual; o menino também deseja tomar o lugar de sua mãe como objeto de amor de seu *pai* — fato que descrevemos como sendo a atitude feminina (FREUD, 1924a, p.278-279).

Já a menina entra no Complexo de Édipo pela castração. Achando-se em desvantagem, desenvolve o que Freud nomeia de inveja do pênis, quando a menina acredita que seu pênis ainda não cresceu, mas logo não poderá manter mais essa posição. A menina inconscientemente culpa sua mãe pela desvantagem anatômica e passa a tratar o pai como objeto de amor, rivalizando com a mãe. A menina crê que pode adquirir um pênis que lhe foi negado pela mãe com o pai, já que, segundo Lacan, ele é o possuidor do falo (FREUD, 1924a).

A equação que se estabelece aqui, que Freud chama de simbólica, remonta à fase anal em que as fezes se equivalem a presentes e aqui a bebês (com a teoria sexual infantil), sendo possível colocar neste lugar do bebê o falo, que pode ser dado pelo pai. A menina deseja inconscientemente que o pai lhe dê um pênis, através de um bebê gerado por ambos, mas devido à não concretização disto o Complexo sucumbe e a menina passa a procurar um homem que possa lhe dar um filho (FREUD, 1924a).

Para Freud, o Complexo de Édipo na menina pode ainda ocorrer de forma que ela permaneça na situação de ter a mãe como objeto de amor e rivalizando com o pai, a princípio e depois se identificando com ele, na posição masculina. Revela-se assim não só a constituição de uma posição homossexual feminina, mas o posicionamento ativo dela frente à sexualidade, tendo o clitóris como principal zona erógena. Freud (1931/1996), no texto “Sexualidade Feminina”, apresenta um pouco mais desta posição feminina, manifestando que:

[...] o desenvolvimento da sexualidade feminina é complicado pelo fato de a menina ter a tarefa de abandonar o que originalmente constituiu sua principal zona genital — o clitóris — em favor de outra, nova, a vagina. [...] Sua vida sexual é regularmente dividida em duas fases, a primeira das quais possui

um caráter masculino, ao passo que apenas a segunda é especificamente feminina. Assim, no desenvolvimento feminino, há um processo de transição de uma fase para a outra, do qual nada existe de análogo no homem. [...] Uma outra complicação origina-se do fato de o clitóris, com seu caráter viril, continuar a funcionar na vida sexual feminina posterior, de maneira muito variável e que certamente ainda não é satisfatoriamente entendida (FREUD, 1931/1996, p.233).

O Complexo de Édipo é um momento ímpar na constituição do sujeito, sendo dele estabelecidas as relações que permitiram o acesso dos sujeitos em uma estrutura (neurose, perversão e psicose) e o posiciona em relação a sua sexualidade. Apresentamos até agora a constituição que leva o sujeito a ingressar na estrutura neurótica e não avançaremos para as outras possibilidades, além de algumas das possíveis saídas em relação à sua sexualidade.

Continuaremos com os caminhos percorridos pela pulsão que Freud traz nos “Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade”. Na Fase Genital, as pulsões encaminham-se para os órgãos genitais que vão ser os responsáveis pela vida sexual “normal” posteriormente. Em ambos os sexos a zona erógena se encontra ligada à micção (o clitóris e a glândula) e as atividades relacionadas com a higiene, como as lavagens, dão a noção à criança do quão estimulante essa zona é. Mais uma vez, o que antes era feito para garantir a sobrevivência passa a servir ao princípio do prazer.

Ainda sobre a Constituição do Sujeito, voltaremos aos conceitos de Ideal de Eu e Eu Ideal trazidos por Freud no texto “Sobre o Narcisismo: uma Introdução”. O Ideal do Eu se forma antes do nascimento da criança e é resultado das expectativas dos pais, o narcisismo deles renascido e projetado sobre a criança. Este investimento narcísico no Ideal de Eu permite à criança formar a instância do Eu, momento que é trazido por Lacan no Estádio do Espelho e por Freud no Narcisismo. Lacan diz que é desse investimento (Ideal do Eu), caracterizado pela via Simbólica, que os pais marcam para o *infans*, no reconhecimento diante de um espelho, que se forma o Eu. O Ideal do Eu é nomeado por Lacan de *moi* (mim), devido ser esta a forma que o sujeito assume, como objeto, em relação ao desejo do Outro.

Da assunção da imagem no espelho temos a formação do Eu, a partir da construção do Eu Ideal, que representa a relação do outro como imagem e vai permitir que a criança passe a medir a si mesma, ou julgar a si mesma. O *infans* defronta-se também com o Ideal do Eu, que representa o posicionamento frente ao desejo do Outro, o que tem a ver com as expectativas parentais para este sujeito. Este Ideal do Eu forma, posteriormente, a instância do Supereu, que irá desempenhar um papel de

controle e censura com os quais o Eu deve lidar. Enquanto o Eu Ideal está no plano do Imaginário, pois todas as perfeições que eram próprias ao narcisismo estão agora dirigidas para ele, o Ideal do Eu relaciona-se com a Lei (Supereu), estando no plano Simbólico.

Em termos de estruturação da mente perante as três instâncias postuladas por Freud, primeiramente temos no sujeito apenas o Isso, que só quer se satisfazer, É do contato com as privações do mundo externo, da renúncia a objetos proibidos e da assunção da imagem que surge o Eu. Este tem a função de mediar os impulsos do Isso e a satisfação que é permitida pelo mundo externo; esta instância dá ao sujeito a impressão de controle, pelo acesso que tem à consciência. Mas no texto freudiano “O Eu e o Id”, de 1923, é apresentada a descoberta de que parte do Eu é inconsciente, no sentido descritivo do termo, pois não se encontra diretamente na consciência, sendo considerado latente.

Até a forma como era concebido o Isso passa a ser diferente, neste segundo esquema do aparelho psíquico que é apresentado, pois nem todo Isso é similar ao recalcado; há uma parte que nunca foi consciente e que nunca será. O termo inconsciente também não é mais colocado como seu similar; para Freud, ele também se aplica à parte do Eu. É bem verdade que todo Isso é inconsciente, mas o inconsciente não se restringe somente ao Isso.

Em o “Eu e o Id” (1923) temos também, além da apresentação da segunda tópica do aparelho psíquico, a plena elaboração daquilo que foi discutido no texto “Além do princípio do prazer” (1920), o segundo dualismo pulsional. Se antes Freud acreditava que a pulsão de autopreservação e a sexual consistiam nas duas formas distintas de representação da energia que circula no aparelho psíquico, ele agora passa a considerá-las como uma única via que age em favor da vida, por isso, constituem a pulsão de vida. Freud (1920) teoriza aqui o segundo dualismo pulsional, entre pulsões de vida e pulsão de morte.

Em o “Eu e o Id” (1923), quando nos fala do aparelho psíquico, o que Freud ressalta a respeito do jogo de forças no aparelho é que este possui uma quantidade de energia e quando há o acúmulo desta sente-se o desprazer. Essa concepção já aparece na primeira tópica, porém a importância desta ressalva está em dizer que o aparelho deve manter uma quantidade de energia, pela via do narcisismo e que se toda energia sair o sujeito pode morrer. Essa é a contribuição sobre a pulsão de morte, um direcionamento da energia para fora do aparelho para conduzir a vida de volta a

um estado de inanição, isto é, a possibilidade que o aparelho tem em sua dinâmica de liberar a energia pulsional, levando ao estado de esgotamento. Qual a importância dessa pulsão de morte e seu dualismo com a pulsão de vida? Freud pensa na dinâmica dessa energia como um estado de gangorra: ora investimos nos objetos (fora do Eu), ora investimos no próprio Eu. Como ele diz, no texto “Eu e o Id”: “Agindo dessa maneira, ambas as pulsões seriam conservadoras no sentido mais estrito da palavra, visto que ambas estariam se esforçando para restabelecer um estado de coisas que foi perturbado pelo surgimento da vida” (FREUD, 1923/1996, p.53).

Associado ao Estádio do Espelho, também temos a noção do Nome-do-Pai, proposição que Lacan usa para analisar o Complexo de Édipo pela via do seu sistema R.S.I. No momento em que o *infans* é barrado pelo Pai, a continuar com a mãe como objeto de amor, ocorre a passagem que ele realiza para o simbólico. Na neurose, essa passagem é feita e a criança deixa seu objeto de amor (mãe) por causa da ameaça de castração que lhe é feita pelo Pai e pode ascender ao Simbólico e assim buscar outros objetos que lhe são apresentados. A castração, pela ideia que traz de falta, presentifica o Real, sendo este o momento em que os três registros se juntam através do Nome-do-Pai.

Por Nome-do-Pai podemos entender, também, o “não do pai”, função que ele exerce no conflito edipiano. Isso só é possível por haver tido primeiro outro deslocamento, a metáfora paterna, a qual permite que o pai venha representar a função de Outro, primeiramente exercida pela mãe e agora transmitida a ele. Primeiramente a criança se encontra ligada à mãe e esta é para ela tanto um objeto de amor quanto aquela que representa a Lei. Essa mãe, estando submetida a um pai (enquanto função), aponta com sua ausência uma falta para a criança, aponta um desejo para-além desta.

A criança, que estava na posição de objeto da mãe, passa a querer ocupar o lugar de desejo do desejo dessa mãe, que ela não conhece, então, coloca o falo como representante dessa falta. Mais tarde a mãe pode apontar para a criança o portador deste falo, aquele a quem ela está submetida, o pai, e este pode intervir na relação simbiótica mãe-criança e permitir o acesso do *infans* ao registro do Simbólico.

As três instâncias juntas pelo Nome-do-Pai aparecem na construção teórica do Estádio do Espelho apenas como seus representantes: a imagem relaciona-se com o Imaginário e a assunção desta imagem permite ao sujeito a utilização do campo da fantasia. O Simbólico nos aparece, primeiro no experimento do buquê, representado

pelo olho que, naquela determinada posição, vê e diz o que deve ser visto para se produzirem os efeitos da fase. O Real aparece como falta, pela dimensão do engodo que é representado pela imagem real que é assumida, sem realmente estar ali.

Finalizando esta fundamentação em psicanálise com os principais conceitos das teorias de Freud e Lacan, apresentaremos os elementos constitutivos das línguas de sinais, em especial a LIBRAS, para ao final tratarmos das implicações nos conceitos clínicos.

### 3 LIBRAS E A EQUIVALÊNCIA ENTRE A FALA E O GESTO

Uma vez que entendemos que um entrave para o atendimento de indivíduos surdos através do método psicanalítico a barreira comunicativa que se impõe aos ouvintes que não conhecem LIBRAS, é imprescindível analisarmos de perto este sistema de signos não-verbais.

A Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) é um dos sistemas complexos, ou idiomas, que existem como forma de expressão propícia para os indivíduos surdos. Não é uma unanimidade, no sentido de que cada país possui seu sistema (ASL, LGP, LAS, etc.)<sup>13</sup> e um mesmo país compreende variações linguísticas regionais em língua de sinais da mesma forma que o idioma falado.

No primeiro momento, descreveremos a estrutura da LIBRAS e mostraremos as principais teorias do ensino da língua de sinais: o oralismo, o bilinguismo e a comunicação total. Na sequência, contraditoriamente ao ensino saussuriano, que é a base do ensino lacaniano, demonstraremos a equivalência entre a fala e o gesto na definição de língua para podermos compreender, posteriormente, a dinâmica da associação livre e a possibilidade de marcação pelo analista. Analisaremos também a temática da língua materna para definir que a LIBRAS, em qualquer momento que é ensinada para o surdo, torna-se sua L1<sup>14</sup>.

Por último, partimos da concepção de Freud e Lacan acerca do inconsciente estruturado como uma linguagem, para estendermos o conceito da linguagem em Saussure para a não-verbal e discutirmos como funciona o inconsciente nos sujeitos constituídos a partir de uma relação com as línguas de sinais.

Para falar desta língua de sinais, apontamos que os parâmetros que compõem a sinalização da LIBRAS, apresentados anteriormente, são: configuração de mão (CM), movimento (M), orientação (O), ponto de articulação (PA) e expressão facial (EF) (SEED-PR, 1998). Estes necessitam estar relacionados para formar um sentido. Não existe um único sinal em LIBRAS que não necessite de ao menos três desses elementos, principalmente CM, PA e EF, além de sua expressão se realizar no tempo em conformidade a uma linearidade, ou seja, um sinal de cada vez. Esta é uma característica que atinge os significantes conforme indica Saussure (2006)

---

<sup>13</sup> *American Sign Language* (ASL), Língua Gestual Portuguesa (LGP) e Língua Angolana de Sinais (LAS), respectivamente.

<sup>14</sup> Primeira língua aprendida ou língua materna.

quando descreve o conceito de linearidade para signos linguísticos derivados da oralidade.

Percebemos também, na língua de sinais, a presença de sinais icônicos – que tomam emprestadas certas características das coisas que representam (Figura 3) – e sinais arbitrários, que não possuem nenhuma relação com o objeto que representam. Em termos de arbitrariedade funcionam como a língua portuguesa, mas quando apresenta elementos icônicos se torna mais compreensível que a língua oral. A figura abaixo apresenta bem essa noção. O sinal icônico de TELEFONE pode ser facilmente compreendido em vários idiomas.

**Figura 3** – Sinal icônico (TELEFONE) e sinal arbitrário (PERDÃO)



**Fonte:** SAT, 2010.

Além dessas características, temos que considerar igualmente a característica do discurso e da construção de ideias em LIBRAS que se apresentam de forma diferente da língua portuguesa. Demonstraremos este ponto analisando três elementos de significativa diferenciação da comunicação em LIBRAS e da língua portuguesa: o gênero nos sinais, a conjugação verbal e a marcação de tempo.

Em LIBRAS os sinais são os mesmos para os dois gêneros, mas como não há a utilização de artigos que façam a distinção dos gêneros no discurso, e os adjetivos e pronomes também possuem a mesma característica em relação à neutralidade do gênero, os sinais funcionam da mesma forma que os epicenos na língua portuguesa. Assim, das palavras em português, apenas os substantivos epicenos, segundo Cegala (2008), precisam de outras palavras como “macho” e “fêmea” para designar o gênero (ex.: jacaré fêmea, jacaré macho). Em LIBRAS, quando estamos escrevendo o sinal, em geral utilizamos o símbolo “@” para demarcar

que aquele sinal serve para os dois gêneros (ex.: ALUN@, PSICÓLOG@, PROFESSOR@, etc.).

Dessa forma, no discurso de um sujeito surdo, no início de sua fala, em geral ele especifica o gênero daqueles que fazem parte da história sinalizada e não costuma repeti-los. Além disso, existem os casos de sinais compostos, em que há a justaposição de dois sinais com significados diferentes, isoladamente, gerando um terceiro significado. No exemplo da figura abaixo (Figura 4) vemos que o sinal “HOMEM”, utilizado para marcar o gênero, e o sinal “PEQUENO” associado ao primeiro sinal, formam outra palavra: “MENINO”.

**Figura 4** – Sinais “HOMEM” e “PEQUENO” significando “MENINO”



**Fonte:** SAT, 2010.

Estas particularidades da língua de sinais dificultam a compreensão de seu discurso e requerem que os sujeitos estejam bem familiarizado com a estrutura da LIBRAS. O segundo e o terceiro ponto de análise em relação à estrutura da Língua Brasileira de Sinais tem relação com a utilização dos verbos, principalmente com a ausência de sua conjugação. Este princípio é um fator complicador no aprendizado desta língua por parte de ouvintes e na sua comunicação com os surdos, pois através da estrutura do verbo podemos captar diversos elementos. Salientamos que:

Dentre as classes de palavras, o verbo é a mais rica em flexões. Com efeito, o verbo reveste diferentes formas para indicar a pessoa do discurso, o número, o modo e a voz. Ao conjunto ordenado das flexões ou formas de um verbo dá-se o nome de conjugação (CEGALA, 2008).

Daí, reconhecemos a importância da conjugação verbal para o discurso, pois esta atualiza a cada momento na história contada o fator referencial de quem

emite o discurso e sua posição em relação aos outros. É fato que existem outras línguas, como o inglês, por exemplo, em que não há uma declinação no verbo como ocorre na Língua Portuguesa, mas é na LIBRAS que esta estrutura se intensifica. Um bom exemplo pode ser dado pela marcação do tempo nesta língua, que inverte toda a lógica comumente esperada na língua portuguesa ou mesmo pelos casos em que o verbo está omissa (SEED-PR, 2008).

Portanto,

A LIBRAS não pode ser estudada tendo como base a Língua Portuguesa, porque ela tem gramática diferenciada, independente da língua oral. A ordem dos sinais na construção de um enunciado obedece a regras próprias que refletem a forma de o surdo processar suas ideias, com base em sua percepção visual-espacial da realidade. Vejamos alguns exemplos que demonstram exatamente essa independência sintática do português:

LIBRAS: FLOR EU-DAR MULHER^BENÇÃO

Português: Eu dei a flor para a mamãe.

LIBRAS: DEL@ HOMEM^IRMÃ@ VENDER CARRO JÁ

Português: O irmão dela vendeu o carro.

LIBRAS: PORQUE PESSOA FELIZ-PULAR (expressão de dúvida)

Português: Porque as pessoas estão felizes demais?

LIBRAS: PASSADO COMEÇAR FÉRIAS EU VONTADE DEPRESSA VIAJAR

Português: Quando chegaram as férias, eu fiquei ansiosa para viajar.

Estes quatro exemplos apresentados no livro sobre os aspectos linguísticos da LIBRAS mostram a complexidade da tarefa de tentar traduzir a língua de sinais para o português, principalmente porque não existe uma tradução similar, já que, no primeiro exemplo, há o caso de um sinal de verbo direcional em língua de sinais que possui uma determinada configuração de mão, movimento, e quando se trata da orientação pode deslocar o sentido. Se no início da sinalização o sujeito surdo executar no ponto de articulação próximo ao seu corpo e movimentar apontando para outra pessoa significa que ele é o agente da ação, se o movimento for oposto o verbo vai para a passiva (Mamãe me deu a flor).

O segundo exemplo nos mostra como a marcação do tempo verbal pode acarretar um equívoco na compreensão da frase. Há casos em que o sujeito surdo faz a marcação do tempo no início da sinalização, utilizando os sinais: AGORA ou HOJE (presente); ONTEM, HÁ MUITO TEMPO, PASSOU ou JÁ (passado); e AMANHÃ, FUTURO, DEPOIS ou PRÓXIMO (futuro). A construção frasal que poderia ser

entendida como “O irmão dela está vendendo o carro”, passa para o passado com a presença de um último sinal, o “JÁ”.

No terceiro exemplo observamos uma situação em que a noção de plural pode não ser bem compreendida, a não ser que atentemos para o fato de numa conversação o surdo não se referir a apenas um terceiro, distante da conversa, com o sinal de “PESSOA”. Para indicar o singular deveria sinalizar “ELE”, mas neste caso, o sinal de “PESSOA” veio indicar uma quantidade não especificada de sujeitos próximos da conversação. Outro ponto complicado está na noção de sinal composto (as palavras ligadas por hífen) já apresentado nesta tese, mas que neste ponto não compõe uma palavra só, como no caso de PAI (HOMEM e BÊNÇÃO).

Na quarta frase, evidenciamos sinais que modificam a compreensão da frase em português; primeiro, a mudança do verbo para o passado, da qual já falamos aqui, mas na segunda oração percebemos a ausência do verbo “ficar” e a expressão EU VONTADE DEPRESSA VIAJAR foi traduzida por “eu fiquei ansiosa para viajar”. Além da ausência do verbo, percebemos a modificação do sinal VONTADE pelo sinal DEPRESSA, gerando o significado de “muita vontade” ou “ansiosa”.

Esses exemplos nos mostram a impossibilidade de compreendermos a LIBRAS sem nos inserirmos em suas regras e tomá-la como um idioma próprio, com uma estrutura própria, não apenas uma tradução do português. Por isso, insistimos com os psicanalistas para que aprofundem seus estudos em línguas de sinais a fim de poderem atender este grupo. O estudo da LIBRAS não é uma tarefa impossível, apenas uma tarefa que requer tempo e a dedicação para aprender a língua, como qualquer outra. Se na aprendizagem do inglês e do francês há dificuldade para o brasileiro compreender e expressar-se por conta da pronúncia, na LIBRAS a dificuldade é sair de uma língua oral para uma espaço-gestual.

Ressaltamos, contudo, que enquanto o inglês e o francês, em seus territórios, não enfrentaram uma recusa em se estabelecerem como idioma, língua, o mesmo não aconteceu com as línguas de sinais ao redor do mundo. Sem fazer um grande resgate histórico, para seguir a análise sincrônica de Saussure sobre as línguas, podemos dizer que houve diferentes concepções para a instrução dos surdos: o oralismo, o bilinguismo e a comunicação total.

A primeira delas, o oralismo, talvez tenha sido a mais cruel na educação dos surdos e a que durou mais tempo, podendo dizer que ainda não foi completamente superada. Leite (2005, p.17) esclarece quanto ao fato de que a perspectiva oralista no

ensino dos surdos aponta que estes sujeitos devem aprender a se comunicar “normalmente”, utilizando-se da fala e substituindo sua escuta deficiente pela leitura orofacial (labial). Neste aspecto, não se reconhece que a “língua de sinais é compreendida como um processo e um produto construído histórica e socialmente pelas comunidades surdas: uma língua natural entendida como veículo de expressão de sua oralidade”.

No Brasil, assim como em outros países, o oralismo foi uma vertente de educação oficializada pelo Ministério da Educação, durante muito tempo por meio das instituições para os surdos. Tendo “como resultado a restrição e a marginalização do uso da língua de sinais para fora das salas de aula” (LEITE, 2005, p.17).

Por outro lado, a perspectiva de educação inclusiva, que impõe avanços hoje, não foi muito generosa com os surdos no Brasil, pois a inserção de crianças surdas no ensino regular, que não ensina a Língua Brasileira de Sinais para todos, apenas coloca as crianças surdas na presença de um intérprete, não é uma verdadeira inclusão. Devemos reconhecer ainda, que,

Atualmente, devido às expectativas geradas pela proposta de educação inclusiva, existe uma tendência generalizada pelo país de não se investir em escolas de surdos, local onde a língua de sinais poderia estar sendo adquirida e desenvolvida pelas crianças, aumentando, assim, o número de crianças surdas que não consegue ter acesso à LIBRAS. Dessa forma, tanto a proposta de educação oralista, em passado recente, bem como a proposta de educação inclusiva, atualmente, apresentam pontos comuns com respeito ao prejuízo causado à aquisição e uso da LIBRAS como língua natural, adquirida entre os pares, e, conseqüentemente, língua que pode ser de instrução acadêmica da educação infantil ao ensino fundamental e médio, através da interação direta com o professor em LIBRAS (LEITE, 2005, p.18).

Infelizmente, concordando com a autora, vemos as práticas de educação inclusiva para o indivíduo surdo como um retorno ao oralismo, uma vez que nem sequer pensaram em inserir LIBRAS no ensino regular para todas as crianças. Ao contrário, incluíram a criança surda na escola sob o pretexto de inclusão, afastando-a de seu idioma e isolando-a para o contato com apenas o intérprete, já que as outras crianças não compreendem sua forma de comunicação.

A professora surda Shirley Vilhalva (2004, p.18) conta as dificuldades de seu processo de escolarização em uma sala regular, tendo aprendido por conta do oralismo apenas a falar e fazer leitura orofacial. Ela declara:

Nessa fase dentro de minha pessoa eu tinha um desejo de estar numa escola onde as pessoas fossem surdas iguais a mim, pois sentia que não havia comunicação entre eu e os meus colegas, pois a maioria era ouvinte e não sabia comunicar comigo, sentia-me isolada. Aos poucos fui fazendo algumas amizades e logo fiz um círculo de colegas, que me ajudava muito na sala de aula, entre elas Eulália e Soraya, que estudamos juntas desde a primeira à quarta série. Como eu não fazia ditado, uma delas sempre preparava e depois passava para eu copiar de seu caderno, na hora da leitura era difícil, as palavras não saíam claramente e eu sempre ficava nervosa na hora da leitura, sentia todos aqueles olhos de meus colegas fixos em minha pessoa, sentia-me horrível, alguns alunos antes mesmo antes de eu começar a ler algumas palavras que tinha treinado no dia anterior, ou estavam com um sorriso irônico ou com uma cara de pena. Eu não olhava para ninguém, o que queria era sumir daquele lugar. Tudo que a professora explicava eu não entendia e uma das duas colegas me explicava tudo novamente até eu entender, iam falando no sentido concreto das palavras ou com apoio de alguns sinais ou até mesmo usavam mímicas para minha melhor compreensão.

Não nos delongaremos mais sobre esta perspectiva, os resultados desta modalidade de ensino ainda serão analisados a seguir, pois estarão presentes nas entrevistas, sempre atrelados aos sentimentos de solidão, horror e desespero, como no relato acima da infância da professora Shirley Vilhalva em uma escola de ensino regular no Brasil.

A segunda perspectiva que se apresenta como possibilidade ao ensino dos surdos é o bilinguismo.

Entretanto, vale ressaltar que ainda são poucas as escolas com encaminhamento de educação bilíngue pelo Brasil. A maioria dos professores não domina essa língua, mas tem aumentado o interesse pelo seu aprendizado, bem como a existência de cursos promovidos por associações de surdos e/ou familiares, como também por Secretarias de Educação em pareceria com a FENEIS [Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos]. Em muitas escolas, essa língua ainda é “tolerada” no recinto escolar, mas nas salas de aula é utilizado o Português oral como instrumento de ensino; quando muito, alguns professores arriscam uma comunicação, utilizando expressões em português oral mesclados com alguns sinais da LIBRAS (LEITE, 2005, p.35).

A perspectiva do bilinguismo defende que tanto surdos quanto ouvintes devam aprender as duas línguas: o português e a LIBRAS. Os professores nesta perspectiva são capacitados para trabalhar em língua de sinais. Esta é a perspectiva mais defendida pelos surdos e intérpretes, pois realiza realmente o plano da inclusão. Também é a perspectiva defendida neste trabalho, pois inserimos o psicanalista como um profissional capaz de compreender estes dois mundos: da oralidade e da surdez.

Entretanto, apesar dos movimentos dos surdos, esta perspectiva que mais defende a LIBRAS como idioma completo, ainda não está perfeitamente adotada pela educação.

A terceira via, a da Comunicação Total, incentiva a utilização de várias formas para o contato e educação do surdo, inclusive a língua de sinais. Utiliza os gestos caseiros, sinais estipulados na relação entre um pequeno grupo, a leitura, a fala e a leitura labial, sofrendo críticas por não reconhecer o estatuto de língua da LIBRAS.

Entendemos da seguinte forma: o bilinguismo, quando equivale a LIBRAS ao português, reconhece o estatuto da LIBRAS como língua e reconhece sua importância para a comunidade surda. A comunicação total, por mais que trabalhe com a LIBRAS, permite entender que, na comunicação com o surdo, qualquer gesto vale. Esta não é a perspectiva adotada neste trabalho porque desvaloriza a rica forma de estruturação da LIBRAS como linguagem. A escolha dos signos verbais é arbitrária tal como ocorre nas línguas orais, o que não quer dizer que qualquer indivíduo pode fazer, a qualquer momento, alterações na língua, pois existe um sistema, uma norma, uma linguagem.

A diferença entre as línguas oralizadas e as línguas de sinais é que se expressam no campo espaço gestual, ao invés de no campo oral. Mas o que isso quer dizer exatamente?

Para realizar o ato da fala segundo Saussure (2006), primeiramente ocorre na mente do ouvinte uma associação de signos (verbais), significados e significantes, ou melhor, conceitos e imagens acústicas. Em seguida, há o controle por parte do indivíduo de seus órgãos de fonação, a saber: ar concentrado nos pulmões, expelido pela traqueia e laringe, fazendo vibrar as cordas vocais na glote, atingindo a faringe que permite a diferenciação do som nasal ou bucal. A partir disso, na cavidade bucal a língua estabelece posições diferentes em relação ao palato duro (céu da boca) e os dentes, enquanto a boca realiza posições diferentes em relação à sua abertura, e os lábios compõem o final da expressão fonética. Tudo isso forma os sons que conhecemos em nosso idioma e ainda podemos imprimir neles expressões de timbre, gravidade ou tom diferentes, que, auxiliados por nossa expressão facial, realizam o que queremos falar. Temos o “retorno” de que estamos falando “corretamente” à medida que escutamos o que dizemos. Mesmo assim, muitas vezes os atos falhos aparecem no meio desta formação e complicam a comunicação consciente.

E nas línguas de sinais, como se compõe a expressão? Substituamos toda esta produção de sons realizada pelo aparelho fonador por gestos. Aliás, o surdo pode se expressar por sons, mas precisa compensar a falta da audição pelo tato. A partir disso ele percebe de forma tátil se está operando o aparelho fonador de maneira correta. A substituição dos elementos do campo da oralidade, do som, para o campo do gesto se dá na utilização dos elementos anteriormente apresentados que compõem a LIBRAS: configuração de mão (CM), movimento (M), orientação (O), ponto de articulação (PA) e expressão facial (EF).

Em se tratando do discurso, como encadeamento de signos, tanto nas línguas orais quanto nas gestuais reside a possibilidade de articulação. O que equivale a dizer que em LIBRAS há também um encadeamento de significantes, ou melhor, que o sujeito pode se expressar formando um discurso. Os diversos sinais utilizados para formar o discurso possuem uma relação de nexos e causalidade, além de permitir os deslizamentos dos atos falhos e lapsos. Assim, podemos dizer que as narrativas sinalizadas em LIBRAS se submetem à regra da associação, em que um significante se remete sempre a outro, permitindo ao surdo se submeter ao método da associação livre em psicanálise. E apesar do termo saussuriano significante remeter apenas a imagem acústica (oral), percebemos que a língua gestual compreende significantes menos acústicos e mais imagéticos, realizando discurso a partir da linearidade<sup>15</sup> e cadeias de significantes.

Outro tópico que precisamos elucidar neste ponto da pesquisa, antes de avançarmos para analisar as questões do inconsciente estruturado como linguagem não verbal, é a definição da língua de sinais para surdos<sup>16</sup> como língua materna (L1), nunca língua secundária (L2). Sabemos que este tema invade o campo da linguística e vai de encontro com as pesquisas mais tradicionais; mas há autores, entre eles a pesquisadora Lillo-Martin (2014), nos Estados Unidos, e outros autores no Brasil, como Quadros (2006), que estudam o fundamento linguístico da língua de sinais. A pesquisa de Quadros (2006) faz um histórico das pesquisas de linguistas sobre a língua de sinais, principalmente o que há de comum e o que há de diferente entre as

---

<sup>15</sup> Neste ponto argumentamos que tal as línguas orais em que a extensão do signo pode ser “representado em uma linha” (SAUSSURE, 2006), a língua de sinais também pode ser expressa da mesma forma, pois os signos não-verbais quando tomados na categoria tempo, necessitam ser realizados com os gestos um após o outro, tal qual os sons verbais pelo aparelho fonador.

<sup>16</sup> Estamos trabalhando com indivíduos surdos totais desde o nascimento.

línguas faladas e as sinalizadas, e notamos nestas pesquisas um enfoque de que as línguas de sinais poderiam ser L2 para o sujeito surdo.

Entretanto, se buscarmos definir língua materna para a linguística, encontramos: “chama-se de língua materna a primeira língua aprendida por uma falante (aquela de que ele é falante nativo) ao contato do ambiente familiar” (DUBOIS, 2011, p.404-405); ou ainda “[...] a língua de uso no país de origem do falante e que o falante adquiriu desde a infância, durante o aprendizado da linguagem” (DUBOIS, 2011, p.378).

Percebemos que, no sentido literal, língua materna ou L1 é a primeira língua apreendida e muitos autores se baseiam nesta proposição para afirmar que o ensino da língua de sinais no surdo, que foi obrigado pelo oralismo, instruído em uma língua oral, está na perspectiva de formação de uma L2. Mas numa concepção mais ampliada sobre a L1, podemos asseverar que

A Língua Materna, ou a Primeira Língua (L1) não é, necessariamente, a língua da mãe, nem a primeira língua que se aprende. Tampouco trata-se de apenas uma língua. Normalmente é a língua que aprendemos primeiro e em casa, através dos pais, e também é frequentemente a língua da comunidade. Entretanto, muitos outros aspectos linguísticos e não linguísticos estão ligados à definição. A língua dos pais pode não ser a língua da comunidade, e, ao aprender as duas, o indivíduo passa a ter mais de uma L1 (caso de bilinguismo). Uma criança pode, portanto, adquirir uma língua que não é falada em casa, e ambas valem como L1. [...] De forma geral, contudo, a caracterização de uma Língua Materna como tal só se dá se combinarmos vários fatores e todos eles forem levados em consideração: a língua da mãe, a língua do pai, a língua dos outros familiares, a língua da comunidade, a língua adquirida por primeiro, a língua com a qual se estabelece uma relação afetiva, a língua do dia-a-dia, a língua predominante na sociedade, a de melhor status para o indivíduo, a que ele melhor domina, língua com a qual ele se sente mais à vontade... Todos esses são aspectos decisivos para definir uma L1 como tal (SPINASSÉ, 2006, p.4).

Esta perspectiva merece ser destacada neste estudo, pois se tratarmos a LIBRAS como uma L2, estamos negando que esta língua tem a capacidade de organizar o sujeito em qualquer momento em que é ensinada.

Outra questão é que estaríamos afirmando que para o surdo total não seria necessário ensinar LIBRAS, ele poderia se articular bem com o português, mas não é o que observamos no discurso dos sujeitos surdos. A língua oralizada, no caso, o português, não tem a capacidade de realmente organizar o sujeito, deixando muito a desejar, o que é corroborado no depoimento a seguir:

Tudo que almejei foi sentir uma segurança neste mundo onde falam uma linguagem estranha onde a nossa comunicação é muito mais visual, mesmo falando pouco e com apoio gestual é preciso recorrer à ajuda de todas as pessoas para progredir. Antes de aprender a Língua de Sinais, eu sabia muitas palavras, só que elas não tinham sentido para o uso no cotidiano. Sempre perguntando como é? O que é? Por que não é? Como você responde? (VILHALVA, 2004, p.38).

Lillo-Martin, em sua definição de língua de sinais para *The Cambridge Encyclopedia of the Language Sciences*, atesta essas dificuldades quando indica que menos de 5% dos surdos nos Estados Unidos têm contato com a língua de sinais em casa. Além disso, mesmo aprendendo a ASL (língua de sinais americana) e com o contato com pessoas ouvintes eles demonstram competências do bilinguismo. Para a autora, “esta situação traz inúmeras questões concernentes a como se define um falante ‘nativo’ e qual dos dialetos/registros de língua é usado como modelo”<sup>17</sup> (LILLO-MARTIN, 2014).

Acerca dessa discussão sobre o nativo e sobre a língua materna, já que Lillo-Martin (2014) aponta como difícil de definir esses parâmetros, ressaltamos o estatuto de L1 para a língua de sinais, quando ensinada a qualquer momento para o surdo, uma vez que há fortes indícios em nossa pesquisa sobre esse fato, principalmente quando lidamos com o conceito de língua materna de forma ampliada, como já foi discutido.

Neste ponto, para finalizar esta parte da tese, com os fundamentos psicanalíticos já apresentados, partimos da máxima lacaniana de que o inconsciente é estruturado como linguagem, para podermos entender a formação do inconsciente do sujeito surdo e partir para a análise, nos capítulos a seguir, da possibilidade de atendermos esta demanda por meio da psicanálise.

De onde vem esta noção do inconsciente estruturado como linguagem em Lacan? Com certeza se relaciona com sua releitura da linguística saussuriana e está presente em vários textos seus. Partimos da análise que Lemaire (1989) faz da influência saussuriana nas obras de Lacan para entendermos a relação da psicanálise com a linguagem e pensar na questão de um inconsciente estruturado de outra forma, como linguagem não-verbal.

Percebemos que para Lemaire (1989), quando discute a passagem da linguística Saussuriana para análise lacaniana, que não há interesse em conciliar

---

<sup>17</sup> This situation leads to a number of questions concerning how to define a “native” speaker and which dialects/registers of the language to use as a model (LILLO-MARTIN, 2014).

Lacan com os linguistas, mas importa realmente demonstrar o corte. Desejou ver uma análise da obra lacaniana que tratasse de algumas ideias mestras que a sustentam e pôr em evidência o impacto sobre a práxis psicanalítica. Tal perspectiva, traz Lacan num duplo movimento: o de retorno às descobertas freudianas e da utilização de recursos das ciências da linguagem que permitissem articular a ciência do inconsciente. Dentre todos os conceitos da linguística, a obra lacaniana reserva um lugar de destaque para a palavra (signo) que, dentre todos os fundamentos clínicos mais nos interessa, pois remete ao essencial da clínica: a constituição do sujeito e sua liberdade pela palavra.

Entendamos:

Pela linguagem, tomada na extensão de suas estruturas formais, retóricas e semânticas, tudo que tem sentido para o homem inscreve-se dentro dele até nos arquivos do inconsciente. Por essa mesma razão, toda relação significativa segue as leis formais da linguagem. Está nisso, sem dúvida, a contribuição capital de Lacan e a mais difícil de apreender. [...] Demonstrar a estrutura da linguagem do consciente e do inconsciente é, ao mesmo tempo, justificar a mediação terapêutica da palavra (LEMAIRE, 1989, p.32-36).

A discussão está em, recuperando-se o fundamento que une as discussões na linguística com a experiência clínica desvelada pela psicanálise, apontar como Lacan instaura um fundamento sobre o nome de significante que se difere daquele que a linguística saussuriana apresenta, cuja inviabilidade de expressar o sujeito surdo se impõe. É disso que se trata quando Lacan interpreta o Complexo de Édipo freudiano com ênfase na linguagem, instaurada como lei da cultura, cuja observações já na tópica freudiana.

Para tal proposito Lemaire (1989, p.40) anuncia Lacan como estruturalista, e como tal, a saber, propõe como princípios que:

Detrás da aparência, o tangível se mascara com uma lógica interna. Assim o Édipo seria a estrutura subjacente às formas sociais e culturais da organização das sociedades. A pesquisa teórica, abandonando a experiência imediata, constitui o meio de acesso às estruturas de base. O método estruturalista de pesquisa calca-se nos modos de estudo adotados em linguística estrutural.

É nessa forma de pesquisa que constrói o encadeamento lacaniano que expõe, tal qual os linguistas as unidades e lógicas internas da linguagem, o inconsciente a termos “indecomponíveis”, através das diferentes relações dos termos

que Freud já anunciara. Esse é o sentido de estrutura que se impõe no texto lacaniano. Dele depreende-se que: “A rede inconsciente, constituída por significantes, é ela mesma estruturada, no sentido em que seus elementos, se bem que distintivos e adicionáveis, não se articulem menos em categorias e subconjuntos, segundo certas leis precisas de arranjo” (LEMAIRE, 1989).

O conceito de rede de significantes relacionado a estrutura do inconsciente, tal qual a linguagem em relação aos seus elementos internos, é largamente conhecido nos trabalhos de Lacan, entretanto é Lemaire (1989) que elucida esta relação ao tratar desta ligação complexa, em termos de aparelho psíquico, através de um significante que acede à consciência e um significante inconsciente que se aproveita para representar-se.

Sobre Saussure, Lemaire (1989) nos explica que no signo linguístico há uma união de um conceito a uma imagem acústica, não de uma coisa ao nome, pois sobrevêm dessa relação os aspectos psíquicos em que podemos entender os dois conceitos como representações. Segue o esquema que explicita o pensamento saussuriano sobre o termo:

**Figura 5 – Signo linguístico em Saussure**



**Fonte:** Lemaire (1989, p.49).

Deste esquema sobre o signo linguístico se destacam as relações expressas pela barra e as setas. A barra expressa em Saussure uma unidade indivisível, da qual um não pode ocorrer senão com o suporte do outro. É o caso do fonema /a/ que, por si só, como expressão fonética desprovida de sentido, não pode ser considerado signo, mas ao ser seguido por outro fonema /i/, passa a ter o sentido de interjeição de dor (ai!), alcançando também o status de signo linguístico. É preciso destacar também a introdução da categoria “valor” na linguística saussuriana, que admite a relação de um signo com outros signos daquele sistema (língua) e permite a criação de um sistema de interdependência.

Este sistema de valoração dos signos é diferente do sistema de significação, pois este “faz apelo senão à correspondência local do significante ao

conceito”, enquanto que aquele “resulta do fato de que a língua é um sistema cujos termos são solidários”. O melhor exemplo a ser destacado trata do sistema semiológico da moeda, onde não devemos apenas analisar somente o número estampado nela, mas entender seu valor num sistema de trocas (dessemelhante), mas também em relação as outras moedas que compõe o mesmo sistema (comparável). Tal ocorre na língua, onde cada signo representa o que se estabelece na relação significado e significante, mas precisa ser analisado em relação ao sistema, sua posição na estrutura levantada pelo discurso e sua relação com outros signos deste sistema. “Enfim, no plano do signo total, permanece o mesmo jogo de interação. E dir-se-á, por exemplo, que em inglês, o signo *mutton* (carne sobre a mesa) não toma seu valor real senão pela coexistência no sistema do termo *sheep* (o animal carneiro)” (LEMAIRE, 1989, p.50-51).

Para entendermos a modificação proposta por J. Lacan nas proposições da linguística é preciso falar que pesquisadores posteriores a Saussure, como Jakobson e Chomsky, já impuseram modificações nesta ciência, considerando a categoria do pensamento nesta relação com a linguagem.

Anika Lemaire (1989, p.68) assim resume as principais inovações na linguística trazidas por Chomsky:

Na produção da linguagem tudo se passa como se o locutor tivesse assimilado na sua própria substância pensante este sistema coerente de regras, este código genético que lhe permite a enunciação ou a interpretação de um número indefinido de frases de formas variáveis. Tudo se passa como se dispusesse de uma gramática geradora de sua própria língua. Tal sistema de regras deve permitir ao homem dar livre curso à sua faculdade de criação, visto que na língua são fixas apenas regras subjacentes à elaboração das frases. Em compensação, este sistema deve poder dar conta dos fenômenos mais particulares da língua.

Neste sentido, o sistema linguístico de Chomsky permite compreender como a linguagem se relaciona com as estruturas de pensamento não de forma mecânica, mas de forma orgânica em que permite ao sujeito, de posse das regras e princípios da linguagem, fazer uso delas em possibilidades infinitas de representação. Em seu sistema pode-se pensar, a partir do estudo dos componentes básicos da linguagem, ou estruturas profundas, em analisar uma gramática universal já que a estrutura do pensamento é o elemento em comum a todos os sujeitos apesar dos diferentes idiomas.

Já Jakobson, destaca do estudo saussuriano a prevalência do pensamento na linguagem, pontuando que o ato da fala implica “duas operações fundamentais: a seleção de certas unidades linguísticas do Código ou tesouro léxico comum e a combinação destas unidades em unidades cada vez mais vastas e complexas” (LEMAIRE, 1989, p.71).

Este autor destaca no momento da fala estes dois mecanismos, a seleção e combinação, como a seleção de um termo dentre outros possíveis no momento da fala, mas que preserva a possibilidade de substituição destes termos dadas as diversas possibilidades de associação, e a combinação das unidades linguísticas mais simples a estruturas mais complexas formando o contexto na cadeia fala, o discurso. Através da seleção é possível surgirem associações com o significado (termos com o mesmo sentido) ou associações com o significante (termos com mesma sonoridade). A partir da combinação surgem relações de contiguidade e laços de concatenação entre os termos utilizados (LEMAIRE, 1989).

Como o estruturalismo é um método, com início na linguística, é possível ser utilizado em outras áreas como a psicanálise, cujo objeto é o inconsciente. Neste ponto, percebemos porque é difícil analisar as correlações entre a linguística e a obra lacaniana, pois ao mesmo em que se utilizou de alguns conceitos saussurianos, pôs o método a prova para analisar um objeto distinto, fazendo relações com outras áreas, como a matemática e a antropologia.

Em sua análise sobre a relação dos elementos constituintes do signo linguístico, significante e significado, Lacan estabelece que não se trata de uma relação indivisível entre os dois termos, onde um reclama o outro para poder se constituir, mas há uma sobredeterminação do significante, na medida em que este abre diversos desvios simbólicos de sentido.

Uma das suas questões principais sobre a autonomia do significante aparece quando percebemos que a língua, tomada palavra a palavra, utiliza-se de diversas associações para representar o que se quer dizer, mas mesmo assim, forma-se muitas vezes sentidos diversos, como no caso dos atos falhos ou mesmo do chiste. Sobre esta questão Lemaire (1989, p.83-84) aponta a utilização de Lacan dos termos metáfora e metonímia:

Esta possibilidade que a língua tem de significar outra coisa do que diz determina sua autonomia em relação ao sentido. A metáfora é o principal agente desta autonomia relativa, mas outra figura de estilo, igualmente tão

importante, exerce os mesmos efeitos. Trata-se da metonímia. Esta substitui um termo por outro na base de um laço de proximidade, de conexão de sentido entre dois termos. Assim, a expressão "eu bebo um copo" é uma metonímia e percebemos seu sentido correto independentemente da inexatidão dos significantes utilizados. É claro que eu não bebo um copo, mas seu conteúdo. [...] A análise psicanalítica, para descobrir seu sentido inconsciente, deve portanto – veja-se a insistência da barra resistente à significação – proceder a uma verdadeira hermenêutica.

Essa insistência de Lacan em relação a autonomia do significante advém de sua formação como analista, que percebe que a consciência não está totalmente no controle das manifestações de linguagem, mas desta linguagem depreende-se formações inconscientes que incompreensíveis para a consciência porque palavra a palavra permitem sua referência, como um rébus, a elementos subjacentes ao enunciado (LEMAIRE, 1989).

Lacan (1998, p.498), ao discutir o sentido da letra no texto "Instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud", indica que, "para-além dessa fala, é toda a estrutura da linguagem que a experiência psicanalítica descobre no inconsciente". Entendemos que o autor com esta indicação quer situar que não é só em nível da fala, da relação entre duas pessoas, que a experiência psicanalítica consegue mostrar seu valor, ao compor um método de cura pela fala, através da associação livre e da escuta.

Trata-se de entender que, principalmente com a *Interpretação dos Sonhos*, Freud já abria um caminho importante para a linguística e psicolinguística, apesar de ainda não existirem estes campos formalmente definidos, quando descobria os processos oníricos de deslocamento e condensação. Tudo isso para não só entender a aquisição da linguagem, mas, principalmente, a forma como a mente se relaciona com ela e permite a sua utilização pela fala, formando a língua.

Lacan apresenta que deve acrescentar outro elemento para melhor entendermos a relação do inconsciente e da linguagem: o conceito de letra. Para ele, por letra quer-se dizer do "suporte material que o discurso concreto toma emprestado da linguagem" (LACAN, 1998, p. 498).

Para Lacan, antes de a linguagem ser particular de cada sujeito e importar na construção de sua *psique*, ela preexiste na cultura. Então, podemos indicar uma concepção ternária da condição humana em relação à linguagem, ligada à natureza, sociedade e cultura. Natureza no sentido de que há uma capacidade inata no ser humano para compreender e trabalhar com a linguagem: o cérebro e os órgãos do

sentido parecem contribuir para essa concepção. O termo sociedade se liga ao aspecto relacional da linguagem, a saber, sua utilização pela fala, ou melhor, a linguagem em exercício na comunicação com o outro. E por último a cultura, porque em tudo que o homem faz deixa sua marca, e é a letra que entra aqui como suporte material dos significantes que representa todos esses avanços. Por que não a escrita? Ora, a escrita é um exercício, cujo resultado material é a letra. Em quantas sociedades os homens já tomaram qualquer objeto pontiagudo e no chão realizaram um círculo, sem que isso tivesse o significado que a letra estabelece, de fornecer sentido?

De certo que Lacan chega ao ponto de analisar a letra no inconsciente, após passar por uma apreciação crítica da obra saussuriana e o faz a partir da interpretação dos sonhos de Freud. Para situar o ponto essencial de análise, Lacan indica que o sonho funciona como um rébus e a partir disso ele pode situar o inconsciente estruturado como uma linguagem decodificada, considerando os mecanismos de deslocamento e condensação.

Para entender o rébus, indicamos a leitura da Interpretação dos Sonhos de Freud (1900a, p.299-300) que assinala:

A avaliação correta do rébus evidentemente só ocorrerá se eu não levantar essas objeções contra o todo e suas partes, mas me esforçar em substituir cada imagem por uma sílaba ou uma palavra que, por meio de uma relação qualquer, possa ser figurada pela imagem. As palavras assim combinadas não carecem mais de sentido, mas podem resultar na mais bela e mais profunda das sentenças poéticas. O sonho é um enigma figurado desse tipo, e nossos precursores no campo da interpretação dos sonhos cometeram o erro de julgar o rébus como uma composição gráfica. Como tal, lhes pareceu absurdo e sem importância.

Entendemos então que Freud preconizava que o sonho, umas das grandes manifestações do inconsciente, funcionava como um rébus, do qual é preciso saber decifrar e cada imagem pode ter o valor de palavra. Desta comparação temos que o sonho é uma mensagem decodificada que pode ser traduzida por quem conhece seus princípios. Tudo isso para dizer que o inconsciente, estruturado como linguagem, pode transmitir mensagens, como no caso dos sonhos.

A última comparação que Freud faz é em relação aos outros autores que falaram sobre sonhos anteriormente e analisaram esse rébus como sem sentido, sem importância, justamente por o terem analisado apenas em uma concepção gráfica. A

análise psicanalítica indica que na compreensão do sonho, é preciso fazer esta tradução:

Freud trata de estipular que é preciso entendê-lo, como afirmei a princípio, ao pé da letra. O que se prende à instância, no sonho, dessa mesma estrutura literante (em outras palavras, fonemática) em que se articula e se analisa o significante no discurso. Como as figuras não naturais do barco sobre o telhado ou do homem de cabeça de vírgula, expressamente evocadas por Freud, as imagens do sonho os devem ser retidas por seu valor de significante, isto é, pelo que permitem soletrar do “provérbio” proposto pelo rébus do sonho. Essa estrutura de linguagem que possibilita a operação da leitura está no princípio da significância do sonho, da *Traumdeutung* (LACAN, 1998, p.513-514).

Notamos que a interpretação, ou ao menos uma parte dela, é sempre no sentido de entender a mensagem em rébus, o sonho, a partir dos significantes. A releitura lacaniana, objeto de nosso estudo, trabalha com esta questão da interpretação que pode ser traduzida assim: o inconsciente é estruturado como uma linguagem verbal, que se traduz no sonho que, por mais que apresente elementos visuais, pode ser traduzido como rébus, ou seja, de onde a imagem tem sentido de letra e de som.

Mas qual é a grande diferença de se afirmar dessa forma e não da outra? Pois, quando Lacan afirma que se estrutura como linguagem, entendemos as duas modalidades: verbal e não verbal. Entretanto, à primeira vista, compreenderíamos apenas como linguagem verbal, já que Lacan se alinhava com a concepção de significante de Saussure.

Contudo, ao aprofundarmos nossas concepções em psicanálise percebemos ser possível destacar, dentre seus conceitos elementos que permitiram se pensar a teoria psicanalítica como inclusiva. Quando afirma que o inconsciente é estruturado como linguagem, esta fórmula lógica que guia o pensamento psicanalítico abre também o sentido para a entendermos na via de uma linguagem não-verbal, como a LIBRAS.

Entendamos que Lacan não afirma expressamente: “estruturado como linguagem verbal”. É só a linguagem. E se nos permitirmos escutar a dupla possibilidade de sentido deste termo na fórmula lacaniana, podemos seguir com nosso estudo, com a compreensão de que é possível atender os indivíduos surdos em psicanálise. Demonstraremos a seguir melhor estes fundamentos e as

modificações necessárias ao método psicanalítico, que nos interessa esclarecer neste trabalho.

Em alguns pontos a psicanálise afirma-se algo que é mais facilmente entendido como fonético ou oral, mas compreendemos isso como o *Zeitgeist*<sup>18</sup> permeado pelo oralismo, que pode ter favorecido análises distorcidas dos conceitos capitais da psicanálise. Portanto, nesta tese, não se trata de “atualizar” Freud, mas discutir a necessidade de esclarecer pontos da teoria que dão margem à críticas infundadas, como a não aplicação da psicanálise em surdos como resultados destas concepções errôneas e discriminatórias que permeiam a teoria: neste caso, o oralismo.

Por isso, tendo até este ponto nos ocupado em demonstrar os fundamentos deste trabalho – a psicanálise, a partir do estruturalismo saussuriano do qual Lacan parte em sua releitura – podemos, então, adentrar na análise das entrevistas realizadas com o objetivo de responder observar a demanda de atendimento pelos surdos e entender como os psicanalistas se preparam e lidam com esta. Antes desses resultados, importa apresentarmos os principais elementos do método de pesquisa conduzida nesta tese.

---

<sup>18</sup> Espírito de uma época ou mentalidade dominante.

## 4 MÉTODO

Para desenvolver o objeto deste estudo, os conceitos e os métodos da clínica psicanalítica para o atendimento de indivíduos surdos que fazem uso da língua de sinais, adotamos a pesquisa de campo com um enfoque qualitativo, que segundo Campos (2008) visa conseguir mais informações e conhecimentos sobre determinado fenômeno. Tal enfoque é imprescindível em ciências humanas, pois é nesta abertura que estabelece a compreensão do fenômeno, sem tentar limitá-lo a uma explicação lógico-estatística.

Neste sentido, delineando os elementos básicos da pesquisa, temos como sujeitos da mesma, os indivíduos com perda auditiva bilateral severa ou profunda que utilizam a língua brasileira de sinais (LIBRAS) como sua forma de expressão. Os demais sujeitos que possuem um grau de perda auditiva menor e que utilizam aparelho auditivo não foram sujeitos desta pesquisa, pois interessava saber sobre as formas de intervenção psicanalítica sem utilizar a fala. Vale lembrar que a pesquisa foi desenvolvida com surdos jovens, maiores de idade, em São Luís do Maranhão (local de residência do pesquisador). Preferimos delimitar a pesquisa para maiores de idade por questões ligadas aos requisitos éticos da pesquisa, como assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), exigido pelo Comitê de Ética em Pesquisa.

Para a fundamentação desta tese, foram realizadas pesquisas na biblioteca da PUC-SP, na biblioteca central da Universidade Ceuma (Maranhão) e na plataforma de pesquisa da Scielo, com os descritores “psicanálise” e “surdez”. A pesquisa na biblioteca da PUC-SP retornou dois livros importantes para a pesquisa que serão descritos nos resultados. A pesquisa na biblioteca da Universidade Ceuma retornou também dois livros a serem apresentados e a plataforma Scielo apenas 3 resultados. No momento da pesquisa de revisão, após uso dos descritores, identificamos os textos mais relevantes na área, ou seja, aqueles que provenientes de pesquisa de campo e que descreveram os relatos dos sujeitos de pesquisa. Em seguida, foram realizados os fichamentos de todo material identificado como relevante. Nestes materiais, além da compreensão das articulações conceituais dos autores sobre psicanálise e surdez, buscou-se compreender a forma que os autores adotaram no atendimento destes sujeitos e quais foram os principais entraves. Além destes textos, ampliamos a pesquisa para as referências utilizadas pelos autores, sendo

encontrando mais materiais significativos a serem apresentados a seguir. Por fim, nos resultados coube articular os dados novamente com os textos de Freud e Lacan, por se tratarem de autores que fundamentam nossa compreensão do método psicanalítico. Não delimitamos os descritores da pesquisa bibliográfica para a psicanálise lacaniana, apesar deste ser a abordagem em psicanálise contemplada nesta pesquisa, pois interessava saber como os psicanalistas, lacanianos ou não, atendem os indivíduos surdos através da associação livre.

Concomitante a este trabalho de levantamento documental foi realizado um estudo em língua de sinais (LIBRAS) como preparação para a pesquisa de campo (pesquisa clínica) que se esboçava no primeiro momento. Os cursos de língua brasileira de sinais foram realizados na Universidade Federal do Maranhão, no curso de Letras, e com professores particulares de LIBRAS para treinar a conversação. Durante estes cursos, aproximamo-nos cada vez mais das histórias de vida de pessoas surdos nos múltiplos ambientes em que estas se encontram.

Inicialmente ponderamos realizar esta pesquisa a partir da análise clínica com pacientes surdos, como possibilidade de nos aproximarmos do nosso objeto de estudo. Pensávamos em seguir o que o método freudiano nos adverte: todo conhecimento teórico psicanalítico deve ter um correspondente clínico, para evitar abstrações no tema que possam comprometer a técnica psicanalítica. Este fundamento está expresso no texto “Uma Breve Descrição da Psicanálise” (FREUD, 1924b/1996, p.227):

No decurso desse desenvolvimento a técnica da psicanálise se tornou tão definida e delicada quanto à de qualquer outro ramo especializado da medicina. Uma falha na compreensão desse fato levou a muitos abusos (particularmente na Inglaterra e nos Estados Unidos), porquanto pessoas que adquiriram apenas um conhecimento literário da psicanálise a partir de leituras se consideraram capazes de empreender tratamentos analíticos sem ter recebido qualquer formação especial. As consequências de tal comportamento são prejudiciais tanto para a ciência quanto para os pacientes e acarretaram muito descrédito para a análise.

Entretanto, deparamo-nos com uma dificuldade excepcional para o desenvolvimento desta técnica de pesquisa (a pesquisa-escuta) e, ao mesmo tempo, encontramos uma referência, dentre as poucas que existem sobre atendimento psicanalítico de pacientes surdos, que nos auxiliou na transposição desta barreira encontrada.

O principal entrave à pesquisa clínica com pacientes surdos neste momento foi a complexidade da análise em língua de sinais. Vale salientar que não se trata de uma impossibilidade, mas de uma dificuldade que é enfrentada por todo pesquisador quando se depara com um tema mais complexo: o tempo. Apesar de ter iniciado anteriormente a formação em LIBRAS, isso não foi suficiente para conseguir realizar as particularidades de uma análise, como postula o método psicanalítico: escuta flutuante a partir da associação livre, marcação dos significantes e interpretação das manifestações do inconsciente.

Uma aproximação para este momento vem sendo realizada desde 2012, com a formação em LIBRAS, a qual, a partir de 2014, fez com que surgisse o Grupo de Pesquisa Método Psicanalítico e Novas Demandas Clínicas na Universidade CEUMA, que tem preparado psicólogos e analistas para incluir o atendimento aos surdos nas competências do curso de formação.

Uma questão importante ponderada nesta tese, que resultou na mudança da técnica de pesquisa, da pesquisa clínica por meio de atendimentos para as entrevistas, foi a contradição de termos que usar a técnica de pesquisa-escuta em um trabalho que discute variações no próprio método de atendimento clínico psicanalítico. Ou seja, como utilizar a pesquisa-escuta, numa abordagem psicanalítica, se questionamos a capacidade desta realizar seus efeitos em pacientes surdos? Além disso, uma questão ética se impõe: a partir do momento que selecionamos sujeitos para esta pesquisa, apesar de informarmos que o interesse principal destes encontros ser a pesquisa, lidamos com uma demanda reprimida de atendimento, como pudemos constatar, criando expectativas de que neste momento os atendimentos pudessem resolver seus mais diversos problemas.

Sobre esta questão também nos atinge a finalidade de uma pesquisa clínica: se trata do paciente como deve ou se está mais preocupada com o levantamento de dados para o trabalho acadêmico? Sobre essa dualidade cabe ressaltar o que d'Allonnes (2004, p. 44-45) nos apresenta a seguir quando coloca que tal metodologia põe o pesquisador-terapeuta na posição de ter de construir e articular dois tipos de metodologia:

Por um lado, metodologias e estratégias de pesquisa que constituem o quadro de validação da pesquisa clínica e permitem tirar as significações do encontro entre o pesquisador e os atores assim como as significações dos discursos produzidos pelos atores (coleta e tratamento). Por outro lado,

metodologias de intervenção, que visam considerar as exigências implícitas dos sujeitos e a gerir as situações nas quais são acionadas técnicas como a conduta da entrevista, a observação, a dinâmica de grupo, os testes etc., que ocorrem no interior do dispositivo de pesquisa.

No caso deste trabalho, em que o próprio método de atendimento precisa ser estudado mais a fundo, torna-se mais complicado seguir tal metodologia, o que nos fez recorrer à técnica de entrevista fora do contexto clínico. Tal técnica nos permitiu o levantamento substancial de questões que envolvem a interação com o surdo, as quais possibilitaram termos uma melhor compreensão do que aguarda o analista que decide analisar por LIBRAS (a importância em manter o contato face a face, a impossibilidade de se desviar o olhar por se tratar de uma língua visual-gestual, etc.).

Aproveitamos, antes da apresentação dos resultados da pesquisa, para discutirmos sobre os entraves da pesquisa e a variação da técnica para alcançar tais resultados. É que, diversas vezes, ao longo do processo de preparação para a pesquisa de campo, ocorreram situações que nos levaram a alterar o modo de conduzi-la, por estarem relacionadas com os principais elementos que dificultam a realização de um projeto inovador: o tempo e a falta de referências.

A forma de entendermos nosso objeto de estudo também se modificou ao longo da pesquisa. No primeiro momento buscávamos uma pesquisa clínica, com enfoque na adaptação do método psicanalítico para o atendimento, pois considerávamos não haver referências e estudos sobre este tema. Podemos listar dois fatores que encerraram a possibilidade de continuarmos desta forma: o preconceito por trás desta concepção de pesquisa e a incapacidade de atingirmos um aprofundamento em LIBRAS para a realização de tal atendimento.

Quanto ao preconceito inerente a esta concepção, indicamos aquilo que Regino (2008) nos aponta, a saber, que toda incompreensão que temos acerca de se as pessoas com surdez podem ser tratadas pelo método psicanalítico denota nosso distanciamento em relação a este público. De fato, nossa primeira proposição foi realizada em um momento em que começávamos a nos inserir no contexto da cultura surda. E, depois de um tempo, com a observação que fizemos desses grupos de pessoas nas escolas, associações de surdos e outros eventos, começamos a considerar a questão de certa forma ingênua. Questionar a possibilidade de atendimento por causa da forma de comunicação reflete menos no fato de haver algo

diferente nos sujeitos surdos que não possa ser analisado como os ouvintes e implica mais na formação do analista para o atendimento. Não se trata aqui de que o desenvolvimento dos surdos seja totalmente diferente daquele dos ouvintes, trata-se de uma particularidade em relação ao idioma. Como a LIBRAS é um idioma complexo (visual-gestual) como qualquer outro, exige não só que façamos uma transposição automática de um termo para outro, uma tradução, mas também começemos a pensar nesta língua.

O segundo ponto que implicou a descontinuidade do projeto inicial foi a questão do aprendizado da língua de sinais por parte do pesquisador. Este aprendizado requer a dedicação do aprendiz, como em qualquer idioma, mas neste há uma particularidade em relação ao uso da linguagem não-verbal. Somos acostumados, como ouvintes, a utilizar uma linguagem verbal e a deixar os elementos não-verbais em segundo plano, embora tenhamos uma compreensão de que tais elementos são importantes para a comunicação. No aprendizado de LIBRAS, a relação se inverte: os elementos visuais e gestuais ganham maior destaque e cada movimento conta como um ato de expressão. O sedentarismo da rotina de estudante e pesquisador não ajudam muito também. Ao final de cada aula, em que temos que fazer os sinais diversas vezes para que o professor consiga entender a expressão, estamos tão exaustos mentalmente, quanto fisicamente. Os dedos doem, assim como todas as articulações e os músculos. Como numa academia, repetimos os movimentos infinitamente e com maior velocidade a cada momento para chegarmos à fluidez que um discurso articulado exige.

E tudo isso é só o começo, pois um idioma incita uma cultura e para nos aproximarmos dela é preciso tempo. Com isso, indicamos que a LIBRAS que aprendemos com os intérpretes e professores de LIBRAS é artificial, em relação a sua expressão nas ruas. Com os surdos o idioma ganha cores, passa a ter gírias e outras variações que formam um aspecto regional marcante, que impedem um aprendiz puramente catedrático de entender o idioma. Muitas vezes, percebíamos em nossa interação com grupos de intérpretes e surdos, que estes não sinalizavam de uma maneira tão formal quanto nós, mas cometiam deslizes ou usavam algum sinal aproximado para sinalizar o que queriam. Tal diversidade ocorre em qualquer língua viva na articulação de seus falantes.

Esses dois elementos, conjugados com os prazos e disciplinas exigidos para o doutorado nos fizeram optar por outro método de pesquisa e um recorte do

tema para chegarmos à análise da demanda de atendimento e as considerações ao método psicanalítico de atendimento dos surdos. Mesmo com a mudança de tema, ou melhor, do recorte do tema, não saímos do modelo de pesquisa qualitativa nem do enfoque psicanalista de pesquisa e da preocupação em discutir temas relevantes à clínica.

Sobre esta pesquisa qualitativa, entendemos que só ela possibilitaria alcançarmos os discursos dos sujeitos de pesquisa de uma forma não padronizada e que pudesse servir de base para a análise psicanalítica. Em relação à análise psicanalítica, entendemos que a pesquisa se insere neste método, por utilizar os conceitos freud-lacanianos e analisar as repercussões em relação à clínica. Outra questão que importa ao método é podermos fazer uma interpretação dos discursos dos entrevistados e dos autores pesquisados, desvelando elementos que muitas vezes estão ocultos, mas que predominam em suas concepções.

Queríamos trabalhar realizando entrevistas semiestruturadas com os surdos para entender se havia demanda de atendimento e como a psicanálise trabalharia com esta demanda. Essas questões nortearam a pesquisa e buscamos resolvê-las a partir da pesquisa de campo com surdos e na revisão das pesquisas que realizaram atendimento clínicos com surdos.

Entretanto, quanto mais avançávamos nas entrevistas com surdos, mediadas por intérpretes, percebíamos que em momentos diversos de suas vidas tiveram a necessidade de contar com alguém para lidar com alguma situação difícil ou sofrimento. Por isso, a pesquisa estendeu-se também a estes sujeitos (os intérpretes) que são referências para esses surdos. Até o presente momento, foram entrevistados cinco indivíduos surdos, dos quais detalhamos os relatos de dois deles nos resultados, cinco intérpretes e cinco psicanalistas.

É fato, que concordamos com a perspectiva de Fontanella, Ricas e Turato (2008) sobre a saturação do tema, que indica não haver necessidade de estabelecermos *a priori* a amostra a ser pesquisada, mas no decurso das entrevistas, quando os discursos começam a soar repetitivos, é indício de que o tema saturou. Em outras palavras:

A avaliação da saturação teórica a partir de uma amostra é feita por um processo contínuo de análise dos dados, começado já no início do processo de coleta. Tendo em vista as questões colocadas aos entrevistados, que refletem os objetivos da pesquisa, essa análise preliminar busca o momento

em que pouco de substancialmente novo aparece, considerando cada um dos tópicos abordados (ou identificados durante a análise) e o conjunto dos entrevistados (FONTANELLA; RICAS; TURATO, 2008, p.20).

Foi o que aconteceu na entrevista com os surdos, que foi finalizada quando estávamos com o quinto entrevistado. Todos apontavam algum momento de sofrimento, quiseram buscar ajuda e não tinham a quem recorrer na família. Somente com os intérpretes e outros surdos que conheciam conseguiam confidenciar tais segredos.

Trazemos esta importante informação da pesquisa nesta forma e não no recorte direto do discurso deles, pois as entrevistas foram mediadas por intérprete. E, apesar destes intérpretes seguirem um rígido código que os impede de interferir no discurso dos surdos propositalmente, sabemos que a tradução tem limites que nos impossibilitam de fazer uma análise aprofundada dos significantes utilizados pelos surdos. Como poderemos perceber adiante as entrevistas com os intérpretes foram essenciais para nos aproximarmos do objeto de pesquisa, a psicanálise realizada em LIBRAS, mas as entrevistas com psicanalistas de São Luís deixaram a desejar. Estes não apresentaram conhecimentos sobre a viabilidade de se realizar um atendimento com surdos.

Veremos, pois, como principal consideração que há, sim, demanda de atendimento, mas que esta não é dirigida especificamente para o psicólogo ou psicanalista, porque muitas vezes não lhes foram apresentadas essas possibilidades. Não há em São Luís, até onde pudemos mapear, psicólogos ou analistas que atendam os surdos, a não ser dentro de instituições escolares, com a ajuda do intérprete para questões pontuais de indisciplina ou baixo rendimento escolar. Precisamos então, para discutir os resultados da pesquisa ir caminhando ponto a ponto, com as pesquisas encontradas sobre o tema e as entrevistas realizadas.

## 5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Como discutimos no método, os resultados das pesquisas bibliográficas e de artigos revelaram poucos textos que trabalham diretamente sobre surdez e psicanálise. Uma questão importante encontrada é que a maior parte dos autores em psicologia e psicanálise encontrados na Biblioteca da PUC-SP trabalharam com os surdos de forma indireta, realizando a análise dos familiares (MARZOLLA, 2010), verificando a validade de testes psicológicos nesses sujeitos (CARDOSO; CAPITÃO, 2007) ou analisando suas condições de acesso ao tratamento psicológico (CASALI, 2012).

Da plataforma Scielo, destacam-se três textos sobre psicanálise e surdez: O primeiro deles é de Pinto (2013), intitulado “Relações possíveis entre desencadeamento psicótico e implante coclear” que resultante de sua experiência da no chamado "Polo Surdez" do Centro Hospitalar Sainte-Anne (Paris, França). No artigo a autora aponta que alguns pacientes sem história psiquiátrica anterior, “chegam ao Polo apresentando uma descompensação psicótica que intervém após a implantação de uma prótese coclear, o que suscita a questão da relação entre o implante e o desencadeamento da psicose”. A autora, com base em casos clínicos atendidos no hospital, define a hipótese de que a "cura" da deficiência auditiva não levou em conta que a própria surdez poderia ser considerada uma base identitária estabilizadora de um sujeito cuja estrutura subjetiva seria psicótica. “Nesse caso, o implante coclear, extraindo o sujeito do universo e da cultura próprios aos surdos, poderia transformar-se no fator que faz vacilar o ego de suplência do sujeito, levando ao desencadeamento de sua psicose”, observa a autora. Percebemos a inovação e relevância de sua pesquisa, mas o seu artigo apresenta apenas uma síntese dos resultados, não demonstrando de forma mais aprofundadas questões sobre o método psicanalítico para atendimento dos surdos.

O outro artigo encontrado é de Bisol e Sperb (2010), intitulado “Discursos sobre a surdez: deficiência, diferença, singularidade e construção de sentido”. Apresentam uma revisão bibliográfica incluindo autores da psicologia, psicanálise e estudos sobre surdez para poder apresentar suas concepções sobre surdez. Este artigo pouco articula questões sobre o olhar psicanalítico da surdez e questões sobre o método.

O último artigo encontrado na Scielo trata de dois autores, Bremm e Bisol (2008), que conduzem um estudo para analisar os discursos de jovens surdos sobre as questões da adolescência e, na escuta desses sujeitos, utilizaram entrevistas mediadas por um intérprete para chegar aos resultados. Nestes, os autores apontam elementos que apontam a importância dos jovens surdos estarem envolvidos com a comunidade e cultura surda, demonstrando sua identificação. Também não apontaram diretamente modificações na clínica.

Ressaltamos o método utilizado na dissertação de Dalcin (2005, p.54), uma das referências utilizadas pelos autores acima, que optou por realizar um estudo de caso com entrevistas em profundidade e, para isso, contou com uma intérprete de LIBRAS e um pesquisador surdo que iriam compor a pesquisa devido “à diferença linguístico-cultural entre os sujeitos de pesquisa e a pesquisadora ouvinte, condição necessária devido ao fato de que esta não tinha o domínio de LIBRAS”. Entendemos que para sanar as dificuldades de compreensão na língua de sinais, seu trabalho em equipe de pesquisa multidisciplinar foi importante.

Na Biblioteca do Ceuma (São Luís - Maranhão), durante o aprofundamento do levantamento bibliográfico, encontramos um livro intitulado “O Sujeito Surdo e a Psicanálise: uma outra via de escuta”, da professora Maria Cristina Petrucci Solé (2005), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Neste livro a autora tenta estabelecer uma relação entre psicanálise e surdez a partir da clínica francesa, mas centra seu discurso em questões de desenvolvimento do sujeito surdo e na relação deste com aqueles que fazem a função<sup>19</sup> de mãe. A análise deste livro permitiu termos contato com referências de textos franceses utilizados pela autora e que trouxeram um enriquecimento para a discussão do tema, como veremos a seguir.

No Brasil, tivemos dificuldades em achar autores que trabalhassem com a análise em língua de sinais seguindo a abordagem psicanalítica francesa, mas na França havia algumas teses e artigos sobre o tema, encontradas nas referências dos autores encontrados em nossa revisão. Ampliamos então a pesquisa bibliográfica para estes textos franceses disponíveis na internet. Entendemos que esses textos estão em consonância com o referencial teórico deste trabalho, por isso foram utilizados. Assim, tivemos acesso a pesquisa de Reginfo (2008), intitulada

---

<sup>19</sup> Designamos com o termo função um dos conceitos lacanianos de que independentemente do gênero, qualquer ser humano pode fazer papel de Mãe.

"*Psychanalyse et Clinique de La Surdit *<sup>20</sup>", que traz uma importante reflexão sobre o tema, ao explicitar:

A possibilidade de associar a psicanálise – uma prática que se baseia e tem a sua especificidade a partir da fala – a uma clínica da surdez, de onde a articula o da fala está ausente, surpreende no primeiro momento... Com um pouco de aten o, a questão parece um pouco ing nuas. Ela   especialmente marcada pelo preconceito que nós, os ouvintes, muitas vezes temos para os surdos, ou seja: a crença absurda que surge de que um simples déficit traz graves problemas de comunica o [...] Estas razões estruturais nos levam a considerar que a psicanálise opera da mesma maneira com um paciente surdo ou com um paciente ouvinte, o que faz os destinos estruturais dos sujeitos, surdos ou ouvintes, serem os mesmos.   neste sentido que   impossível falar de uma "psicologia de surdos". "Há tantas personalidades de surdo quanto pessoas surdas e encontram-se as mesmas grandes estruturas que nos ouvintes: neurose, psicose e perversão". A única particularidade se resume na utiliza o de um idioma diferente, mas comum ao par da comunica o.<sup>21</sup>

A questão que mais chama a aten o na cita o deste autor   o porquê de causar estranhamento a possibilidade de associar a psicanálise – fundamentada na fala – e a clínica da surdez. A resposta do autor   um marco neste trabalho, pois aponta que a psicanálise funciona da mesma maneira em pacientes surdos e ouvintes, com as mesmas grandes estruturas de personalidade, só com a particularidade de a comunica o ser diferente.

Concordando com o autor, a questão parece um pouco ing nuas; a única complica o está na figura do analista, especificadamente em sua forma o. Como nos fundamentos da psicanálise francesa (Freud, Saussure e Lacan) não encontramos referências diretas sobre a clínica da surdez, como veremos detalhadamente a seguir, a forma o dos analistas os coloca distante desta realidade. Diante disso, nossa tarefa neste trabalho científico   clarificar os fundamentos da psicanálise e surdez, percebendo que o método psicanalítico tem o potencial de

---

<sup>20</sup> Psicanálise e a Clínica da Surdez.

<sup>21</sup> *La possibilité d'associer la psychanalyse – une pratique qui se fonde et prend toute sa spécificité a partir de la parole – a une clinique de la surdité, dont l'articulation de la parole est absente, surprend au premier abord... Avec un peu de recul, la question semble un peu naive. Elle est surtout marquée par ce grand préjugé que nous, les entendants, avons souvent a l'égard des sourds, a savoir: la croyance absurde qu'il s'agit de simples déficitaires qui ont de graves problèmes de communication [...] Ces raisons de structure nous amènent a considérer que la psychanalyse opère de la même manière avec un patient sourd ou avec un patient entendant, du fait que les destins structureaux des sujets, sourds ou entendants, sont les mêmes. C'est en ce sens qu'il est impossible de parler d'une "psychologie du sourd". "Il y a autant de personnalités de sourd qu'il y a de personnes sourdes et l'on trouve les mêmes grandes structures que chez les entendants: névrose, psychose et perversion". La seule particularité se r sume a l'utilisation d'une langue différente, mais commune au couple de la communication.*

abranger em suas entrelinhas a fundamentação para que os analistas pensem e atuem numa clínica da surdez.

Extraímos dos textos consultados as principais questões do método psicanalítico associado à clínica da surdez: como devemos encarar a relação entre os significantes, os fonemas e os sinais para esta nova clínica que não se baseia na oralidade e na escuta? Como se opera a associação livre num paciente surdo? A partir disso, quais os métodos possíveis de intervenção no discurso do surdo? Em que momento podemos dizer que a relação entre analista ouvinte e paciente surdo, no processo de análise, implica uma relação de inconsciente para inconsciente tal qual a psicanálise freudiana concebia?

Essas são as questões que inauguraram a nossa pesquisa e que, na medida do possível, tentaremos responder neste resgate teórico e com a pesquisa de campo. Com a proposição de Reginfo (2008) sobre a relação da psicanálise e surdez, fica mais fácil analisar o tema. O contato com a cultura surda, dentro e fora do espaço clínico, permite-nos a observação de todos esses fenômenos para os quais nossa mente impõe dúvidas, mas que de fato decorrem, em geral, da não familiaridade com o tema. Assim, a psicanálise que sempre foi uma disciplina que manteve articulação com outros campos e que sempre auxiliou a pensar os objetos de estudos de outras áreas, como a pedagogia e a sociologia, por exemplo, parecia não ter alcançado uma parcela significativa da população.

Para estas pessoas surdas, a psicanálise ainda não está tão acessível por causa de certas incompreensões de como utilizar seus métodos clínicos para que permitam ao sujeito não ouvinte expressar suas angústias, seus sofrimentos e desejos. Tal situação se assemelhava à da época em que Freud resgatou, a partir da criação dessa disciplina, os discursos marginalizados das histéricas, vistas como farsantes em relação ao seu sintoma pelos médicos daquela época. Basta buscarmos as obras em que os sujeitos surdos resgatam sua história e apontam problemas cotidianos, para percebermos a falta que lhes faz ter alguém para escutá-los, o que é corroborado neste depoimento:

Você fica fora da conversa à mesa do jantar. É o que se chama de isolamento mental. Enquanto todos os outros falam e riem, você se mantém tão distante quanto um árabe solitário num deserto que se estende para o horizonte por todos os lados. [...] Sente-se ansiosa por um contato. Sufoca por dentro, mas não pode transmitir esse sentimento horrível a ninguém. Não sabe como fazê-lo. Tem a impressão de que ninguém compreende nem se importa. [...]

lhe é concedida sequer a ilusão de participação. [...] Espera-se que você passe quinze anos na camisa-de-força do treinamento da fala e da leitura de lábios... Seus pais nunca se incomodaram em empenhar uma hora por dia para aprender a linguagem de sinais ou alguma parte dela. Uma hora em vinte e quatro que podem mudar uma vida inteira para você (JACOBS, 1974 *apud* SACKS, 1990, p.136).

Acima utilizamos uma citação do livro *Vendo Vozes*, de Oliver Sacks (1990). Apesar de este autor não ser de perspectiva psicanalítica, principalmente da perspectiva francesa, seu livro traz uma grande quantidade de relatos e histórias sobre a surdez que nos auxiliarão a contar um pouco a história de marginalização deste grupo, sua demanda de atendimento e particularidades em relação ao atendimento de surdos. Relatos, como o citado acima, mostram que os sujeitos surdos estão diariamente expostos a esses sentimentos de solidão e angústia por não terem possibilidade de se expressar, já que a comunidade linguística na qual estão inseridos privilegia a expressão fonética em vez da visual-gestual.

Percebemos no resgate histórico e teórico sobre a psicanálise que esta sempre buscou compreender o discurso dos excluídos. Na época de Freud, o da histeria, entre outras patologias sem explicação e tratamento. Mais a frente com Althusser (1985), contemporâneo de Lacan, voltou-se para os discursos das classes sociais menos favorecidas no capitalismo, revelando a ideologia e os Aparelhos Ideológicos do Estado (AIE). Então, por que, podendo acatar a demanda de tratamento destes pacientes, como é o caso de Jacobs – que não tinha nem na família, nem nos amigos a quem compartilhar seu sofrimento –, a psicanálise silenciaria frente à surdez?

Não é por falta de elementos para o atendimento, mas pela falta de contato desde o início com esta cultura surda e o papel que ela não desempenhou em épocas passadas, como a de Freud, e que vem neste momento desempenhar. Em relação à psicanálise e surdez, temos que considerar que a principal barreira está na formação dos analistas. Ou seja, novamente vivemos um momento em que há a exclusão de pacientes do processo terapêutico pela falta de um conhecimento mais aprofundado sobre o assunto.

Encontramos, durante a pesquisa, analistas que consideram impossível, o atendimento dos indivíduos surdos. Outro ponto encontrado, através do nosso contato com profissionais da área, fala da incompreensão das estruturas e do funcionamento psíquico dos indivíduos surdos por parte dos psicanalistas maranhenses.

Ressaltamos que nossa pesquisa foi realizada em São Luís, por isso, na análise dos dados temos o cuidado de não generalizar as fragilidades da formação aqui encontradas.

Iniciando a discussão dos conceitos primordiais na clínica psicanalítica, há um ponto da associação livre em que devemos nos deter um pouco para que possamos falar de uma clínica da surdez. Sabemos que a língua de sinais permite o sujeito fazer associação e estas formam um discurso tal qual as línguas orais. A problemática que se apresenta é que, se a associação livre remete, em contrapartida, para o estado de atenção flutuante do analista, como fazê-lo em LIBRAS, que exige a atenção para decodificar o sentido da sinalização, pois os sinais se desdobram em uma perspectiva visual-espacial?

Novamente, esta é uma questão que aparece por nós, ouvintes, não estarmos habituados à sinalização em língua de sinais. Pela observação dos indivíduos fluentes nesta língua, surdos e intérpretes, entendemos que não é necessário ficar-se num estado de atenção concentrada e tensão para compreender o que o surdo sinaliza. Como em toda comunicação, esta se faz por turnos, assim o receptor pode relaxar e deixar fluir os seus pensamentos e associações durante o processo de decodificação daquilo que o emissor produz como mensagem. Não será possível realmente se desviar o olhar, mas as intervenções podem ser mínimas para permitir o sujeito surdo se expressar e o processo de inconsciente para inconsciente se estabelecer. Este processo, na clínica da surdez, pode ser compreendido como o perceber as sinalizações para além do enredo que a consciência do emissor deseja enunciar, porém levando em conta a força de expressão com a qual cada sinal é produzido, demonstrando que estes são elementos significantes, com maior valor de investimento pulsional.

O atendimento psicanalítico realizado em LIBRAS, assim como qualquer conversa neste idioma, exige que o analista esteja bem atento aos sinais que são realizados de forma espaço-gestual e que mantém relação com a expressão facial. Mesmo assim é possível dedicar-se à atenção flutuante, quando é preciso captar ativamente o sentido que está sendo construído naquela sinalização.

O discurso de um indivíduo surdo sofre modificações a partir de elementos que são muito sutis, mas que a atenção flutuante pode captar, sendo possível perceber na sinalização dos sujeitos surdos quando o que eles estão expressando apresenta conflitos em relação ao que sentem. Vimos esses conflitos aparecerem

durante as entrevistas: pontos em que a sinalização se intensificava ou que simplesmente travava e era preciso muito esforço do sujeito para continuar.

No discurso oralizado, se realizam num mesmo plano, diversas variações na enunciação dos significantes: como variações no tempo, timbre e na intensidade que implicam como os sentimentos podem ser expressos através da fala. Já o discurso sinalizado, estas variações aparecem em pelo menos um dos cinco elementos que a línguas de sinais utilizar para se realizar.

Entretanto, para a utilização desta atenção flutuante é preciso uma mudança na formação do analista, com o domínio da língua de sinais. No dicionário de psicanálise, a atenção flutuante consta como uma regra fundamental do método psicanalítico criado por Freud em 1912. É uma “regra técnica segundo a qual o psicanalista deve escutar seu paciente sem privilegiar nenhum elemento do discurso deste e deixando que sua própria atividade inconsciente entre em ação” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 39).

Com isso queremos dizer que para a atenção flutuante exige-se que o analista esteja habituado àquela linguagem e inserido em sua cultura, deixando transcorrer a fala do sujeito e marcando apenas os pontos em que emergem significantes. E, pensando no paciente, a regra fundamental é que esteja ele à vontade com seu discurso, utilizando-se da associação livre.

A proposta de utilização deste fator importante para realização da análise vem das entrevistas com os surdos e do contato com sua cultura. Entender o idioma não é o mesmo que compreender sua cultura. É preciso embarcarmos nesta cultura surda, como nos indica a professora Karin Strobel em sua entrevista para a Revista Virtual de Cultura Surda e Diversidade:

A cultura surda se refere a comportamentos, valores, regras e crenças, que permeiam e "preenchem" nas comunidades surdas. Dentre os artefatos principais da cultura surda estão as experiências visuais e as lingüísticas que são essenciais para o povo surdo. A cultura surda também pode incluir a história dos surdos, as piadas em língua de sinais e expressões faciais/corporais, a literatura surda, a arte surda, a pedagogia surda e outros. Vou citar alguns exemplos das situações dos sujeitos surdos que diferenciam da dos sujeitos ouvintes: como chamar a atenção de um sujeito surdo? Em vez de gritar chamando pelo nome do sujeito, usamos um leve toque no braço ou no ombro dele ou acenar com as mãos se o sujeito surdo estiver um pouco distante, ou pedir para o outro sujeito chamar a atenção dele (STROBEL, 2008).

A cultura surda está presente em todo o mundo que cerca os surdos, desde as pequenas coisas das quais se utilizam para se comunicar, até sentimentos mais complexos que são partilhados por eles. Além do exemplo citado pela professora Strobel, temos que lembrar que a comunicação com o surdo se faz de frente, nunca de lado ou por trás. Isso pode parecer óbvio, mas no contato com o surdo cometemos gafes, como, por exemplo, tentar andar e sinalizar, ou mesmo virar o rosto para o outro lado enquanto estão sinalizando, o que é considerado um desrespeito.

Nas entrevistas nos aproximamos destas situações: tentávamos compreender o que estava sendo sinalizado, observando cada movimento, o que seria impossível naquele momento sem o intérprete, mas nossa atenção era compensada com a gentileza e o entusiasmo dos surdos em se expressarem. Estávamos prestando atenção e demonstrávamos isso. Em todas as entrevistas fomos apresentados como pessoas que estavam estudando a língua de sinais, reconhecendo seu valor e isso foi visto como um elemento convidativo para os surdos participarem.

Outra questão da cultura surda que poucos ouvintes compreendem é o temor que muitos deles apresentam do escuro. Sabemos que esse receio aparece também em ouvintes, mas, no caso dos surdos, a falta de luz significa falta de comunicação. Há relatos de casos de surdos que, por conta de uma falta de luz em um prédio em que estavam procurando um amigo, se sentaram no chão esperando a luz voltar. Andar às escuras, contando com o tato e a audição, é muito diferente de andar contando só com o tato. Esses elementos que só os surdos experienciam e entendem, além das gírias e piadas que fazem a partir da relação que desenvolvem com a língua de sinais, fazem parte daquilo que chamamos de cultura surda.

Um analista desprevenido, que não conheça a cultura surda, pode abalar a relação transferencial com seu paciente simplesmente porque mantém a sala muito escura, ou porque oferece lápis e papel para que a comunicação possa ser realizada na escrita. A ideia de que não há realmente uma comunicação entre analista e analisando torna-se latente.

Na constituição psíquica do paciente também é verdadeiro que o idioma influencia e quando pensamos na comunicação estabelecida por LIBRAS, não podemos deixar de situar que esta não é, muitas vezes, a primeira a ser ensinada. Para os pacientes com caso de surdez parcial é dada uma ênfase no desenvolvimento da oralidade. Em casos de surdez total, sujeitos desta pesquisa, como não há uma necessária correspondência com o mutismo, as crianças surdas são ensinadas a falar

e o fazem, apesar das dificuldades, a partir de técnicas desenvolvidas pela fonoaudiologia. Assim,

O velho termo “surdo-mudo” implica uma suposta inadequidade dos que nascem surdos para falar. Obviamente, os natissurdos são perfeitamente capazes de falar, possuem aparelho fonador idêntico aos demais, o que lhe falta é a capacidade de ouvir a própria fala e, portanto, de monitorar com o ouvido o som de sua voz. Assim, sua fala pode ser anormal na amplitude e no tom, com a omissão de muitas consoantes e outros sons da fala, às vezes ao ponto de ser ininteligível. Como os surdos não conseguem monitorar sua fala usando o ouvido, têm de aprender a monitorá-la usando outros sentidos – visão, tato, senso de vibração e cinestesia (SACKS, 2010, p. 144).

Nos capítulos anteriores, ao analisarmos a língua de sinais no Brasil, perceberemos que são recentes os movimentos que defendem a LIBRAS como língua materna, ou seja, L1. No momento em que vivemos, encontramos muitas histórias de surdos que iniciaram sua formação passando dos “gestos caseiros”, linguagem gestual não articulada, para a fala e a realização da leitura orofacial. Até o momento em que eles conseguem entender esta forma de comunicação não natural a eles, muitos apresentam um ritmo menor de desenvolvimento.

É o exemplo apresentado pela atriz francesa surda Emmanuelle Laborrit em seu livro autobiográfico, que apresenta suas impressões sobre o mundo antes e depois de aprender a língua de sinais francesa. Ela menciona:

Desde a minha infância que considerei as palavras como uma coisa bizarra. E digo bizarra pelo que inicialmente continham de estranho. O que queria dizer aquela mímica das pessoas à minha volta, com a boca num círculo ou esticada em diferentes caretas, os lábios formando trejeitos esquisitos? [...] Quando eu tentava reproduzir a sua mímica como um macaquinho de imitação, continuavam a não ser palavras, mas letras visuais. [...] O meu francês é um pouco liceal, como uma língua estrangeira que se aprendeu separada da sua cultura. A linguagem gestual é a minha verdadeira cultura. O francês tem o mérito de descrever objetivamente o que pretendo exprimir. O gesto, esta dança de palavras no espaço, é a minha sensibilidade, a minha poesia, o meu eu íntimo, o meu verdadeiro estilo. Ambos em conjunto permitiram-me escrever este relato da minha jovem existência em algumas páginas (LABORRIT, 2000, p.9-10).

Damos ênfase, com esta citação, à distinção entre aprender um idioma e se inserir numa cultura. Da mesma forma então que para o analista não é possível atender os surdos sem imergir em sua cultura, para os surdos é impossível se aprofundar em uma análise em que eles tenham que se expressar em outro idioma: o português falado.

A leitura labial e a fala são um “quebra-galho” para os surdos nas muitas situações em que não encontram outro a quem possam endereçar suas demandas. Mas a psicanálise não pode se situar neste espaço em que, de um lado, um sujeito não pode se expressar completamente e, do outro, a escuta fica comprometida com a falta de inserção naquela cultura.

Acreditamos que o processo analítico só pode ocorrer verdadeiramente se o(a) analista atender em LIBRAS. Realizamos esta consideração a partir da análise dos casos atendidos pela professora Dr.<sup>a</sup> Ana Cristina Marzolla, que, a partir de seu trabalho como psicóloga clínica na Divisão de Educação e Reabilitação dos Distúrbios da Comunicação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (DERDIC/PUC-SP), desenvolveu sua tese “O Pai e seu Filho Surdo: um olhar psicanalítico”, em 2010, e lançou um livro sobre o “Atendimento Psicanalítico do Paciente com Surdez” em 2012.

A autora em sua tese realizou o atendimento psicanalítico a partir de uma orientação *winnicottiana* com os pais das crianças surdas, focando nas suas percepções acerca da relação mãe e criança surda. Contudo em seu livro, além do atendimento aos pais, ela relata o atendimento a uma adolescente surda de 13 anos que, por conta do tratamento fonoaudiológico, falava, usava a língua de sinais e realizava a leitura labial. Além disso, a psicanalista disponibilizava caneta e papel para o caso de não conseguirem se entender pelos outros meios citados. Sobre a forma de atendimento da paciente, a autora expõe:

Luciana já havia feito outras psicoterapias, mas era sua primeira vez com uma psicanalista. Em nosso primeiro contato, mostrou-se, de fato, bastante ansiosa. Eu havia deixado alguns materiais gráficos na mesa que uso para trabalhar com crianças, porém ela se sentou na poltrona usada para o atendimento de adultos como opção ao divã e se pôs a falar. Contou que estava nervosa com a situação conflituosa dos pais e deu exemplos de episódios difíceis que estava vivendo. Falou a sessão inteira (MARZOLLA, 2012, p.97).

Como se trata de uma menor de idade, que morava com a mãe em processo de divórcio, iniciou-se o atendimento com a responsável e só depois a paciente começou a ser analisada, com a acompanhante na sala de espera. Mas, notoriamente, a primeira marca de diferenciação apontada pela autora no atendimento clínico psicanalítico de uma paciente surda foi a impossibilidade de utilização do divã, já que ela precisaria do contato visual mais próximo para realizar a leitura labial.

A psicóloga, apesar de ter familiaridade com a LIBRAS, desenvolveu a análise através da comunicação oral e este fato se refletiu da seguinte forma:

Os pais de Luciana reataram, ela mudou de escola novamente: dessa vez para um colégio comum que recebia muitos surdos e contava com intérprete da LIBRAS nas salas de aula. No entanto, seu nível de ansiedade continuava elevado. Via de regra, logo que se sentava à minha frente, já disparava a falar. Como mal dirigia os olhos para mim (nem sempre me olhava enquanto falava), era difícil eu fazer intervenções; experiência vivida por mim com vários outros pacientes surdos oralizados, ou seja, que usam a fala como forma principal de comunicação (MARZOLLA, 2012, p.98).

Este quesito, particular aos sujeitos surdos oralizados, é um dos entraves referentes ao método psicanalítico para este público, por isso a necessidade de nossa pesquisa destacá-lo. Evidenciamos que, em decorrência da análise desta paciente ter-se estabelecido através da fala, com a surdez da paciente e a sua omissão em realizar a leitura labial, resultavam na dificuldade de o analista exercer sua intervenção. O exemplo dado no livro nos permite compreender que a fala verborrágica da paciente surda, com o desvio de seu olhar da figura do analista, era a manifestação de uma resistência<sup>22</sup> ao processo analítico. Este ponto fica evidente no relato seguinte da autora.

Além disso, outro fator chamava a minha atenção. Era bastante comum que nos momentos em que conseguia detê-la no seu discurso para dizer-lhe algo, ela me deixava falar e depois continuava seu discurso como se tivesse feito apenas uma pausa. Não considerava o que eu lhe havia dito nem que fosse para dizer-me que não concordava comigo. Também não se mostrava brava ou irritada. Simplesmente continuava seu discurso (MARZOLLA, 2012, p.98).

É importante esclarecer que tais manifestações da resistência não são características exclusivas dos sujeitos surdos, mas são comuns durante o processo analítico, e o analista sempre maneja a análise a fim de transpor essas resistências. Entretanto, queremos chamar a atenção para as dificuldades enfrentadas pelo analista frente às nuances de uma análise entre um ouvinte e um não ouvinte, discutindo sobre as diferenças metodológicas e a posição do sujeito, algo que até então não foi feito.

---

<sup>22</sup> Sobre a resistência, consideramos o que Roudinesco e Plon (1998, p.659) apontam: “conjunto de reações de um analisando, cujas manifestações, no contexto do tratamento, criam obstáculos ao desenrolar da análise”.

A autora conseguiu realizar a análise, mas teve, ao longo de sua experiência, que ir adaptando seu método para possibilitar a escuta da paciente; contudo, houve dificuldades, conforme menciona:

Para finalizar, quero dizer que, no meu entender, a permissão para o uso dos sinais como um apoio para a fala, o fato de expor minhas dificuldades para entender alguns sinais que Luciana usava, o cuidado em deixar um papel à nossa disposição, enfim, o interesse na interlocução com ela foram de grande importância, pois possibilitaram uma vivência de aceitação de sua condição de surda, situação ressignificada a partir da experiência de poder tomar contato com a falha do outro. Nossas trocas, inclusive o fato de eu expor minhas insuficiências na língua de sinais – tanto para me expressar como para entender –, foram importantes para Luciana redimensionar o valor da audição, como um aspecto importante, sem dúvida, mas não como condição que garante bem-estar psíquico e confere poderes extraordinários ao ser humano (MARZOLLA, 2012, p.102).

Este caso ilustra bem as dificuldades que um analista pode enfrentar atendendo casos de surdez, tal qual a paciente Luciana fazia com a Dr<sup>a</sup> Ana Cristina Marzolla. Esta forma de se fazer a análise combina com a posição defendida pelos teóricos da Comunicação Total. Esta teoria explicita que não importa a forma (fala, leitura labial, escrita, LIBRAS ou gestos caseiros), o importante é haver a comunicação.

Em se tratando de psicanálise, a questão da utilização de um mesmo canal de comunicação é muito importante. Mais do que isso, a noção de que a cultura surda pode influenciar o processo analítico e por isso não só a análise com os surdos deve ser realizada em LIBRAS, mas o analista deve conhecer esta cultura.

Temos esta questão em foco, pois, concordando com a autora surda, Karin Strobel, em seu livro sobre a cultura surda, percebemos o significado cultural da língua de sinais e assinalamos que só será possível chegarmos a compreender verdadeiramente estes sujeitos surdos respeitando sua forma de expressão. A autora afirma que a LIBRAS é mais natural ao sujeito surdo, promovendo sua identidade em relação ao pertencimento a esta cultura, tão forte que há até mesmo um novo “batismo” quando o sujeito aprende LIBRAS.

E a esse respeito, assim ela se expressa:

O povo surdo é alegre. Talvez porque tenha havido muito sofrimento em sua infância. Eles têm prazer em se comunicar e se alegram sempre. Em um pátio de recreação ou em um restaurante, um grupo de surdos que falam é algo incrivelmente vivo. Falamos, falamos, exprimimo-nos às vezes durante horas. Como se tivéssemos uma sede inesgotável de dizer as coisas, das mais

superficiais às mais sérias. Os surdos teriam me chamado de “Flor que chora”, caso eu não tivesse tido acesso à sua comunidade linguística. A partir dos sete anos tornei-me falante e luminosa. A língua de sinais era minha luz, meu sol, não pararia mais de me exprimir, aquilo saía, saía, como uma grande abertura em direção à luz. Não conseguia mais parar de falar com as pessoas. Tornei-me “O sol que vem do coração”. Era um belo sinal. (LABORRIT, 1994 *apud* STROBEL, 2009, p.37).

A Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Karin Strobel, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), utiliza vários relatos de experiências visuais dos surdos para demonstrar como a LIBRAS é um artefato cultural importante para a comunidade surda. Outra autora surda que faz referência à sua experiência com a língua de sinais é a atriz francesa Emmanuelle Laborit, a qual Strobel faz referência:

Os adultos ouvintes que privam seus filhos da língua de sinais nunca compreenderão o que se passa na cabeça de uma criança surda. Há a solidão, e a resistência, a sede de se comunicar e algumas vezes, o ódio. A exclusão da família, da casa onde todos falam sem se preocupar com você. Porque é preciso sempre pedir, puxar alguém pela manga ou pelo vestido para saber, um pouco, um pouquinho, daquilo que se passa em sua volta. Caso contrário, a vida é um filme mudo, sem legendas (LABORRIT, 1994 *apud* STROBEL, 2009, p.56).

Com o relato dessa autora pretendemos demonstrar a importância da língua de sinais para os sujeitos surdos e apresentar a discussão levantada com esta pesquisa, isto é, de oferecer um lugar de acolhimento desses discursos em sua verdadeira forma, tentando compreendê-los.

É pertinente salientar que para o sujeito surdo oralizar e fazer leitura labial em análise é como tentar falar de complexos sentimentos em outro idioma, os quais dificultam o surgimento das associações necessárias para o processo analítico. Para dar conta desta tarefa, incumbe ao analista-pesquisador conhecer mais da cultura surda, principalmente partilhando de sua língua.

Em nossas entrevistas aprendemos que os sujeitos surdos se expressam melhor em língua de sinais (LIBRAS), mas também inserem em sua comunicação cotidiana com os ouvintes elementos em português (oralizado). É o que nos avisou Karla, a primeira surda entrevistada: “Agora me pergunta o que tu quer me perguntar. Como eu te disse eu tenho problema de audição, não é de voz” (ENTREVISTADA 1).

Karla é uma jovem de 28 anos, residente em São Luís, que estuda em uma das faculdades da cidade (a entrevista na íntegra está no Apêndice). Questionada

sobre a relevância do aprendizado da língua de sinais e se lembrava de sua vida antes ela sinalizar que:

Lembro, mudou bastante, a linguagem de sinais na minha vida é uma coisa que me acompanha bastante por causa da minha prima, que faleceu e eu tinha 15 anos e ela 14. Até hoje eu tenho uma bronca com Cristo por causa disso, **mas isso aí é uma coisa pra resolver depois...** Mudou bastante e eu fui me aperfeiçoando e mudou muito quando eu fui pro Sul do país que tem um regionalismo, os sinais que eu faço aqui, a galera não entende [...] Tinha muita gente que via a gente como inválidos por escrever mal, mas isso não quer dizer que a pessoa não entenda, tipo: como eu fiquei surda depois de adulta, eu ainda sinto uma certa dificuldade em escrever, mas minha prima escrevia assim “nós” e seria o certo: “nós iremos tomar sorvete”, tomar sorvete vamos nós, é errado? **É errado, mas nós não escutamos bem e a gente bota do jeito que a gente acha que tá certo** (ENTREVISTADA 1).

Já vimos que a estrutura de composição de frases na língua de sinais é diferente da estrutura em português e a entrevistada menciona este como um fator dificultador para que as pessoas a entendam. No caso de Karla, a surdez profunda se deu depois do nascimento, mas desde cedo aprendeu a LIBRAS, pois já tinha o diagnóstico de perda gradual da audição por conta da gravidez complicada de sua mãe. Apesar da entrevista ter durado 40 minutos, havia indícios, como o destacado na citação de que ainda haviam muitos conteúdos que ela preferiu não adentrar. No seu caso a surdez profunda só veio aos 22 anos depois de ter sido espancada por um grupo de *skinheads* no sul do país e em seu discurso é marcante a falta que faz a comunicação:

Mas quem realmente sabia LIBRAS de todos os familiares, eram meus dois tios que tinham a minha prima que era surda e eu, mas o resto não, tinham os gestos, se Hana [a tia] não tiver por perto, como é que a gente se comunica? Aí chegava a hora do almoço e faziam só os gestos, né? Botavam a comida pra mim e pra ela, ah tudo bem, aí se ela não queria, se ela queria muito ou se ela queria pouco, era complicado. [...] por isso que quando a gente encontra alguém é ... Fulano, ele sabe se comunicar comigo, pelo menos ele tentou, a gente fica tão feliz. Sabe por que o surdo rir tanto quando encontra outro surdo? Nós temos meio que um radar, incrivelmente a gente sabe onde tem uma pessoa que também é e a pergunta vem: nossa, vocês se conhecem há quanto tempo? E nós: Há uma hora (risos), porque não sabem a dificuldade para encontrar outro (ENTREVISTADA 1).

Em relação ao caso de Karla, percebemos que essa necessidade de se comunicar está bem explícita. Inclusive a entrevista foi marcada por uma grande quantidade de sinalizações, muitos assuntos foram abordados e foi difícil manter o roteiro das entrevistas.

Há alguns casos na literatura como os de Karla, que perdeu a audição depois de adulta, e que nos mostram mecanismos interessantes sobre o funcionamento psíquico. Como o do poeta sul-africano David Wright que aconteceu aos 7 anos, após ele ter aprendido um idioma oral.

[Minha surdez] ficou mais difícil de perceber porque desde o princípio meus olhos inconscientemente haviam começado a traduzir o movimento em som. Minha mãe passava grande parte do dia ao meu lado e eu entendia tudo o que ela dizia. Por que não? Sem saber, eu vinha lendo seus lábios a vida inteira. Quando ela falava, eu parecia ouvir sua voz. Foi uma ilusão que persistiu mesmo depois de eu ficar sabendo que era uma ilusão. Meu pai, meu primo, todas as pessoas que eu conhecia conservaram vozes fantasmagóricas. Só me dei conta de que eram imaginárias, projeções do hábito e da memória, depois de sair do hospital. Um dia eu estava conversando com meu primo, e ele, num momento de inspiração, cobriu a boca com a mão enquanto falava. Silêncio! De uma vez por todas, compreendi que quando não podia ver eu não conseguia escutar (WRIGHT, 1969 *apud* SACKS, 2010, p.18).

Percebemos que, mesmo com a surdez, Wright mantém seu pensamento apoiado na oralidade e assusta-se ao constatar a surdez; isto se deve ao fato de sua constituição psíquica ter se dado com base na audição.

Sobre a constituição psíquica depreende-se as instâncias que fazem parte dela: Isso, Eu e Supereu. Entendemos com as entrevistas que os surdos apresentam em seu discurso as características de sobredeterminação do inconsciente e as mesmas instâncias apresentadas pelos ouvintes. A exemplo no discurso de Karla, “*Até hoje eu tenho uma bronca com Cristo por causa disso, **mas isso aí é uma coisa pra resolver depois [...]***” que durante a entrevista apresenta resistência para sinalizar sobre questões que marcaram muito sua vida. Somente quando se sente mais a vontade com os pesquisadores, volta a sinalizar sobre o assunto e elucida a resistência que apareceu na associação. Esta sobredeterminação do inconsciente no discurso consciente que faz o indivíduo parar é uma marca do discurso neurótico durante o processo de associação livre.

Por isso, concordando mais uma vez com Reginfo (2008), sabemos que nos surdos há neurose, psicose e perversão e temos mais que provada a presença da tripartição da mente humana proposta por Freud. Isto ocorre porque como esta distinção das personalidades decorre de como o Isso, o Eu e o Supereu se articulam, podemos concluir que na surdez estes elementos fazem seu papel tal qual nos indivíduos ouvintes.

Onde reside então a diferença da estruturação do aparelho psíquico entre surdos e ouvintes? Lacan nos ajuda a resolver esta questão, quando apresenta no Seminário “A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud” a fórmula do inconsciente, estruturado como linguagem, o que nos permite teorizar que se estamos em sistemas de linguagens diferentes, haverá decerto alguma alteração nesta estruturação. Mas que linguagem é essa?

Já discutimos, a partir de Saussure, a noção de língua, linguagem e fala para compreendermos esta questão. Neste ponto podemos situar que, tanto na estrutura mental de um indivíduo surdo quanto na de um ouvinte, o inconsciente se organiza como linguagem. Terá um ponto de apoio diferente, pois teremos uma mudança do conceito clássico de significante para outro que compreende menos o aspecto de “imagem acústica” e mais o aspecto de imagem.

Como situa Reginfo (2008), encontramos também no sujeito surdo as mesmas estruturas de personalidade que encontramos no sujeito ouvinte. Aceitando essa premissa, é preciso entendermos que todos os atores que compõem o complexo de Édipo e desempenham suas funções estão no seu devido lugar também para o sujeito surdo. O bebê surdo, como veremos a seguir na constituição do sujeito para Lacan, necessita primeiro estabelecer relações imagéticas e a partir delas ascender ao simbólico. Como perceberemos, os três registros (R.S.I) se compõem de uma forma ligeiramente diferente no surdo, mas ainda é o simbólico através do nó borromeano que faz a articulação entre real e imaginário.

A ausência do som, entretanto, não leva necessariamente a um problema no desenvolvimento. Tendo os elementos centrais do complexo de Édipo sido estruturados e a criança recebendo o investimento necessário, o desenvolvimento segue o curso “normal” da neurose. Um caso que ilustra bem isso está em Sacks (2010, p.151-152):

Recentemente, na Itália, conheci um menino cigano de 9 anos, Manuel, que nasceu surdo, mas nunca vira outras pessoas surdas e (com sua vida andarilha de cigano) nunca recebera educação. Ele não sabia língua nenhuma, nem de sinais, nem italiano, mas era brilhante, carinhoso e emocionalmente normal – era muito amado pelos pais e irmãos mais velhos, que lhe davam todo o tipo de incumbências. Quando ingressou na escola de surdos de via Nomentana, não havia certeza de que, na sua idade, ele conseguiria aprender com fluência uma língua. Mas ele se saiu muito bem e em três meses já aprendeu razoavelmente a língua de sinais e o italiano, aprecia ambas, gosta de se comunicar e é cheio de perguntas, de curiosidade e vitalidade intelectual. Seus resultados foram muito melhores do que os do pobre Joseph, cuja aquisição de uma língua tem sido lenta e laboriosa. Por

que essa diferença? Manuel claramente é uma criança inteligentíssima, e Joseph possui uma inteligência comum (embora não subnormal); mas talvez uma explicação melhor seja a de que Manuel sempre foi amado, sempre foi levado a participar, sempre foi tratado como normal – ele era por completo uma parte de sua família e comunidade, que o viam como diferente, mas nunca como um estranho –, ao passo que Joseph era considerado autista ou retardado e com frequência tratado como tal. Manuel nunca foi excluído, nunca se sentiu excluído; não sofreu, como Joseph, o sentimento aniquilado de exclusão e isolamento.

Notamos então que as dúvidas, os anseios e todos os outros sentimentos complexos que fazem parte da psique humana podem ser expressos em língua de sinais e fazem uma alteração na forma com que os sujeitos articulam os sinais no espaço. Encontramos surdos mais eufóricos, que sinalizam sem parar, outros mais tímidos, em que sua sinalização se torna suave e pouco expansiva.

Por falar de outras estruturas em psicanálise, analisando brevemente em particular a psicose nos surdos, temos a pesquisa de Virole (2007), que trabalhou com a análise de uma criança autista surda, e tal particularidade do paciente tornou-o demasiadamente específico para servir de base neste trabalho. Em sua tese ele apresenta uma possibilidade de intervenção e também mostra as dificuldades que são comuns nos atendimentos de psicóticos serem agravadas pela surdez, em que o sujeito expressa através do corpo e das ações seu desconforto.

Teria sido, sem dúvidas, mais fácil, expor o caso de um paciente surdo sofrendo perturbações neuróticas, cujas determinações inconscientes seriam acessíveis à compreensão do terapeuta pela “escuta” de suas associações gestuais [...]. Muitos atos de A. me parecem desprovidos de qualquer sentido e eu as atribuí a manifestações de psicose, enquanto alguns deles parecem-me agora claramente na ordem da intencionalidade de comunicação consciente e, portanto, como manifestações do Eu e não como formações inconscientes e trabalhos do processo primário. Três eventos me permitiram iluminar este aspecto paradoxal da terapia onde eu estava cego para a transparência enunciativa em alguns atos simbólicos que estavam a ser vinculados, não interpretáveis imagens simbólicas, mas com declarações semelhantes às palavras, se neles usaram uma linguagem de objetos em vez de palavras de discurso. O primeiro evento foi uma passagem ao ato que perto do final da terapia e de alguma forma foi determinada por um padrão contratransferencial, ou seja, uma falta de compreensão da minha parte do fato de que A. colocar na frente do palco representações simbólicas de sua própria surdez. No momento da terapia, A. dominou melhor esses impulsos destrutivos e a terapia estava indo cara a cara com desenhos e pequenos objetos.<sup>23</sup>

---

<sup>23</sup> *Il aurait sans doute été plus aisé d'exposer le cas d'un patient sourd souffrant de troubles névrotiques dont les déterminations inconscientes seraient accessibles à la compréhension du thérapeute par « l'écoute » de ses associations gestuelles. [...] De nombreux actes d'A. me paraissaient dénués de toute signification et je les attribuais à des manifestations de la psychose, alors que certains d'entre eux me semblent maintenant clairement de l'ordre de l'intentionnalité d'une communication consciente et donc*

No caso de Virole (2007), evidenciamos a necessidade de utilização de outros recursos (desenhos e brinquedos) para a análise de A., como acontece comumente com crianças menores ou com indivíduos autistas. Interessante perceber que se fosse um caso de neurose seria “mais viável” para o autor realizar uma análise através da língua gestual. Como se tratava de uma psicose, e o garoto surdo de 12 anos não havia aprendido nenhum idioma, coube ao analista entender o caso a partir da “*passage à l’acte*”, o *acting out*<sup>24</sup>.

Ainda sobre as estruturas de personalidade na surdez, estas questões são presenticadas na análise da entrevista a seguir, de Maria, surda de 21 anos que estuda em São Luís. Esta entrevista trouxe particularidades em sua realização que nos permitiram compreendê-la como um provável caso de histeria. Primeiro porque recusou-se a ceder a entrevista para o pesquisador, mas queria muito participar da pesquisa, como soubemos pelo intérprete que a acompanhava na instituição que estudava. Recusou-se porque se sentia mais a vontade para conversar com uma mulher. Por isso, a entrevista foi conduzida por uma discente do 10º período do curso de psicologia que fazia parte do Grupo de Pesquisa fundado para investigar as relações entre psicanálise e surdez, como já apresentamos antes. Segue um resumo da situação e da entrevista conduzida pela discente.

A entrevistada queria muito participar da pesquisa, justamente por alegar, segundo o intérprete, que estava passando por vários conflitos, inclusive sobre a gravidez que ocorreu de surpresa. Manifestava a necessidade de ser ouvida, principalmente por uma mulher, por ter questões muito particulares para perguntar, questões que precisava tratar com outras mulheres, por causa também da gravidez. Por isso, com autorização do orientador, coloquei-me a disposição para fazer a entrevista e também para conversar com ela sobre outros assuntos que ela demandasse, com a mediação do intérprete. Apesar dela querer tanto participar da pesquisa, foi difícil realizar a entrevista, porque a entrevistada desmarcou diversas vezes por motivos diversos. [...] No entanto, por três vezes, uma vez marcada o encontro ela

---

*comme des manifestations du moi et non comme des formations inconscientes et travaillées par les processus primaires. Trois évènements me permettront d’éclairer cet aspect paradoxal de la thérapie où je fus aveugle à la transparence énonciative de certains actes symboliques qui devaient se rattacher, non à des images symboliques interprétables, mais bien à des énoncés comparables à des paroles, si ce n’est qu’ils utilisaient un langage d’objets au lieu d’un langage de mots. Le premier évènement fut un passage à l’acte qui se situa vers la fin de la thérapie et qui fut en quelque sorte déterminé par un motif contre transférentiel, à savoir une incompréhension de ma part du fait qu’A. mettait sur le devant de la scène des représentations symboliques de sa propre surdité. À ce moment de la thérapie, A. maîtrisait mieux ces impulsions destructrices et la thérapie se déroulait en face à face à l’aide de dessins et de petits objets.*

<sup>24</sup> “O termo remete à técnica psicanalítica e designa a maneira como um sujeito passa inconscientemente ao ato, fora ou dentro do tratamento psicanalítico, ao mesmo tempo para evitar a verbalização da lembrança recalçada e para se furtar à transferência. No Brasil, também se usa ‘atuação’” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p.5).

sempre cancelava alegando diversos pretextos. Somente foi possível realizar a entrevista quando nos prontificamos a atendê-la em cima da hora, quando ela disse que poderia responder as questões naquele dia. [...] No momento que falávamos sobre a gravidez, motivo pelo qual ela afirmou ser o mais difícil de relatar e ao mesmo tempo importante, tivemos que interromper, pois a entrevistada começou a chorar muito e por não estarmos em setting terapêutico, não pudemos estender a entrevista (DISCENTE PSICOLOGIA).

Com o relato da discente percebemos que em Maria, a entrevistada, a resistência atuou de diversas formas para o seu discurso não ser “escutado”. Mesmo assim, com o empenho da discente a entrevista pôde ser feita. A entrevistada ao ser questionada sobre seu aprendizado de LIBRAS afirmou:

Lá atrás quando eu não sabia nada de LIBRAS, estudei na sala só de ouvintes, no grupo de ouvintes, mas aí quando eu completei nove anos eu comecei nas salas especiais, que tinha surdos lá inclusos. Quando eu não sabia nada, eu ficava vendo os surdos se comunicarem e eu ficava só observando e eu era novata, mas .... Ah, mas aí esses surdos começaram a me ensinar e eu comecei a perceber como essa comunicação tinha afinidade, aí eu comecei aprender, eu fui pro CAIS<sup>25</sup>, aprendi, me aprofundei, comecei a perceber as pessoas, e isso começou a esclarecer o meu conhecimento, com o convívio, com a interação. [...] A minha mãe quando eu era pequenininha, ia junto pra escola, mas ela não sabe, ela não aprendeu, ela só sabe gestos, **na minha família só sabem gestos, não são acostumados com LIBRAS.** [...] Porque eu sou surda, eu sou detectora, então **a LIBRAS é muito importante pra mim, pra minha comunicação, se eu não tiver LIBRAS como é que eu vou me comunicar com as pessoas ouvintes?** É importante, eu preciso ver, isso é bom pra esclarecer. Como é que eu vou entender sem ela? **Vai ficar meio tenebroso isso**, então se eu tiver LIBRAS meu aprendizado vai ser muito melhor. O surdo tem problemas, com sentimentos, automutilação, por exemplo, a questão... **É um mundo de ouvintes. Como é que eu vou explicar e expressar meus sentimentos pra sociedade?** Eles precisam ter consciência de que o surdo também ‘murcha’ e o ouvinte também provoca, fica tachando, falando palavrões e aí a gente acaba se recolhendo. [...] Se eu for falar na minha gravidez eu vou chorar, eu sou jovem, eu gostaria de me desenvolver mais, estudar mais, mas agora apareceu um filho, né? Mas não tem problema, eu vou precisar aprender do mesmo jeito e também me comunicar no futuro se ele for ouvinte e eu fico preocupada, pois só tenho vinte e um anos (ENTREVISTADA 2).

Percebemos com a entrevista que uma série de sentimentos se misturaram na sinalização de Maria e fizeram, nos momentos finais da entrevista, que a mesma irrompesse em choro e não conseguisse mais sinalizar. As questões que ficaram mais marcadas em seu discurso são os sentimentos de isolamento por falta de pessoas mais próximas de sua família que saibam se comunicar com ela e também o sentimento de medo que demonstra por não saber se o filho será ouvinte. Esta

---

<sup>25</sup> Centro de Atenção Integral à Saúde

questão demonstra pensamentos que tem tido sobre sua condição de jovem mãe e nos faz pensar que os surdos passam pelos mesmos problemas que os ouvintes com o fator da comunicação como um entrave ou agravante.

Com esta entrevista e estas considerações, entendemos então que todos os elementos da mente, tal qual postula Freud, estão presentes na psique dos surdos, formando as estruturas conhecidas em psicanálise. O Eu continua sendo o centro das ações, quando está estruturado, se pensarmos na neurose; aquele que é responsável pelo teste de realidade e segue este princípio. O Supereu continua sendo o responsável pelas normas, talvez não expressas como imperativos a partir da introjeção da fala dos pais, mas como imagens de repressão ou mesmo no sentimento de dúvida que aflige o sujeito quando se pergunta se o que faz é certo. O Isso continua a mostrar nos sonhos do sujeito surdo seu desejo e ter interferência a partir de suas outras manifestações: chiste, lapso, ato falho, etc. Este mesmo Isso também mantém suas manifestações pelo discurso ou pelo ato, como vimos na entrevista de Maria, na qual no momento que suas questões começaram a ser discutidas o choro aparece e com ele a resistência. Como não estávamos em uma situação terapêutica, esta resistência foi suficiente para aquela histórica parar de sinalizar.

Outro exemplo vem da pesquisa de Ströbel (2006) que aponta no discurso de uma surda toda ambivalência de sentimentos por ser tratada de forma diferente pela sociedade:

Como acontece com muita gente hoje em dia, ao se depararem com um surdo, ficam com impressão de serem diferentes delas. Pois elas não conhecem profundamente os surdos, como também nunca tiveram oportunidade para trocarem umas palavrinhas com os surdos, por isso que na primeira vez que nos vêem, precipitam-se tomando-nos por estranhos, tratando-nos de outro modo (...), digo que tive um pouco dessa culpa, porque em vez de reagir, deixei que eles me tomassem por estranha (...) se não fosse por isto, não teria tomado conhecimento das palavras: “preconceito” e “marginalização”, nem mesmo das dificuldades que nós surdos passamos no dia-a-dia (STRÖBEL, 2006, p.34).

Nesta passagem percebemos que há indícios de retificação subjetiva por parte do sujeito, quando aponta mesmo de forma tímida – “[...] *digo que tive um pouco dessa culpa, porque em vez de reagir, deixei que eles me tomassem por estranha* [...]” – sua participação naquele sofrimento psíquico.

Neste ponto ressaltamos que estas instâncias, que são a base das estruturas da personalidade não são conceitos que se associam apenas com a

expressão oral, mas fazem parte da constituição do sujeito surdo e são expressos na língua de sinais tal qual na fala. Entretanto, como a situação hipotética apresentada acima teve uma “marcação” do ato falho de forma fácil, discutimos a seguir a possibilidade de o método da associação livre facilitar esta “escuta” das manifestações do inconsciente nos indivíduos surdos.

Outra possibilidade de ato falho foi apresentada por Solé (2005, p.82-83) quando analisa um caso em que a paciente sinalizava e falava ao mesmo tempo. O ato falho ocorre no erro da fala e da sinalização, uma vez que a paciente falou a palavra “Homem” e sinalizou “Pai”.

Carla (26 anos, surda profunda) relata um sonho no qual um homem a persegue; vocaliza a palavra “homem” em português oral, mas junto faz o sinal correspondente a “papai” em língua de sinais. Ao ser questionada acerca deste “engano”, diz que quando pequena o sinal que aprendeu para homem era esse que agora é para papai.

Gilda (24, surda profunda) coincidentemente comete um ato falho na mesma palavra ao referir-se aos homens que a importunavam; vocaliza a palavra em português papai, embora junto faça o sinal de homem.

Eva (27, surda profunda) relata um sonho: vinha em um ônibus cheio de surdos, ao passar por uma ponte o ônibus vira. Ao lado tem um homem ouvinte trabalhando em um trator. Ela pensa que ele é sua salvação; quando o ônibus cai, ela se agarra no trator e não cai junto com o ônibus. Ao vocalizar trator, junto com o sinal correspondente, ela vocaliza traidor, faço-lhe notar o erro de pronuncia e lhe pergunto qual o sinal correto para traidor e o que significa. Ela corrige e ri do ato falho. Pergunto, então, quem é traidor, ela rapidamente responde ‘os homens’.

Interessante marcar que mesmo na surdez há a possibilidade de aparecer estas manifestações do inconsciente que são características daqueles que possuem a divisão da mente nos três elementos que a teoria da personalidade psicanalítica admite. Os sonhos representam tal qual nos ouvintes a presença de uma mente inconsciente, assim como o ato falho. Este, por fim, aponta também para a presença do Eu e do Supereu quando apresentam as tentativas de justificar o “engano” no discurso.

Durante a pesquisa, como salientamos anteriormente, interessamo-nos por entrevistar alguns interpretes, pois estes profissionais estão sempre em contato com os surdos e apresentam as principais dificuldades enfrentadas por eles na comunicação cotidiana. Foi importante esta aproximação, pois alguns deles sabiam de situações que presenciaram da tentativa de atendimentos que psicólogos e psicanalistas fizeram e nos mostraram relações importantes que pudemos interpretar para o tema psicanálise e surdez que nos interessa discutir neste momento.

O segundo intérprete que entrevistamos afirmou: “Só conheço profissionais psicólogos que atendem com auxílio de intérprete ou da escrita” (INTERPRETE 2). Percebemos em sua fala que em alguns casos, principalmente em instituições de ensino, nas quais a lei da inclusão de alunos com necessidades educativas especiais vigora, há alguma intervenção com os surdos. No entanto, sempre há uma adaptação ao método de atendimento, que é realizado indiretamente pelo intérprete ou pela escrita.

Outro caso que nos chama a atenção sobre o atendimento mediado por intérprete foi relatado pelo primeiro entrevistado, também intérprete e professor de LIBRAS em uma instituição de ensino superior no Maranhão. Ele aponta que já auxiliou psicólogos e psicanalistas na realização de atendimento:

Tem uma coisa que eu gostaria de falar. Lá nós temos uma psicóloga. É a Maria. A Maria é maravilhosa. [...] Mas a Maria ficou muito assim restrita... Ela ficou assim: “eu quero falar com eles, pede pra eles botarem o aparelho”. Essa intervenção inicial foi muito difícil porque ela queria que eles não tivessem o intérprete, porque ela ficava se perguntando assim: “como é que vai ser o atendimento, o intérprete e o aluno surdo?”. Só que assim, a gente começou a fazer o seguinte, um acordo, o analista faz o acordo com o intérprete, a gente trabalha através de acordo, e o intérprete, acordo com o analista, né? Ele vai dizer o que ele precisa de mim e eu vou dizer o que eu preciso dele. Primeira coisa que eu digo pro analista: “não olha pra mim, olha pro surdo”. Em ocasião nenhuma... Ah! Eu vou olhar pro... Não. Isso é um absurdo... Pro surdo, sempre. Você vai perguntar olhando pro surdo. Você vai... E ele vai te olhar. Eu estou aqui de lado, tendo essa visão e interpretando (INTÉRPRETE 1).

Percebemos que a intervenção realizada neste momento pela psicóloga ocorreu de duas maneiras. Para aqueles alunos surdos que se comunicavam por LIBRAS, mas que tinham algum percentual de audição, ela recorria ao intérprete para que eles colocassem os aparelhos e a intervenção fosse pela fala e escuta. Já aqueles com surdez severa ou profunda, ela necessitava do apoio do intérprete, tendo que encarar um dilema ético em relação ao sigilo.

Nesta tese entendemos que esta análise “a três” – analista (ouvinte), intérprete e analisando (surdo) – não funciona como deveria. A própria transferência, elemento principal na relação analista – analisando não consegue ser desenvolvida e manejada da forma que precisa ser para dar prosseguimento ao processo de análise.

Quando o intérprete adverte que se deve manter sempre o olhar voltado para o surdo, indica que é um absurdo numa comunicação com o surdo não se estar olhando para ele. Esta questão nos coloca a interrogação acerca da possibilidade de

utilização do divã. Freud nos esclarece isso no texto “Sobre o início do tratamento”, indicando que tem o

[...] plano de fazer com que o paciente se deite num divã, enquanto me sento atrás dele, fora de sua vista. Esta disposição possui uma base histórica: é o remanescente do método hipnótico, a partir do qual a psicanálise se desenvolveu. Mas ele merece ser mantido por muitas razões. A primeira é um motivo pessoal, mas que outros podem partilhar comigo. Não posso suportar ser encarado fixamente por outras pessoas durante oito horas (ou mais) por dia. Visto que, enquanto estou escutando o paciente, também me entrego a correntes de meus pensamentos inconscientes; não desejo que minhas expressões faciais dêem ao paciente material para interpretação ou influenciem-no no que me conta. Em geral, o paciente encara a obrigação de adotar essa posição como um incômodo e rebela-se contra ele [...]. Insisto nesse procedimento, contudo, pois seu propósito e resultado são impedir que a transferência se misture imperceptivelmente às associações do paciente, isolar a transferência e permitir-lhe que apareça, no devido tempo, nitidamente definida como resistência [...] (FREUD, 1913/1996, p. 149).

Inferimos então que, a favor da utilização do divã, Freud nos coloca uma razão histórica, remanescente da hipnose, que pode ser interpretada na perspectiva de que saindo da vista do paciente nossa intervenção com ele ganha ar de sugestão. Com isso indicamos que a prática psicanalítica, utilizando o divã, possibilita ao sujeito deitar e falar de sua vida, tendo o psicanalista que fazer poucas intervenções que permitam ao analisando repensar seu discurso e ações.

Outra razão a favor do uso do divã apresentada por Freud é pessoal, mas fundamentada na técnica. Ele não queria interferir na associação livre do paciente ao deixar transparecer em suas expressões as suas próprias associações. Como razão pessoal, podemos dizer que é possível descartar o uso do divã se entendermos como essencial analisarmos as expressões do paciente. Além disso, como LIBRAS possui um componente visual que é a expressão facial que pode modular o discurso construído para expressar dúvida, vergonha, raiva ou qualquer outro sentimento, é impossível o analista atender em LIBRAS e usar o divã.

Feitas todas essas considerações sobre o método psicanalítico, pensamos que a parte do analisando, a associação livre que ele precisa realizar, é perfeitamente possível para os surdos, já que não há privilégio da oralidade. Mas, quando pensamos no método a partir da contrapartida da associação, que é a atenção flutuante do analista, se analista e analisado não partilharem do mesmo canal de comunicação, torna-se inviável o atendimento.

Concordamos com os autores supracitados que percebem a possibilidade de realizar a análise em língua de sinais, mesmo que Freud e Lacan não tenham deixado em seus textos isto de forma clara.

Entendemos a ausência de textos específicos em Freud e Lacan sobre a surdez como parte de uma problemática mais geral que atingia o campo da surdez. O palco das principais descobertas e da luta pelo direito dos surdos à inserção na cultura a partir da língua de sinais começou com o abade L'Épée em Paris, em 1755.

A escola de De l'Épée, fundada em 1755, foi a primeira a obter auxílio público. Ele treinou numerosos professores para os surdos, e estes, na época da morte do abade, em 1789, já haviam criado 21 escolas para surdos na França e na Europa. O futuro da própria escola de De l'Épée pareceu incerto durante o tumulto da revolução, mas em 1791 ela se transformara na National Institution for Deaf-Mutes em Paris, dirigida pelo brilhante gramático Sicard. O livro de De l'Épée, a seu próprio modo tão revolucionário como o de Copérnico, foi publicado pela primeira vez em 1776 (SACKS, 2010, p.27).

Entretanto, se o primeiro momento foi o de sistematização de uma língua de sinais e a afirmação desta como mais natural para os surdos se desenvolverem, culminando na criação das escolas especializadas, o segundo momento foi de retrocesso, visto que, a partir de 1867, principalmente nos Estados Unidos e na Inglaterra, começou um movimento de “reformadores” nas escolas de surdos que pregavam o oralismo, a iniciativa de ensinar os surdos apenas pela fala e leitura labial, refutando a utilização de uma língua gestual (SACKS, 2010).

De todo modo,

O grande impulso na educação e emancipação dos surdos que entre 1770 e 1820 arrebatara a França continuou assim sua trajetória triunfante nos Estados Unidos até 1870 (Clerc, imensamente ativo até o fim, e com uma personalidade carismática, morreu em 1869). E então — e esse é o momento crítico de toda a história — a maré virou, voltou-se contra o uso da língua de sinais pelos surdos e para os surdos, de tal modo que em vinte anos se desfez o trabalho de um século. De fato, o que estava acontecendo com os surdos e a língua de sinais era parte de um movimento geral (e, para quem preferir, “político”) da época: uma tendência à opressão e ao conformismo vitorianos, à intolerância com as minorias e com as práticas das minorias de todos os tipos — religiosas, linguísticas, étnicas. Foi nessa época, por exemplo, que as “pequenas nações” e as “pequenas línguas” do mundo (por exemplo, o País de Gales e o galês) viram-se pressionadas a incorporar-se ou submeter-se (SACKS, 2010, p.32-33).

A época em que viveram Freud (1856-1939) e Lacan (1901-1981) foi marcada pelo oralismo em relação à surdez, e os intelectuais desse período o

defendiam considerando-o “normal”. Para eles, já que os surdos tinham a capacidade de entender a fala e se expressar oralmente, deveriam ser educados desta forma.

Vale salientar que

[...] o mais importante e poderoso dos representantes “oralistas” foi Alexander Graham Bell, que, por um lado, herdou uma tradição familiar de ensinar elocução e corrigir os impedimentos da fala (seu pai e seu avô destacaram-se nessa área), estando preso a uma estranha mistura familiar de surdez negada (sua mãe e sua esposa eram surdas, mas nunca admitiram isso), e, por outro, naturalmente, foi por si só um gênio tecnológico. Quando Bell jogou todo o peso de sua imensa autoridade e prestígio na defesa do ensino oral para os surdos, a balança finalmente pendeu, e no célebre Congresso Internacional de Educadores de Surdos, realizado em 1880 em Milão, no qual os próprios professores surdos foram excluídos da votação, o oralismo saiu vencedor e o uso da língua de sinais nas escolas foi “oficialmente” abolido. Os alunos surdos foram proibidos de usar sua própria língua “natural” e, dali por diante, forçados a aprender, o melhor que pudessem, a (para eles) “artificial” língua falada. E talvez isso seja condizente com o espírito da época, seu arrogante senso da ciência como poder, de comandar a natureza e nunca se dobrar a ela (SACKS, 2010, p.34-35).

Então, só na década de 1960 tiveram início movimentos para tentar mudar esta realidade e voltar a permitir o acesso à língua de sinais para os indivíduos surdos. São essas as principais considerações advindas do resgate histórico para na origem da psicanálise não haver uma discussão sobre a utilização da língua de sinais ou qualquer acesso à análise de pacientes surdos

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando escolhemos abordar este tema, percebemos que iria ser intrigante pesquisar algo tão pouco explorado e que, em nossa concepção, poderia lançar novas bases para o movimento psicanalítico, uma vez que questiona elementos essenciais de seu método. Analisar um sujeito surdo parecia, àquela época, algo excepcional e para o qual não havíamos sido preparados para fazer.

Hoje, decorridos quatro anos desta pesquisa, compreendemos as falhas daquele pensamento e acreditamos termos avançado na análise do tema, pois chegamos aos principais resultados que podem ser assim resumidos: oralismo como espírito da época de surgimento da psicanálise; oralismo na concepção linguística saussuriana importada pela psicanálise lacaniana e; falhas na formação de psicólogos e psicanalistas para trabalhar com surdos; possibilidade do método psicanalítico atual de atender a demanda dos surdos.

O primeiro resultado importante para esta tese é o reconhecimento de que a psicanálise em sua constituição com Freud sofreu influências do espírito da época, o oralismo. Também a psicanálise francesa recebeu influências do oralismo presente na linguística. Nos capítulos anteriores discorremos sobre este tema, mas apresentamos que estas questões não impedem de se utilizar a psicanálise em pacientes surdos, sendo necessário apenas o correto entendimento dos conceitos e do método, que não são restritivos. Tudo isso apoiado em pesquisas atuais que trabalharam com casos de atendimento de surdos e nos afirmam ser possível realizar este atendimento.

Outro resultado trata da formação dos psicanalistas, principalmente em São Luís, em sua impossibilidade de atender os indivíduos surdos não por questões metodológicas, mas por desconhecerem a língua de sinais e não estarem habituados aos elementos da cultura surda.

Por último, apareceram muitos relatos, principalmente de intérpretes, que auxiliaram no atendimento de surdos, através com uma escuta mediada, um arranjo no entender desta tese. Alguns defendiam a ideia de atender, utilizando-se da tradução do intérprete ou mesmo com o recurso da escrita, sempre numa tradução para o português, deixando de privilegiar o discurso do sujeito surdo. Parecem refletir, mesmo sem saber formalmente, a concepção de Comunicação Total, a qual ressalta que não importa o meio, importando o entendimento. Esta concepção mais fragiliza a

relação com o surdo do que promove realmente avanços em relação ao oralismo em psicanálise. Porque em psicanálise, não trabalhamos exatamente com um entendimento do sujeito, respeitamos a sua expressão, considerando-a particular e significativa, numa concepção ampla do termo.

Todas estas questões só reforçaram a ideia de que tínhamos de promover um espaço de discussão entre analistas e os que estão em formação, para ampliarmos nossa formação para o campo da surdez. Isso pode ser feito, sobretudo colocando a disciplina de LIBRAS, que consta em muitos cursos como eletiva, como uma disciplina (obrigatória) do currículo. Sabemos que 60 horas de formação não são suficientes para tornar os alunos proficientes em Língua Brasileira de Sinais, mas o suficiente para provocar os *insights* necessários para começarmos a formar mais psicólogos e psicanalistas que possam atender os surdos clinicamente ou em qualquer instituição, sempre promovendo inclusão e bem-estar psíquico, ou melhor, saúde.

Contudo, estas ações não são suficientes no entendimento do Grupo de Pesquisa Método Psicanalítico e Novas Demandas Clínicas, formado na Universidade CEUMA, para discutir questões sobre psicanálise e surdez. Quando discutimos as questões sobre o atendimento psicanalítico e a importância da língua comum entre analista e analisando, desponta-nos uma questão discutida nesta tese que é a máxima capacidade analítica de um psicanalista. Este conceito explica que a escuta analítica alcançará melhores resultados quando a análise for realizada na língua materna do analista e do analisando. Por isso, mesmo que o grupo facilite a formação de analistas versados em língua de sinais, eles não estarão desenvolvendo sua máxima capacidade analítica com os surdos, por serem ouvintes treinados em outro idioma.

Almejamos, com o tempo, poder auxiliar a instituição a garantir a inclusão de indivíduos surdos no curso de Psicologia do CEUMA, para que possamos iniciar o percurso de formação de analistas que possuam a LIBRAS como língua materna e possam desenvolver esta máxima capacidade analítica nos atendimentos de surdos. Acreditamos, então, que um analista surdo possa realizar melhor essa escuta que parte da observação de uma cadeia de significantes que é expressa de forma espaço-gestual. Entender cada gesto, não só como uma tradução para o português do que foi dito, mas compreender as diversas possibilidades de construção daquele discurso.

O que podíamos trazer para a tese de doutorado neste momento se encerra aqui. Todavia, esperamos mostrar o resultado das intervenções do grupo de pesquisa

sobre psicanálise e surdez em São Luís do Maranhão, tornando a cidade um centro de referência sobre essa formação. Muito aqui já foi dito em relação à possibilidade de articularmos psicanálise e surdez, contudo precisamos mapear mais esses ricos discursos e participar de mais eventos científicos para divulgar a necessidade de uma ampliação de nossa formação.

Por fim, afirmamos que esta tese faz parte de um movimento de defesa dos bens materiais e imateriais construídos pela cultura surda que poderíamos chamar de bilinguismo. Dizer isso significa não aceitar que se façam arranjos em termos de inclusão dos surdos, como propõe o movimento de Comunicação Total, que veremos mais à frente. Significa explicitamente que esta tese defende que os analistas devem aprender a língua de sinais para atender os surdos e não levar o intérprete para dentro do *setting* terapêutico ou utilizar-se de arranjos como uma análise mediada pela escrita. Esta posição implica, então, resgatar os elementos primordiais da psicanálise e analisá-los em relação à possibilidade de sua utilização por meio da língua de sinais. Buscamos demonstrar que é possível uma clínica da surdez, quando o analista conhece a língua de sinais e a cultura surda.

## REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado**. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

BISOL, Cláudia; SPERB, Tania Mara. Discursos sobre a surdez: deficiência, diferença, singularidade e construção de sentido. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 26, n. 1, p. 07-13, mar. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso em: 09 nov. 2017.

BREMM, Eduardo Scarantti; BISOL, Cláudia Alquati. **Sinalizando a adolescência: narrativas de adolescentes surdos**. *Psicol. cienc. prof.*, 2008, vol.28, no.2, p.272-287.

CARDOSO, Lucila Moraes; CAPITÃO, Cláudio Garcia. **Avaliação psicológica de crianças surdas pelo Teste das Pirâmides Coloridas de Pfister**. *Psico-USF*, 2007, vol.12, n.2, pp. 135-144.

CASALI, Débora. **O atendimento psicológico ao surdo usuário de LIBRAS no município de Itajaí - SC**. Dissertação de Mestrado: Universidade do Vale do Itajaí, 2012.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 48ª ed. São Paulo: IBEP Nacional, 2008.

CHEMAMA, Roland; VANDERMERSCH, Bernard. **Dicionário de Psicanálise**. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2007.

D'ALLONNES, Claude Revault et al. **Os procedimentos clínicos nas ciências humanas: documento, método, problemas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

DALCIN, Gladis. **Um estranho no ninho: um estudo psicanalítico sobre a constituição da subjetividade do sujeito surdo**. Dissertação de Mestrado: Universidade Federal de Santa Catarina, 2005.

DUBOIS, Jean. **Dicionário de linguística**. São Paulo: Cutrix, 2011.

EIZIRIK, Cláudio Laks. A psicanálise pode ser em português? **Revista Brasileira de Psicanálise**. Porto Alegre, vol. 43, n. 1, 41-47, 2009.

FONTANELLA, Bruno José Barcellos; RICAS, Janete; TURATO, Egberto Ribeiro. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 24(1):17-27, jan, 2008.

FREUD, Sigmund. Histeria, 1888. In: \_\_\_\_\_. **Publicações Pré-Psicanalíticas e Esboços Inéditos**. vol. I. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 73-96.

\_\_\_\_\_. Casos Clínicos: Sra. Anna O, 1893. In: \_\_\_\_\_. **Estudos Sobre a Histeria**. vol. II. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 55-81.

\_\_\_\_\_. Charcot, 1893. In: \_\_\_\_\_. **Primeiras Publicações Psicanalíticas**. vol. III. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 17-32.

\_\_\_\_\_. O trabalho dos sonhos, 1900a. In: \_\_\_\_\_. **A interpretação dos sonhos (I)**. vol. IV. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 303-540.

\_\_\_\_\_. A Psicologia dos Processos Oníricos: (B) Regressão, 1900b. In: \_\_\_\_\_. **A interpretação dos sonhos (II) e Sobre os Sonhos**. vol. V. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 303-540.

\_\_\_\_\_. Um Caso de Histeria, 1905a. In: \_\_\_\_\_. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos**. vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 117-231.

\_\_\_\_\_. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, 1905b. In: \_\_\_\_\_. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos**. vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 117-231.

\_\_\_\_\_. Cinco lições de psicanálise, 1909. In: \_\_\_\_\_. **Cinco lições de psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos**. vol. XI. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 15-65.

\_\_\_\_\_. O Manejo da Interpretação de Sonhos na Psicanálise, 1911. In: \_\_\_\_\_. **Cinco lições de psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos**. vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 97-106.

\_\_\_\_\_. Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise, 1912a. In: \_\_\_\_\_. **O caso Schreber, artigos sobre a técnica e outros trabalhos**. vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 121-133.

\_\_\_\_\_. Uma nota sobre o inconsciente na psicanálise, 1912b. In: \_\_\_\_\_. **O caso Schreber, artigos sobre a técnica e outros trabalhos**. vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 273-285.

\_\_\_\_\_. Sobre o início do tratamento, 1913. In: \_\_\_\_\_. **O caso Schreber, artigos sobre a técnica e outros trabalhos**. vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p.137-158.

\_\_\_\_\_. O inconsciente, 1915. In: \_\_\_\_\_. **A história do movimento psicanalítico, artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos**. vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 163-222.

\_\_\_\_\_. Além do princípio de prazer, 1920. In: \_\_\_\_\_. **Além do princípio do prazer**. vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 11-75.

\_\_\_\_\_. O ego e o Id, 1923. In: \_\_\_\_\_. **O Ego e o Id e outros trabalhos**. vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 13-80.

\_\_\_\_\_. A dissolução do complexo de Édipo, 1924a. In: \_\_\_\_\_. **O Ego e o Id e outros trabalhos**. vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 189-199.

\_\_\_\_\_. Uma Breve Descrição da Psicanálise, 1924b. In: \_\_\_\_\_. **O Ego e o Id e outros trabalhos**. vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 211-234.

\_\_\_\_\_. Sexualidade Feminina, 1931. In: \_\_\_\_\_. **O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos**. vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p.231-254.

JORGE, Marco Antonio Coutinho; FERREIRA, Nádia Paulo. **Lacan, o grande freudiano**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

LABORRIT, Emmanuelle. **O grito da gaivota: biografia de uma surda profunda, do berço ao êxito nos palcos do teatro francês**. 2 ed. Lisboa: Editorial Caminho, 2000.

LACAN, Jacques. **Conversación con Jacques Lacan**, 1966. Disponível em: <[www.campopsicanalitico.com.br/biblioteca/genebra.doc](http://www.campopsicanalitico.com.br/biblioteca/genebra.doc)>. Acesso em: 01 de set. 2015.

\_\_\_\_\_. A tópica do imaginário. In: \_\_\_\_\_. **O Seminário 1: Os Escritos Técnicos de Freud**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986. Cap. 2. p.87-186.

\_\_\_\_\_. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_. **O mito individual do neurótico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

\_\_\_\_\_. A tópica do imaginário, 1953-1954. In: \_\_\_\_\_. **O Seminário, Livro 1: os Escritos Técnicos de Freud**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009.

LEITE, Emeli Marques Costa. **Os papéis do intérprete de libras na sala de aula inclusiva**. Petrópolis, RJ: Editora Arara Azul, 2004.

LEMAIRE, Anika. **Jacques Lacan: uma introdução**. 4 ed. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

LILLO-MARTIN, Diane. *Sign Languages*, 2014. In: **Cambridge Encyclopedia of the Language Sciences**. Disponível em: <[http://homepages.uconn.edu/~dcl02005/DLM/Publications\\_files/Lillo-Martin\\_inpress\\_CELS.pdf](http://homepages.uconn.edu/~dcl02005/DLM/Publications_files/Lillo-Martin_inpress_CELS.pdf)>. Acesso em: 10 fev. 2016.

MARZOLLA, Ana Cristina. **O pai e seu filho surdo**. Tese de doutorado: PUC-SP, 2010.

\_\_\_\_\_. **Atendimento psicanalítico do paciente com surdez**. São Paulo: Zagodoni, 2012.

MEZAN, Renato. **O tronco e os ramos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

PINTO, Tereza. Relações possíveis entre desencadeamento psicótico e implante coclear: reflexões a partir do contexto clínico francês. **Psicol. clin.**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 2, p. 33-51, jun. 2013. Disponível: <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso em: 09 nov. 2017.

QUADROS, Ronice Müller de (org). **Estudos surdos I**. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2006.

REGINFO, Francisco. **Psychanalyse et Clinique de la Surdit e**. Disponível em: <<http://www.cairn.info/revue-la-clinique-lacanienne-2008-2-page-71.htm>>. Acesso em: 20 abr. 2014.

ROUDINESCO, Elizabeth; PLON, Michel. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

SACKS, Oliver. **Vendo vozes: uma jornada pelo mundo dos surdos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SAT (Serviço de Ajudas Técnicas). Funda o de Articula o e Desenvolvimento de Políticas Públicas para Pessoas com Deficiência e Altas Habilidades no Rio Grande do Sul (FADERS). **Minidicionário de LIBRAS**. Porto Alegre: FADERS, 2010.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. 27 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCA O DO PARANÁ (SEED-PR). **Aspectos linguísticos da Língua de Brasileira de Sinais**. Curitiba: SEED, 1998.

SOLÉ, Maria Cristina Petrucci. **O Sujeito Surdo e a Psicanálise: uma outra via de escuta**. Porto Alegre: UFRGS, 2005.

SPINASSÉ, Karen Pupp. Os conceitos Língua Materna, Segunda Língua e Língua Estrangeira e os falantes de línguas alóctones minoritárias no Sul do Brasil. **Revista Contingentia**, 2006, vol. 1, nov. 2006, p01-10.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 2. ed. Florianópolis: UFSC, 2009.

VILHALVA, Shirley. **Despertar do silêncio**. Petrópolis – RJ: Editora Arara Azul, 2004.

VIROLE, B. **Psychanalyse d’un enfant sourd**. 2007. Disponível em: <[virole.pagesperso-orange.fr/Psyenf.pdf](http://virole.pagesperso-orange.fr/Psyenf.pdf)>. Acesso em: 06 ago. 2013.

**ANEXOS**

## ANEXO I

## PARECER CONSUBSTANCIADO PEPG PSICOLOGIA CLÍNICA

São Paulo, 03 de outubro de 2014.

À Comissão Científica do PEPG em Psicologia Clínica.

**PARECER**

Projeto para Doutorado em Psicologia Clínica:

**A psicanálise realizada em LIBRAS: Estudando as manifestações do inconsciente em indivíduos surdos.**

Orientador: Prof. Dr. Alfredo Naffah Neto

Pesquisador : Danillo Jorge Escorcio Halabe.

O presente projeto é uma pesquisa com vistas a conhecer e explorar a possibilidade de atendimento psicanalítico realizado através da linguagem de sinais de *LIBRAS*.

O principal objetivo do trabalho é estabelecer que alterações teriam que ser feitas para tornar possível uma leitura psicanalítica de pacientes que se comunicam através da linguagem de sinais, sendo que o primeiro requisito é que o analista se torne capacitado a se comunicar através desta linguagem.

O pesquisador, Danillo Jorge Escorcio Halabe vem estudando a linguagem de sinais e a viabilidade de sua articulação com a prática psicanalítica há muitos anos e apresenta um projeto de pesquisa consistente e uma ampla pesquisa bibliográfica.

A pesquisa propriamente dita será feita através da análise de pacientes surdos na clínica da Universidade CEUMA , em São Luis do Maranhão e os paciente serão convidados a participar da pesquisa, assinando o termo de consentimento livre e esclarecido, de acordo com as exigências éticas.

O projeto está muito bem formulado e é feita uma longa e exaustiva pesquisa de toda a bibliografia encontrada relativa a pesquisas anteriores com objetivos semelhantes.

Sugiro que o projeto seja aprovado, dada a sua grande relevância social e a consistência do projeto apresentado.

Atenciosamente,



Profª. Dra. Elisa Maria de Ulhôa Cintra

## ANEXO II

### PARECER CONSUBSTANCIADO CEP – PUC-SP



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE  
CATÓLICA DE SÃO PAULO-  
PUC/SP



#### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** A PSICANÁLISE REALIZADA EM LIBRAS: Estudando as manifestações do inconsciente em indivíduos surdos

**Pesquisador:** DANNILO JORGE ESCORCIO HALABE

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 40931814.8.0000.5482

**Instituição Proponente:** Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da PUC/SP

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 1.188.015

**Data da Relatoria:** 29/01/2015

#### Apresentação do Projeto:

Trata-se de protocolo de pesquisa para elaboração de Tese de Doutorado no Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia: Psicologia Clínica (PEPG em PCL), vinculado à Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde (FCHS) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP).

Projeto de pesquisa de autoria de Dannilo Jorge Escorcio Halabe, sob a orientação do Prof. Dr. Alfredo Naffah Neto.

A proposta visa "(...) analisar como se opera os elementos da clínica e os conceitos fundamentais da psicanálise em relação aos indivíduos que por conta da surdez necessitam da língua brasileira de sinais (LIBRAS) para se comunicarem. Diferente do cenário pesquisado por Sigmund Freud e Jacques Lacan no processo de "escuta" clínica existem dificuldades para o tratamento psicanalítico quando o analista não surdo solicita ao paciente surdo que fale e faça a leitura orofacial para se comunicar. Descreveremos os depoimentos de surdos que afirmam ser a língua de sinais a forma mais natural de expressarem seu mundo interno. Os surdos, por não terem acesso facilitado à cultura dos falantes, acabam formando subgrupos apenas com as pessoas que compreendem a sua linguagem, não encontrando auxílio psicológico especializado."

**Endereço:** Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C

**Bairro:** Perdizes

**CEP:** 05.015-001

**UF:** SP

**Município:** SAO PAULO

**Telefone:** (11)3670-8466

**Fax:** (11)3670-8466

**E-mail:** cometica@pucsp.br



Continuação do Parecer: 1.188.015

**Objetivo da Pesquisa:**

Objetivo Geral:

Analisar os conceitos e os métodos da clínica psicanalítica francesa, fundamentada na teoria do inconsciente de Sigmund Freud, na releitura de Jacques Lacan e na linguística de Ferdinand de Saussure, para o atendimento de indivíduos com déficit auditivo bilateral severo ou profundo e que fazem uso da língua de sinais para se comunicarem.

Objetivos Específicos:

Avaliar as concepções que fundamentam a visão psicanalítica em relação à constituição do sujeito e sua correspondência em relação aos indivíduos surdos;  
 Verificar, por meio da análise de pacientes surdos, as manifestações do inconsciente na língua de sinais;  
 Estabelecer as metodologias possíveis de serem utilizadas pelo psicanalista no atendimento por meio da língua de sinais.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Atendem satisfatoriamente ao que está disposto e é recomendado na Resolução CNS/MS n. 466/12 que trata das pesquisas que envolvem seres humanos.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

A exposição do Projeto é clara e objetiva, feita de maneira concisa e fundamentada, permitindo-se concluir que a proposta de pesquisa em tela, possui uma linha metodológica definida, base da qual será possível auferir conclusões consistentes.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Apresentados a contento, conforme orienta a Resolução CNS/MS n° 466/12, os Regimento e Regulamento Interno do Comitê de Ética em Pesquisa, campus Monte Alegre da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - CEP-PUC/SP e o Manual Ilustrado da Plataforma Brasil, disponíveis para consulta no site: [www.pucsp.br/cometica](http://www.pucsp.br/cometica)

**Recomendações:**

Recomendamos que o desenvolvimento da pesquisa siga os fundamentos, metodologia,

<b>Endereço:</b> Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C	
<b>Bairro:</b> Perdizes	<b>CEP:</b> 05.015-001
<b>UF:</b> SP	<b>Município:</b> SAO PAULO
<b>Telefone:</b> (11)3670-8466	<b>Fax:</b> (11)3670-8466
	<b>E-mail:</b> <a href="mailto:cometica@pucsp.br">cometica@pucsp.br</a>



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE  
CATÓLICA DE SÃO PAULO-  
PUC/SP



Continuação do Parecer: 1.188.015

proposições, pressupostos em tela, do modo em que foram apresentados e avaliados por este Comitê de Ética em Pesquisa. Qualquer alteração deve ser imediatamente informada ao CEP-PUC/SP, indicando a parte do protocolo de pesquisa modificada, acompanhada das justificativas.

Também, a pesquisadora deverá observar e cumprir os itens relacionados abaixo, conforme indicado pela Res. 466/12:

- a) desenvolver o projeto conforme delineado;
- b) elaborar e apresentar o relatório final;
- c) apresentar dados solicitados pelo CEP, a qualquer momento;
- d) manter em arquivo, sob sua guarda, por um período de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa, os seus dados, em arquivo físico ou digital;
- e) encaminhar os resultados para publicação, com os devidos créditos aos pesquisadores associados e ao pessoal técnico participante do projeto;
- f) justificar, perante o CEP, interrupção do projeto.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Sem Pendências e Lista de Inadequações, portanto, somos de parecer favorável à aprovação e realização do projeto de pesquisa em tela.

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

**Considerações Finais a critério do CEP:**

SAO PAULO, 17 de Agosto de 2015

---

**Assinado por:**  
**Edgard de Assis Carvalho**  
**(Coordenador)**

**Endereço:** Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C

**Bairro:** Perdizes

**CEP:** 05.015-001

**UF:** SP

**Município:** SAO PAULO

**Telefone:** (11)3670-8466

**Fax:** (11)3670-8466

**E-mail:** cometica@pucsp.br

## APÊNDICES

## APÊNDICE I

### ROTEIRO DE ENTREVISTA

(Caro entrevistador, este roteiro é o ponto de partida da pesquisa, precisamos que seja acrescida a sua percepção da realidade, ao considerar realizar mais perguntas para esclarecer o tema).

### GRUPO 1 – INTÉRPRETES

Prezado(a) Senhor(a), este é um instrumento de entrevista, para a qual o(a) sr.(a) está sendo convidado(a) a participar, que visa entender as possíveis relações entre o campo da psicanálise e da surdez.

1. Na instituição onde o(a) sr.(a) trabalha, há quantos surdos? Destes, quantos o(a) sr.(a) atende como intérprete?
2. Falando de inclusão, qual sua perspectiva deste processo na sua instituição com relação aos surdos?
3. Como é a rotina do intérprete?
4. Durante os intervalos como é sua relação com os surdos que o(a) sr.(a) atende?
5. Quais são as principais queixas dos alunos surdos na instituição em que o(a) sr.(a) atende?
6. Quando há problemas ou insatisfação por parte dos sujeitos surdos com a instituição ou outros assuntos quem os atende?
7. O(A) sr.(a) conhece o contexto familiar destes sujeitos surdos?
8. Se sim, os pais conhecem a Libras? Quem são as pessoas com quem ele mais conversa?
9. O(A) sr.(a) já foi chamado por algum profissional da psicologia ou outro da escola para auxiliar num atendimento ao sujeito surdo?
10. Conhece algum psicólogo/psicanalista que atenda pacientes surdos?
11. Se sim, ele é proficiente em Libras, ou atende com auxílio de intérprete, ou através da fala e leitura orofacial?
12. Para você, há diferenças marcantes entre surdos e ouvintes? Se sim, quais as principais diferenças?

MAIS PERGUNTAS DO ENTREVISTADOR (Conforme cada contexto)

CONSIDERAÇÕES DOS ENTREVISTADOS (Conforme cada contexto)

AGRADECEMOS A PARTICIPAÇÃO!

## **ROTEIRO DE ENTREVISTA**

(Caro entrevistador, este roteiro é o ponto de partida da pesquisa, precisamos que seja acrescida a sua percepção da realidade, ao considerar realizar mais perguntas para esclarecer o tema).

### **GRUPO 2 – SUJEITO SURDO**

Prezado(a) Senhor(a), este é um instrumento de entrevista, para a qual o(a) sr.(a) está sendo convidado(a) a participar, que visa entender as possíveis relações entre o campo da psicanálise e da surdez.

1. Quando aprendeu a LIBRAS?
2. Sempre estudou em escolas regulares ou frequentou alguma escola específica?
3. O que mudou desde que aprendeu LIBRAS? Lembra-se de como era antes da aprendizagem da língua de sinais?
4. Os pais (família) apoiaram? Aprenderam também a Libras?
5. Qual a importância da Libras para você?
6. Conhece o trabalho do psicólogo / psicanalista?
7. Se sim, já pensou em procurar atendimento para falar de seus problemas?
  - 7.1 Se sim, como foi o atendimento? O profissional era proficiente em Libras, ou atendia com auxílio de intérprete, ou através da fala e leitura orofacial?
  - 7.2 Se sim, o que achou da consulta? Conseguiu se expressar?
  - 7.3 Se não, com quem conversa quando tem problemas ou tem algo a expressar?
8. Quais são os grupos em que você está inserido?
9. Destes grupos, quais deles possuem pessoas que se comunicam em Libras?
10. Para você, como o sujeito surdo é tratado na sociedade? Quais os principais problemas enfrentados?
11. Para você, há diferenças marcantes entre surdos e ouvintes? Se sim, quais as principais diferenças?
12. Como é sua rotina? Em que momentos você precisa do auxílio dos intérpretes para a realização de suas atividades?

MAIS PERGUNTAS DO ENTREVISTADOR (Conforme cada contexto)

CONSIDERAÇÕES DOS ENTREVISTADOS (Conforme cada contexto)

**AGRADECEMOS A PARTICIPAÇÃO!**

**APÊNDICE II****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Prezado(a) Participante,

Em consonância com as determinações da **Resolução nº 466** do Conselho Nacional de Saúde (CNS), de 12 de dezembro de 2012, que esclarece as normas éticas de pesquisa com seres humanos baseadas nos princípios de respeito à dignidade humana, venho através deste documento prestar os seguintes esclarecimentos acerca da pesquisa da qual V<sup>a</sup> Sr<sup>a</sup> está sendo convidado(a) a participar de forma livre e sem constrangimentos:

Sou Dannilo Jorge Escorcio Halabe, discente do Curso de Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Estou realizando uma pesquisa intitulada “A PSICANÁLISE REALIZADA EM LIBRAS: Demandas e desafios da clínica com pacientes surdos” pelo Grupo de Pesquisa Método Psicanalítico e Novas Demandas Clínicas, sob supervisão do professor Dr. Alfredo Naffah Neto, cujo objetivo é analisar as inter-relações entre psicanálise e surdez.

Por se tratar de uma pesquisa qualitativa, sua participação envolve a realização de uma entrevista, que poderá ser gravada, se assim você permitir, e que tem a duração aproximada de 20 minutos. A participação neste estudo é voluntária e se você decidir não participar ou quiser desistir de continuar em qualquer momento, tem absoluta liberdade de fazê-lo. Na publicação dos resultados desta pesquisa, sua identidade será mantida no mais rigoroso sigilo. Serão omitidas todas as informações que permitam identificá-lo (a).

Mesmo não tendo benefícios diretos em participar, indiretamente você estará contribuindo para a compreensão do fenômeno estudado e para a produção de conhecimento científico. A pesquisa não envolve riscos para os participantes. Quaisquer dúvidas relativas à pesquisa poderão ser esclarecidas pelo pesquisador no contato (98) 988776055 ou pelo Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP nos contatos (11) 3670-8466 – e-mail:cometica@pucsp.br.

Atenciosamente,

---

**DANNILO J. E. HALABE**  
Psicólogo e Mestre em Educação

---

**Participante da Pesquisa**

São Luís, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_.

## APÊNDICE III

### ENTREVISTAS

#### ENTREVISTA 1

**“Karla”, surda, 28 anos. Entrevista conduzida por discente do Grupo de Pesquisa (com observações)**

**[Karla]:** Não sei se teu orientador já te falou, mas nem todas as pessoas são surdas são 100% surdos, existem graus de surdez e nem todo surdo se adapta ao mundo e linguagem de sinais, isso é um pequeno problema, aí o que acontece... a nossa coisa tá desde o império quando Dom Pedro mandou trazer da França um professor surdo para ensinar os surdos da corte, mas muita gente gosta de esconder que tem pessoas surdas porque acha que a gente ainda é invalido e é complicado.

**[Karla]:** Eu entendo, só tem opcional, e a turma toda tem que assinar, quando eu era aluna do Pitágoras, tinha lá optativa, LIBRAS, aí eu perguntei pra minha coordenadora na época: professora, quem é surdo tem que fazer esse negócio aqui, aí ela: “bom, no teu caso não, né minha filha? Mas... então vou pedir pra eu ser monitora da disciplina, aí tudo bem, não gostei mais do sistema da faculdade, não estava mais me dando bem com os detalhes de lá e fui pro Florence, o Florence é uma coisa interessante, que eu pensei que eu fosse ficar desprezada por causa do déficit de audição, mas pelo contrário, tudo mundo lá fez foi me abraçar, especialmente o povo de odonto, e eu digo: “gente pelo amor de deus”... Professor, me empresta aquela sua aluna, aquela que não fala, que não escuta, aí eu: “beleza, eu vou, auxilio os meninos, eu não faço procedimento nenhum de odonto, meu curso é farmácia, mas eu auxilio os meninos quando tem algum surdo, justamente na linguagem de sinais, mas aí fica uma coisa interessante, que fica o coordenador, fica o secretário, fica o aluno e fica o professor, aí fica eu, aí ele: “se ele sentir dor tu avisa?”. E eu: “aviso” e aí fica combinado os gestos, se ele apertar muito no rosto do meu amigo que ta fazendo o procedimento é porque ta doendo demais e tem que parar porque não tem condição do cara se comunicar, né? Então essa parte fica mesmo comigo, se ele não aperta é porque não ta doendo, aí ficou assim? Ficou. Aí fica umas batidinhas, não é ‘tapao’ na cara. **Agora me pergunta o que tu quer me perguntar. Como eu te disse eu tenho problema de audição, não é de voz.**

**Obs:** Esse momento foi exatamente quando a entrevistadora começou a explicar questões sobre a pesquisa, sobre os objetivos e o termo de consentimento, antes de iniciar a entrevista. Foi possível ver como A estava disposta a falar e ao mesmo tempo saber sobre a pesquisa.

**[Pesquisadora]:** Quando aprendeu a LIBRAS?

**[Karla]** Aprendi em 1993, eu tinha uma prima que era surda, eu tinha a disponibilidade de ficar surda devida a péssima gravidez que minha mãe teve e minha prima era surda, e na época, hoje ainda tem, mas poucas escolas que fazem isso, né? Hoje em dia também o MEC tá em cima. Eu estudava numa escola aí de manhã e de tarde eu tinha que ir pra escola com a minha prima, porque tinha que ter alguém da mesma idade que pudesse auxiliar, e as crianças não nos aceitavam muito, na época, faziam muitas maldades e eu não ficava atrás com quem fazia maldade com a minha prima,

eu era o cão de rabo, tanto que em 95 quando eu me instabilizei aqui mesmo em São Luís, eu já tinha feito meu tio nos matricular em 3 escolas porque ‘um’ empurrou minha prima da escada e eu peguei e botei pimenta na roupa dele, ele nunca mais esqueceu como pimenta arde, eu não podia ter arma branca, mas eu podia pegar pimenta, tanto que alguém sempre tinha muito cuidado com os vidros, acho que é por isso que hoje eu estudo farmácia.

**[Pesquisadora]:** Sempre estudou em escolas regulares ou frequentou alguma escola específica?

**[Karla]:** Sempre estudei em escolas normais, minha prima também estudava em escolas normais, só que como eu tinha uma certa condição, ele pagava, porque antes era assim: no governo do Estado, se o aluno ia receber, a escola no caso, fosse receber uma pessoa surda, a diretora ia receber, vamos supor... a diretora daqui da clínica, fosse receber alguém surdo, tinha que pedir 2 anos antes, aí como é que tu ia saber que nesse ano de 2016 tu ia saber que tu ia receber um aluno surdo? E demorava muito e lá na escola também quando eu estudava, fazia 5° e 6° série nós recebemos uns alunos que eram surdos e ficava complicado pros professores, especialmente quando nós não íamos... eu, Abraão, Aurinda e Ricardo, éramos nós três que sabiam linguagem de sinais e sabia e explicava, aí o professor “explica pra gente”, mas explica direito, porque ele também não sabia e não tinha ninguém, aí eu: “professor, não tem como pedir pra Secretaria de Educação e ele: “ minha filha nós pedimos, mas pra vir...”

**[Pesquisadora]:** O que mudou desde que aprendeu LIBRAS? Lembra-se de como era antes da língua de sinais?

**[Karla]:** Tudo. Lembro, mudou bastante, a linguagem de sinais na minha vida é uma coisa que me acompanha bastante por causa da minha prima que faleceu e eu tinha 15 anos e ela 14, até hoje eu tenho uma bronca com Cristo por causa disso, mas isso aí é uma coisa pra resolver depois... Mudou bastante e eu fui me aperfeiçoando e mudou muito quando eu fui pro Sul do país **que tem um regionalismo**, os sinais que eu faço aqui, a galera não entende devido que eu incorporei muito o regionalismo, por exemplo, o Maranhão você pensa que o “M” é assim, né? (Em língua de sinais), e lá eles fazem maranhão (em língua de sinais) com “W”, porque está localizado em cima em cima do país, aquele povo lá de cima, né? O Amazonas é com “W” (em língua de sinais), e pra nós, Amazonas é Amazonas com “M”. Mudou bastante, pra falar a verdade, nós surdos devemos ao Pelé e ao Ayrton Senna, pra nós... Pra mim que não sou muito chegado ao futebol, quando o Pelé entrou na briga em 97, finalzinho de 96 e foi pra 97 toda criança na escola e a escola que tem que se adequar a necessidade da criança, pra nós deficientes auditivos, em geral, foi muito bom, pra mim foi a Lei do meu descanso, porque aí tinha como exigir algumas coisas, né? Como interprete de LIBRAS, nós começamos a ter uma certa autonomia, até mesmo pra poder trabalhar porque a gente... Tinha muita gente que via a gente como inválidos por escrever mal, mas isso não quer dizer que a pessoa não entenda, tipo: como eu fiquei surda depois de adulta, eu ainda sinto uma certa dificuldade em escrever, **mas minha prima** escrevia assim “nós” e seria o certo: “nós iremos tomar sorvete”, tomar sorvete vamos nós, é errado? É errado, mas nós não escutamos bem e a gente bota do jeito que a gente acha que ta certo... Agora também mudou bastante porque as pessoas quando eu chego, faço linguagens de sinais, todo mundo já se preocupa em me dar um bom atendimento, as vezes eles usam mais a minha linguagem de sinais pra mim ver como é que é o atendimento das pessoas. Eu já tive uma vez, o seguinte, que em um

determinado supermercado eu disse: por favor, quero falar com o gerente, ah tá bom, mas o que foi? Moça eu pedir uma determinada coisa e perguntei o preço e simplesmente a pessoa... Apontei a determinada funcionária. Porque eu digo: moça eu não escuto muito bem, então eu utilizo muito a linguagem de sinais e eu pedir e ela disse: ah surda velha do cão, ainda é saliente. O homem ficou com uma cara, que não sabia o que dizer, eu também disse que ia chamar a imprensa e ele: não senhora, não faça isso, nós vamos corrigir a funcionária. Agora quando eu vou numa determinado supermercado, encontro até funcionários surdos e eu dou uma certa preferência pra eles quando quero orientar alguma coisa.

**Obs:** Conseguimos observar que Carla, mistura alguns assuntos, e que faz muito uso de datas, inclusive antes de gravar a entrevista, ela falou algumas coisas sobre a vida dela, no caminho até o consultório fez uso de muitas datas.

**[Pesquisadora]:** Os pais (família) apoiaram? Aprenderem também a Libras?

**[Karla]:** Não. Incrivelmente eles não. Meu pai passou a conviver comigo, porque ele era muito mulherengo, né? Só não era mais mulherengo do que o cabaré porque tinha alguém pra competir com ele, mas ele começou mesmo a conviver comigo a partir de 1997, que ele saía de manhã e voltava no outro dia, mas foi em 97 mesmo que a família se estabeleceu. Mas quem realmente sabia LIBRAS de todos os familiares, eram meus dois tios que tinham **a minha prima** que era surda e eu, mas o resto não, tinham os gestos, se Hana não tiver por perto, como é que a gente se comunica? Aí chegava a hora do almoço e faziam só os gestos, né? Botavam a comida pra mim e pra ela, ah tudo bem, aí se ela não queria, se ela queria muito ou se ela queria pouco, era complicado.

**Obs:** Mais datas, leve mudança de assunto, por exemplo, ao falar características do pai. Foi a única pergunta na qual ela se resumiu. Percebemos leve resistência ao tratar de outra pessoa da família que não fosse sua prima e tios, durante a entrevista.

**[Pesquisadora]** Qual a importância da Libras para você?

**[Karla]:** Toda, porque eu consigo me comunicar com os outros, consigo fazer a ponte entre eles, e as pessoas quem a curiosidade, eu esclareço as dúvidas, na medida do possível, e ... Facilita, só é chato quando eu vou fazer prova porque o professor me bota isolada. Eu tô há dois anos na instituição que eu tô agora e é chato quando eu vou fazer prova porque meu professor me bota isolada, aí eles me botam isolado e dizem assim: tu é a única pessoa que eu sei... ah tem outro detalhe, a pessoa com surdez, elas entendem algumas coisas erradas, é complicado, quando você fala: então vamos lá. E eu penso: somar o que? As vezes até lá na sala fica preocupante comigo, aí eles pegam e me isolam, e eu digo: mas professor o que é isso? E ele diz: minha filha você é a única que sabe qualquer coisa, qualquer gesto que tu fizer é uma cola. E eu digo: eu vou fazer que nem uma colega minha, quando eu tinha no fundamental, eu tinha uma colega que só sabia BRAILE, e nós pescávamos nas provas, porque meu professor, minhas professoras não sabiam linguagens de sinais, automaticamente eles não sabiam BRAILE. Muita gente pensa que BRAILE é a linguagem pra surdo, mas não é, é LIBRAS. E cada surdo, cada país tem sua soberania, existe BRAILE geral, como também como tem LIBRAS geral que é o alfabeto funcional e se você Se a pessoa não souber fazer o alfabeto todinho tá muito bem e cada país tem o seu, porque cada país tem a sua cultura, não é aquela

coisa que diz: ah tu é surdo, tu fala em qualquer lugar? Não. Tu escuta bem, né? (Pergunta direcionada para a Pesquisadora).

**[Pesquisadora]:** Sim.

**[Karla]:** Vou te fazer uma pergunta. Tu sabe o que é 'bica' em Portugal?

**[Pesquisadora]:** Não.

**[Karla]:** Cafezinho. É bebe isso com açúcar. E se nós falamos o mesmo idioma, podemos nos compreender, mas é tão simples, né? É que nem tu chegar na Angola e o cara te dizer: nossa que 'M' boa, e sabe o que ele tá te falando?

**[Pesquisadora]:** Não.

**[Karla]:** Que tu é uma mulher bonita, e aí? Eu gosto muito de me comunicar, por isso, eu aprendi outras coisas, do nosso próprio português, uns detalhes diferentes. Lá no fundamental, quando a gente fazia provas e minha colega dizia: professor, eu sofro de toque, e ela foi adotada na época e isso foi uma coisa muito assim, né? Por dois médicos da Lumar, só que cada um sabia um idioma, eles eram bem de condição de vida, né? E aprendeu BRAILE no orfanato, porque tinha uma ceguinha... Uma deficiente visual, e aprendeu BRAILE, então ficou uma coisa maravilhosa, eu só me sentava perto dela, até que chegou uma fulana do Rio de Janeiro que descobriu a trama e 'olha que legal, uma surda e uma cega se comunicando' e o professor: quem é surda? Cadê a cega? As duas perto da outra (risos).

**[Pesquisadora]:** Conhece o trabalho do psicólogo / psicanalista?

**[Karla]:** conheço algumas áreas de psicólogos e psicanalistas, mas nunca conheci ninguém que atendesse surdos. Conheci uma menina que estava se formando em Psicologia, lá no Pitágoras, mas ela era surda. eu achava muito legal conversar com ela. Às vezes, ela ia lá na sala e a gente conversava bastante e todo mundo parava e ficava olhando e eu digo: o que é, hein, vocês nunca receberam visita nessa sala, não? E eles: Não. Já, mas a gente não entende o que vocês estão falando. Já fiz terapia, quando eu perdi meus dois ouvidos, aí eu fiquei 6 meses sem ouvir nada, isso pra mim foi um baque muito grande porque, assim... Uma coisa é você trabalhar com eles, outra coisa é você viver do lado deles, outra coisa é você ser um deles. E eu tinha uma chance de 20% de 100% pra uma parte da audição pra usar o aparelho auditivo interno. Foi um problema quando eu morava em santa Catarina, eu levei uma surra dos "Skinheads" e eu agradeço os "Punks" terem me salvado, me jogaram dentro da delegacia pra não morrer e eu passei e fiquei lá.

**[Pesquisadora]:** O que são Skinheads?

**[Karla]:** São os grupos neonazistas, e eles são tão bons que eles brigam até entre eles, né? Eu acho até bacana quando eles se encontram, se brigam e se matam, né? E é o seguinte: eles tem preconceito com negros, nordestino, no nosso caso, ciganos, prostitutas e pessoas que não tem... Que não ver problemas nisso, se você se prostitui, tudo bem, o problema é seu, mas é problema do Estado que não dar chance de emprego, de carteira assinada pra você, mas se você é gay, paga suas contas, o que eu tenho a ver com isso, né? Só se tu roube meu namorado ou namorada se for o caso e ...Eu tava no lugar errado, com a pessoa errada, eu tava numa praça, a menina era paciente do meu amigo que é ginecologista e nós estávamos conversando em linguagens de sinais e veio aquele grupo e eu não tive nem ação de correr, e ela morreu devido as pancadas e eu perdi os dois ouvidos porque nós... eu levei tanta porrada na cabeça que quase estoura o tímpano, aí eu perdi os dois ouvidos por 6 meses, isso pra mim foi letal, e eu to recuperando partes da audição. Eu sei que não vai voltar 100%, mas tá voltando.

**[Pesquisadora]:** Tinha quantos anos, quando tudo isso aconteceu?

**[Karla]:** eu tinha 22 anos. Eu era bonita, eu era magra, hoje em dia não posso ser a mesma coisa.

**Obs:** Nesse momento, observamos um certo nível de resistência e também de euforia... A. ficou meio pensativa, por isso, permitir que ela continuasse, passando assim, uns 2 minutos em silêncio.

**[Pesquisadora]:** Quais são os grupos em que você está inserido?

**[Karla]:** Na faculdade eu participo dos grupos da faculdade e participo dos outros em que eu sou convocada pra ir. Grupos de igreja, não participo, participei um tempo, mas aí eu: ah, muita coisinha, aí eu desistir, pessoal gostava muito de... ah, porque o pessoal fizeram catecismo, fizeram isso e aquilo e pararara... e não ouviam muito os outros e eu disse: gente, como que a gente vai chamar mais gente pro grupo se vocês não ouvirem também quem é que tá entrando e eles: não, mas é porque tem catecismo... E eu digo: pois é, não era uma coisa interessante, aí eu acabei desistindo também do grupo, mas na faculdade eu faço parte de odontologia, farmacêuticos do bem e a liga hematológica e as vezes sou convocada pra liga de odonto e eles dizem: professor Luís Fernando, favor, solicitamos sua aluna. E eu ajudo a galera.

**[Pesquisadora]:** Destes grupos, quais deles possuem pessoas que se comunicam em Libras?

**[Karla]:** Só eu mesmo. Os meninos se esforçam nos farmacêuticos do bem, tem dois que estão aprendendo agora, eles se esforçam muito, mas aí quando eu faço uma pergunta com sinal deles, eles ficam meio que tipo: como é, como é? E ficam se tocando no outro e perguntando. Ah, pelo amor de deus. Nós surdos não somos impacientes, o que acontece é que nós tentamos nos comunicar com pessoas de tudo quanto é jeito, mas como há entendimento, é a mesma coisa de você chegar na China e tentar falar de tudo quanto é jeito, dizer que está precisando de ajuda, mas aí os caras não vão te entender, tu não vai entender eles e aí dá problema.

**[Pesquisadora]:** Para você, como o sujeito surdo é tratado na sociedade? Quais os principais problemas enfrentados?

**[Karla]:** Olha, nós ainda somos vistos como alguma coisa, infelizmente, porque a gente vai nos lugares, nós pagamos impostos e nós não assistimos o jornal, isso também foi uma das coisas que eu, tive oportunidade de conversar com o candidato Braide, quando ele foi lá na faculdade fazer uma palestra, uma das coisas dele era botar o ônibus e eu perguntei: como seriam os acessos as pessoas surdas na sua administração para a saúde e afins. E aí ele falou que tatatata, e eu não sei quem orientou ele no primeiro turno dele, mas foi o único candidato que eu vi que botou legenda pra nós, legendas do tipo que pessoas surdas, não surdas possam ler e ele falava pausadamente e isso fez com que ele fosse para o 2º turno, e eu acho que uma das coisas que fez com que ele não ganhasse foi porque ele não se atentou a esse lado, porque nós não escutamos, mas não quer dizer que nós não saibamos ler. Então não temos legendas nos jornais, nem nacional e nem local, só a TV educadora que promove alguns programas com legendas pra nós. Nós vamos viajar e não tem ninguém que saiba falar com a gente, se não tiver um papel e uma caneta, tão fritos e ainda ficam mangando da gente porque escreve errado, se a gente vai no hospital, pior ainda, se a gente vai numa delegacia, meu cristo. Agora com o governo Flávio Dino que eu vi, que eles estão dando uma olhada melhor pra nós, mas lá onde eu

estudava mesmo, tem uns colegas que são policiais, que estudavam no Pitágoras, e falavam: ah roubaram uma pessoa tal, quem viu uma pessoa surda. E perguntavam: tu tá onde? E eu: tô no Pitágoras. E eles: pois vou te buscar. E eu: menino, na viatura no choque, tu quer que eu enfarte logo? E eles: não, menina, é pra ti ajudar porque não tem e tal tal tal... e eu ia lá pro anjo da guarda. Agora vamos fazer a distância ou então eu ia lá pra Unidade Mista, mas há, cadê a pessoa? Sim, e cadê a autonomia que não dão? Eu acho também que o problema também tá na... quando dizem assim: mas ele não tá com interprete?! Mas e quando o intérprete passa mal e a vida dele depende de uma pessoa com surdez, ninguém ver isso e a gente tenta se comunicar e ninguém quando tá muito nervoso escreve que preste. Eu já vi colegas que escrevem maravilhosamente bem mas quando estão nervosos forca que ninguém entende e fica assim: mas o que tu escreveu aqui? Quando a gente sabe que tem um profissional que tem pelo menos uma pessoa que saiba conosco aí esses profissionais cobram um pouquinho mais, mas a gente vai por quê, que nós vamos? Porque a gente sabe que lá tem alguém pra nos atender, era o que acontecia com esse meu colega ginecologista e depois eu passei um tempo pra trabalhar com ortopedista. Era engraçado quando eles iam clinicar, um monte de surdos, queriam tirar suas dúvidas, as mães também, nossa... e diziam: ah, isso vai lotar de surdos.

**[Karla]:** Sim, mas nós não pagamos impostos, como todo mundo? A gente vai numa loja compra roupa, comprar sapato, comprar comida, não é imposto? (Pergunta direcionada a mim).

**[Pesquisadora]:** Confirmação em gesto, com a cabeça. Silencio de alguns segundos

**[Karla]:** Tudo bem, eu concordo que a gente não possa dirigir defino alguns sinais sonoros, concordo, né? Mas, a gente paga luz, paga água. Uma vez eu perguntei pra uma menina assim: você já imaginou se sua filha fosse surda e você encontrasse um médico que fizesse o que ele faz? Não era só pra manter meu emprego, era uma questão de humanidade e ela: ah, mas é claro. E eu: então antes de você falar, ponha-se no lugar do deles, porque eu tenho certeza que se tu tivesse uma pessoa surda tu ia jogar na sarjeta, ah é surdo, joga fora. Então ainda somos vistos meio assim, por isso que quando a gente encontra alguém é ... Fulano, ele sabe se comunicar comigo, pelo menos ele tentou, a gente fica tão feliz. Sabe por que o surdo rir tanto quando encontra outro surdo? Nós temos meio que um radar, incrivelmente a gente sabe onde tem uma pessoa que também é e a pergunta vem: nossa, vocês se conhecem há quanto tempo? E nós: Há uma hora (risos), porque não sabem a dificuldade pra encontrar outro.

**[Pesquisadora]:** Para você, há diferenças marcantes entre surdos e ouvintes? Se sim, quais as principais diferenças?

**[Karla]:** Sim. Porque assim, os ouvintes querem que nós ficamos iguais a eles, né? E como nós somos divididos em categorias: surdos; meio surdos; e pessoas com lesões auditivas, fica meio complicado. Porque lesão auditiva a pessoa pode recuperar ou não ou então é muito baixo, e os ouvintes, há uma grande maioria deles não querem é... Aprender a se comunicar conosco, acham isso, que vão ficar burros, e aí só procuram se comunicar quando tem alguém muito próximo aí ele: não, vou procurar saber, porque realmente a necessidade bateu na minha porta e tem outro fato, e quando nasce uma pessoa surda numa família de ouvintes ele fica muito retraída, porque a família quer que ele escute, e isso eu vi muito, pessoalmente, na década de 90 que meus tios queria que minha prima escutasse e então eles faziam tudo, pra isso mas nunca perguntaram pra ela como ela se sentia, mas eles diziam: ah mas a gente comprou aparelho pra ela escutar, mas eles não sabiam o que faziam

com ela na escola, desligavam o aparelho, aumentavam o volume o aparelho ficava com aquele “piiiiiiii” que todo mundo já sabia... Então são esses detalhes que não seriam tao gritantes se os ouvintes procurassem aprender a se comunicar com eles, porque não é uma culpa deles nascerem surdos. A culpa é nossa por não entendermos porque estão nascendo surdos...

## ENTREVISTA 2

### “Maria”, surda, 21 anos. Entrevista conduzida por discente do Grupo de Pesquisa (com observações)

**Obs:** A entrevistada queria muito participar da pesquisa, justamente por alegar, segundo o intérprete, que estava passando por vários conflitos, inclusive sobre a gravidez que ocorreu de surpresa. Manifestava a necessidade de ser ouvida, principalmente por uma mulher, por ter questões muito particulares para perguntar, questões que precisava tratar com outras mulheres, por causa também da gravidez. Por isso, com autorização do orientador, coloquei-me a disposição para fazer a entrevista e também para conversar com ela sobre outros assuntos que ela demandasse, com a mediação do intérprete.

**Obs:** Apesar dela querer tanto participar da pesquisa, foi difícil realizar a entrevista, porque a entrevistada desmarcou diversas vezes por motivos diversos. A análise que fazemos destes entres se dá pelo conceito da resistência. Entende-se que, apesar de ter manifestado que gostaria de falar, algo agia para não dar certo os encontros. Para vencer esta resistência, a entrevistadora se colocou à disposição para atendê-la e, quando de última hora a entrevistada afirmou que poderia realizar a entrevista, prontificou-se a realizá-la. Percebemos que a entrevista deu certo no último momento e trouxe material importante para a discussão, e a análise do sintoma dela, desde os momentos em que não se percebia estar sendo analisada (através da observação e diálogo fora da entrevista), fez com que conseguíssemos interpretar melhor alguns elementos.

**Obs:** A entrevistada, doravante chamada de Maria (nome fictício para proteger sua identidade), é uma jovem de 21 anos que ainda está fazendo o ensino médio na capital maranhense. Ela deixou claro a necessidade de ser ouvida por alguém que pudesse de alguma forma escutar seus sentimentos, angústias e dúvidas. Como dissemos, ela chegou a marcar várias vezes a entrevista, relatando para o intérprete sobre a necessidade de conversar com alguém e participar da pesquisa. No entanto, por três vezes, uma vez marcada o encontro ela sempre cancelava alegando diversos pretextos. Somente foi possível realizar a entrevista quando nos prontificamos a atendê-la em cima da hora, quando ela disse que poderia responder as questões naquele dia.

#### [Pesquisadora] Sempre estudou em escolas regulares ou frequentou alguma escola específica?

[Maria] Lá atrás quando **eu não sabia nada** de LIBRAS, estudei na sala só de ouvintes, no grupo de ouvintes, mas aí quando eu completei nove anos eu comecei nas salas especiais, que tinha surdos lá inclusos.

#### [Pesquisadora] O que mudou desde que aprendeu LIBRAS? Lembra-se de como era antes da língua de sinais?

[Maria] Quando **eu não sabia nada**, eu ficava vendo os surdos se comunicarem e eu ficava só observando e eu era novata, mas ....

Ah, mas aí esses surdos começaram a me ensinar e eu comecei a perceber como essa comunicação tinha afinidade, aí eu comecei aprender, eu fui pro CAIS<sup>26</sup>, aprendi, me aprofundei, comecei a perceber as pessoas, e isso começou a esclarecer o meu conhecimento, com o convívio, com a interação.

<sup>26</sup> Centro de Atenção Integral à Saúde

Eu não tinha o curso, **não tinha nada**, comecei a perceber, interagir com os amigos e meus amigos começaram a me ajudar e me ensinar, aí os professores não tinham o curso não.

**[Pesquisadora] Os pais (família) apoiaram? Aprenderem também a LIBRAS?**

**[Maria]** A minha mãe quando eu era pequenininha, ia junto pra escola, mas ela não sabe, ela não aprendeu, ela só sabe gestos, na minha família só sabem gestos, não são acostumados com LIBRAS”.

Ah, mas eu tenho uma irmã que conseguiu, que aprendeu, ela se comunica, ela aprendeu lá na escola, porque ela estudava comigo, o professor colocava nós duas aí minha irmã conseguiu aprender”.

**[Pesquisadora] Qual a importância da LIBRAS para você?**

**[Maria]** Porque eu sou surda, eu sou detectora, então a LIBRAS é muito importante pra mim, pra minha comunicação, se eu não tiver LIBRAS como é que eu vou me comunicar com as pessoas ouvintes? É importante, **eu preciso ver**, isso é bom pra esclarecer. Como é que eu vou entender sem ela? Vai ficar meio tenebroso isso, então se eu tiver LIBRAS meu aprendizado vai ser muito melhor”

**Obs:** Nesse momento, foi possível observar a questão a linguagem, de como a língua de sinais, a LIBRAS, é de extrema relevância a própria constituição psíquica. Outra questão está no fato desta comunicação ser espaço-visual, o que implica que a comunicação se dá a partir da visão. Este fato geralmente é um dos impecilhos encontrados pelo Grupo de Pesquisa para o fato dos psicanalistas não conseguirem atender os indivíduos surdos, uma vez que a utilização do divã, por exemplo, é prejudicada por este fator. E continuamos com mais questões a demanda de atendimento e sobre o conhecimento que ela tinha sobre o trabalho do psicólogo ou do psicanalista.

**[Pesquisadora] Conhece o trabalho do psicólogo / psicanalista?**

**[Maria]** Não conheço.

**[Pesquisadora] Com quem conversa quando tem problemas ou tem algo a expressar?**

**[Maria]** Antigamente eu não conversava com muita gente não, até porque eu não sabia o que eu sentia, eu não entendia, agora, aqui no IFMA<sup>27</sup>, com alguns surdos, também com alguns ouvintes que sabem LIBRAS, que tenham algum tipo de influência sobre mim. Alguns ouvintes que pedem para eu ensinar a LIBRAS, eu ensino, aí formou um grupo, mas se esse grupo se afasta, acabo ficando triste, mas se esse grupo tá junto comigo, ah, aí sinto que vou conseguir, que eu vou melhorar. Mas isso é uma questão de cultura, falta a gente colocar isso dentro da cultura.

**Obs:** Nesse momento, conseguimos observar que ela deixou de ficar retraída como estava no início da entrevista, parou um momento, sorriu, e no final da resposta retraiu-se novamente. Este assunto, que trata da possibilidade de se conhecer o seu mundo interno a partir da experiência com um outro (como semelhante), mostra que ali se deu a possibilidade de se dar vazão a uma demanda de sentimentos antes não elaborados. Com o contato com outros surdos e com pessoas que conhecem a

---

<sup>27</sup> Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão

LIBRAS, Maria pode se expressar e se entender melhor. Em continuidade a entrevista, inserimos algumas perguntas sobre essas relações que ela estabelecia:

**[Pesquisadora] Quais são os grupos em que você está inserido?**

**[Maria]** Sim, eu tenho, tem um grupo da minha sala que não sabe LIBRAS e pede pra eu ir lá, mas tem outros grupos de surdos que também tenho, que a gente se comunica. Eu também participo do grupo da minha igreja. A minha igreja é bem inclusiva.

**[Pesquisadora] Destes grupos, quais deles possuem pessoas que se comunicam em LIBRAS?**

**[Maria]** É porque tem diversos grupos, tem alguns, por exemplo, quando eu era pequenininha, mas eles não sabiam nada. Mas o que mais são é da Igreja Batista Getsêmani, porque eles tem essa responsabilidade, essa inclusão com os surdos.

**Obs:** Uma vez que percebemos que a entrevistada estava mais relaxada, entramos num assunto mais polêmico, como o surdo em visto em sociedade. Esta questão teve como critério a necessidade de avaliação de sua inserção na cultura surda, se entende as dificuldades enfrentadas pelos sujeitos surdos na sociedade brasileira.

**[Pesquisadora] Para você, como o sujeito surdo é tratado na sociedade? Quais os principais problemas enfrentados?**

**[Maria]** O surdo tem problemas, com sentimentos, automutilação, por exemplo, a questão... É um mundo de ouvintes. Como é que eu vou explicar e expressar meus sentimentos pra sociedade? Eles precisam ter consciência de que o surdo também 'murcha' e o ouvinte também provoca, fica tachando, falando palavrões e aí a gente acaba se recolhendo.

**[Pesquisadora] Como é sua rotina? Em que momentos você precisa do auxílio dos intérpretes para a realização de suas atividades?**

**[Maria]** De manhã e à tarde. Sempre. Geralmente eu sou acompanhada pela Eliz, mas aqui na escola, mudam muito de intérprete.

**Obs:** Percebe-se que a relação surdo e intérprete não está pautada apenas pela neutralidade que profissionalismo induz, há a possibilidade de estabelecimento de transferência e o sujeito resiste sempre que tem essa relação estremecida. Em seguida, deixamos um espaço para que ela pudesse falar do assunto que ela mais dizia ser difícil, questões sobre gravidez, conflitos.

**[Maria]** Se eu for falar na minha gravidez eu vou chorar, eu sou jovem, eu gostaria de me desenvolver mais, estudar mais, mas agora apareceu um filho, né?

Mas não tem problema, eu vou precisar aprender do mesmo jeito e também me comunicar no futuro se ele for ouvinte e eu fico preocupada, pois só tenho vinte e um anos (ENTREVISTA, 2016).

**Obs:** No momento que falávamos sobre a gravidez, motivo pelo qual ela afirmou ser o mais difícil de relatar e ao mesmo tempo importante, tivemos que interromper, pois a entrevistada começou a chorar muito e por não estarmos em *setting* terapêutico, não pudemos estender a entrevista. Nesse momento observamos que aquele sentimento era tão forte que travou e por isso, virou resistência.

### ENTREVISTA 3

**“Samuel”, intérprete, 23 anos. Entrevista conduzida por discente do Grupo de Pesquisa (sem observações)**

**[Entrevistador] Na instituição onde o sr. (a) trabalha, há quantos surdos? Destes, quantos o sr. (a) atende enquanto intérprete?**

**[Samuel]** Têm duas surdas. Acompanho uma surda.

**[Entrevistador] Falando da inclusão, qual sua perspectiva deste processo na sua instituição com relação aos surdos?**

**[Samuel]** Temos a preocupação em fazer uma inclusão real, dando suporte a esses alunos, aplicando uma metodologia diferenciada e fazendo avaliações diversificadas.

**[Entrevistador] Como é a rotina do intérprete?**

**[Samuel]** O intérprete precisa chegar na instituição no mesmo horário dos demais profissionais, ele acompanha os alunos surdos durante todas as aulas e também em eventos que acontecem dentro da instituição.

**[Entrevistador] Durante os intervalos como é sua relação com os surdos que o (a) sr. (a) atende?**

**[Samuel]** No momento do intervalo sempre tento deixar o surdo à vontade para socializar-se com os demais colegas. Quando necessário, o acompanho para comprar um lanche, ir resolver algum problema.

**[Entrevistador] Quais são as principais queixas dos alunos surdos na instituição em que o (a) sr. (a) atende?**

**[Samuel]** Eles estão sempre reclamando que os professores exigem as atividades por escrito.

**[Entrevistador] Quando há problemas ou insatisfação por parte dos sujeitos surdos com a instituição ou outros assuntos quem os atende?**

**[Samuel]** O departamento pedagógico ou a direção de curso.

**[Entrevistador] O (A) sr. (a) conhece o contexto familiar destes sujeitos surdos? Se sim, os pais conhecem a Libras? Quem são as pessoas com quem ele mais conversa?**

**[Samuel]** Sim. Os familiares tem pouco conhecimento da Libras e na maioria das vezes a comunicação é feita através de sinais caseiros. No caso da aluna que acompanho quem mais fala com ela é a sua irmã.

**[Entrevistador] O (A) sr. (a) já foi chamado por algum profissional da psicologia ou outro da escola para auxiliar num atendimento ao sujeito surdo?**

**[Samuel]** Sim.

**[Entrevistador] Conhece algum psicólogo/psicanalista que atenda pacientes surdos? Se sim, ele é proficiente em Libras, ou atende com auxílio de interprete, ou através da fala e leitura orofacial?**

**[Samuel]** Sim. Só conheço profissionais psicólogos que atendem com auxílio de intérprete ou da escrita.

**[Entrevistador] Para você, há diferenças marcantes entre surdos e ouvintes? Se sim, quais as principais diferenças?**

**[Samuel]** A principal diferença está na questão de como o surdo aprende/apreende as coisas da vida. O surdo é um sujeito visual, sua identidade está caracterizada na contemplação do mundo através dos seus olhos. Enquanto os ouvintes usam todos os sentidos para aprender e se desenvolver os surdos utilizam a visão. Não devemos ver os surdos como sujeitos que está faltando algo (audição) e sim como sujeitos que têm várias possibilidades de desenvolvimento se for aproveitados todos os estímulos ligados à sua visão.

## ENTREVISTA 4

**“Rodrigo”, 22 anos, intérprete. Entrevista conduzida pelo professor pesquisador, na presença de uma discente do Grupo de pesquisa.**

**Entrevistador:** Eu contratei um intérprete pra seu meu professor particular e tenho aula todo sábado com ele, mas eu ainda estou muito distante de conseguir ver associação livre em libras, que é o método da psicanálise. É o que mais me angustia que ele sinaliza, ele vai fazer o gesto de igreja, e ele faz só metade, ele faz só o casa. Mas quais são os outros sinais que poderiam surgir com a mesma configuração de mão, com o mesmo espaço onde ele sinaliza, eu preciso saber disso pra fazer a análise dele.

**[Rodrigo]** Eu sei... Porque assim... É... Libras é a imagem do pensamento. É sempre que você pensa, idealiza e você categoriza. Porque existe uma primeira coisa que você tem que aprender, que a gente começou a aprender lá no IESF, porque a gente tem aula todo sábado o dia inteiro. O que a gente precisa aprender? A primeira coisa é a transcrição. A maioria dos cursos não ensina, mas se você não souber a transcrição, você não vai entender a língua de sinais, nunca. Você vai saber sinais, você vai saber o sinal de casa, de igreja, de hospital, mas você não vai saber colocar dentro da linguística dos sinais. Você não vai saber se comunicar. Porque assim, a transcrição, quando a gente aprende a transcrever, usar os tempos verbais, os marcadores verbais, que a gente chama, advérbios, e tal, que é o que a gente está vendo agora. Os alunos ficam impressionados porque eles vão para o curso de libras e o professor pega um livro aí... Categoria casa: mesa, copo, cadeira... E os alunos vão copiando. Quando eles veem que vou pro quadro, dou gramática, ponho a frase em português, transcrevo pra libras, sinalizo, deixo eles filmarem, eles treinam, depois eles fazem, eles já veem que é outra coisa. Olha, uma turma de... Eu tinha uma turma de oito alunos no começo, quando eu voltei na outra aula, eu tinha dezoito alunos, dez alunos de boca. Dez alunos de boca, que os alunos foram conversando. Mesma coisa... (...) Três surdos muito diferentes do que a gente sabe que é subjetividade. (...) esses a subjetividade é bem diferente. Eles são muito diferentes. Um é mais calminho e recatado. Aquela questão que eu falei da família que esconde, que escondeu, que tomou as decisões por ele. Eu tenho conversado com essa família, apesar de eu ainda não ser psicólogo, por quê? Porque eles querem tomar decisão por ele (...). Ele está aprendendo a se expressar.

**Entrevistador:** (...) Eu percebo, isso é um ponto forte na minha pesquisa, que pela falta do profissional psicólogo, de ele conhecer, não só conhecer o idioma libras, mas está presente na cultura surda mesmo. Eu conheço intérprete que chega em casa cansado, mas que tem um vizinho surdo, que a única pessoa que consegue conversar com ele é o intérprete e bate lá onze horas da noite pra falar dos problemas que está tendo na adolescência... Ele tem que sinalizar um pouquinho, sabe? Desabafar um pouco. E não tem ninguém que faça essa escuta.

**[Rodrigo]** Inclusive tem uma psicóloga lá. Eu falei pra Jôse.

**Entrevistador:** Você formou onde?

**[Rodrigo]** eu formei na Anhanguera. Eu comecei na UFMA, não gostei, aí eu saí. Mas assim... Eu gosto muito de linguística e gosto muito de psicologia. Eu quero muito juntar isso. Eu comecei a fazer isso quando eu comecei a trabalhar com língua de sinais, quando eu comecei a ver os problemas dos surdos, inclusive tem surdo que diz que diz “eu quero ser psicólogo”, porque eles têm a mim como referência. Muitos deles dizem isso hoje. O Joneson quando chegou lá no... É outro caso de surdo que

perdeu a audição, com onze anos de idade, normalmente, como uma pessoa normal. Têm algumas palavras que são acentuadas, que ele não consegue, por exemplo, extraordinário, ele fala extraordinario, então, ele não consegue. Mas assim... Ele fala naturalmente...

**Entrevistador:** Ele já tinha sido alfabetizado em português.

**[Rodrigo]** É, ele já tinha sido alfabetizado.

**Entrevistador:** O meu caso da tese é analisar o sujeito que não tem isso, né? Que o pensamento dele é pela imagem mesmo, por libras. Eu achei uma tese, uma tese não, uma dissertação, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que tenta dando um estatuto linguístico saussuriano para libras. Eu ainda estou lendo isso.

**[Rodrigo]** Lá, eles têm boas pesquisas porque eles têm o curso de letras libras e já faz muito tempo lá.

**[Rodrigo]** Tem uma coisa que eu gostaria de falar. Lá nós temos uma psicóloga. É a Ângela. A Ângela é maravilhosa. Só que ela é da Gestalt. Mas a Ângela ficou muito assim restrita... Ela ficou assim: “eu quero falar com eles, pede pra eles botarem o aparelho”. Essa intervenção inicial foi muito difícil, professor, porque ela queria que eles não tivessem o intérprete, porque ela ficava se perguntando assim: “como é que vai ser o atendimento, o intérprete e o aluno surdo?”. Só que assim, a gente começou a fazer o seguinte, um acordo, o analista faz o acordo com o intérprete, a gente trabalha através de acordo, e o intérprete, acordo com o analista, né? Ele vai dizer o que ele precisa de mim e eu vou dizer o que eu preciso dele. Primeira coisa que eu digo pro analista: “não olha pra mim, olha pro surdo”. Em ocasião nenhuma... Ah! Eu vou olhar pro... Não. Isso é um absurdo... Pro surdo, sempre. Você vai perguntar olhando pro surdo. Você vai... E ele vai te olhar. Eu estou aqui de lado, tendo essa visão e interpretando.

**Entrevistador:** Isso aqui que tu fala, desse acordo com o analista é a primeira vez que eu ouço isso. Porque a maioria da literatura que eu procuro me diz que é muito complicado isso, porque começa a entrar em questão a subjetividade do intérprete, apesar de você...

**[Rodrigo]** Na verdade a tradução nunca é fiel.

**Entrevistador:** Eu sei.

**[Rodrigo]** Porque lá no Código de Ética da gente: “a tradução tem que ser fi...”. Não existe, porque a tradução é sinônimo de falsidade, eu digo logo, porque você não tem uma tradução fiel. Mas a gente tenta usar a subjetividade... Olha, quando eu tô interpretando, eu acho engraçado porque (...) assim (gestual), mas é verdade (diz com ênfase).

**Entrevistador:** Eu sei. Você tenta ser o mais fiel possível na fala, né?

**[Rodrigo]** E, às vezes, o acordo é eu vou sempre usar a primeira pessoa do singular, eu, eu vou sempre usar a primeira pessoa. Se eu precisar usar a terceira pessoa, eu vou comunicar o analista, porque tem ocasiões que você vai precisar. Assim, às vezes, eles usam um sinal e a gente tem que... Outro acordo que a gente faz: “olha, eu vou precisar também me comunicar com ele, então não pensa que eu tô entrando em alguma questão. Eu estou perguntando o que eles estão (...) em que contexto ele está usando”.

**Participante:** (...) No momento em que eu estou aqui, tipo assim, eu tô conversando contigo, e aí tu pega e comenta aquilo que eu comentei e a gente tá tirando a dúvida, eu acho que nesse momento você perde...

**[Rodrigo]** Por exemplo, é... Isso aqui é combinar e isso aqui é combinar (gestual), qual a diferença? Digamos que ele use: “Ah! Eu combinei uma pessoa pra encontrar”,

não é? “Mas, desculpa, o contexto é esse sinal aqui, tá certo? Tu acha? Ah! Não, não, desculpa”.

**Entrevistador:** Isso já é importante.

**[Rodrigo]** Entendeu? Então, é... Entra essa questão da própria linguística da língua de sinais, né? Outra coisa muito importante também, que eu tenho lido sobre isso, é sobre a transferência, eu tenho lido demais. Eu acho que não só deve haver a transferência entre surdo e o analista, mas entre o surdo e o intérprete. Não só aqui na clínica, mas em sala de aula. Porque a nossa lei diz assim: “você tem que ser um robô”. É essa a nossa lei. Então, quando eu estudo com a nossa turma: “nossa lei é assim, assim e assim. Nosso código de ética é esse, esse e esse”. Pronto. (...) Eu digo pra vocês (...) O Bruno, por exemplo, só quer que eu entre na sala de aula com ele. É um problema muito grande. Semestre passado eu tive um monte de problemas porque ele só queria... Tiraram, me tiraram da sala de aula dele, né? E colocaram outro intérprete e ele cabulava aula direto. Ele gazeava muita aula. E, às vezes, eu que ia lá, e assim... “Por que que tu não tá na aula? Ah! Porque eu não gosto da intérprete”. Entendeu?

**Entrevistador:** Olha! Só esse fato teu aí, já geraria um artigo muito interessante sobre a transferência.

**[Rodrigo]** E uma vez [um palestrante determinado grupo de psicanálise de São Luís] deu uma palestra lá no IFMA. Eu interpretei. E ele tava falando que o intérprete, ele não pode fazer assim, assim, assim. Assim, eu senti na fala dele um monte de preconceito, desculpa, mas eu senti um monte de preconceito. Eu acho que ainda existe muita falha no que a psicanálise conhece da língua de sinais.

**Entrevistador:** A psicanálise, ela só tá... Ela trabalha com o ouvinte, pronto. Eu busquei no Freud não tem nenhuma referência. No Lacan só tem uma. Um sujeito levanta, quando ele tá falando de significante e pergunta: “professor Lacan, o significante e tudo o que você fala sobre simbólico, equivale na língua de sinais?”. Aí ele vai dizer que... Ele fala só uma frase, mas que é bem significativa, ele vai dizer assim: “nós temos que perceber o indivíduo surdo como alguém com predisposição ao significante. Ele não utiliza esse significante é... enquanto fonema, enquanto algo acústico, mas ele utiliza significante”.

**[Rodrigo]** A gente não chama de fonema na língua de sinais. A gente chama de quirimas.

**Entrevistador:** Pronto. Ele usa, porque ele vai fazer associação livre por imagem, tá?

**[Rodrigo]** E a língua de sinais, ela é muito expressiva se... O que o surdo... O que a gente não consegue falar mesmo, a gente demonstra, a gente... Não é? E o surdo, ele vai fazer isso por meio da língua de sinais. Então, ele vai... Essa associação livre, ela vai ser... Você vai ver... Só você vendo a experiência dentro da clínica. O surdo bem aqui e eu aqui... Você vai sentir o quanto que a associação livre, ela flui muito mais com a língua de sinais do que pela via oral.

**Entrevistador:** É nessa perspectiva que eu tô trabalhando. Eu tô trabalhando num movimento de que o psicólogo, e principalmente o psicanalista, ele deve aprender libras, entendeu? Não tem condição de ele pensar em atender o sujeito surdo sem conhecer a cultura surda.

**[Rodrigo]** Nem que ele não domine pra ser assim tradutor e traduzir... Mas... A gente só tem condição de ser tradutor, se a gente conseguir transcrever aquilo ali oralmente, né? Mas se agente consegue transcrever a fala do surdo é... Somente na mente, a gente... Pronto.

**Participante:** (...) Tu conhece algum surdo esquizofrênico?

**[Rodrigo]** Não. Eu conheço um surdo autista.

(...)

**[Rodrigo]** E você fica muito preocupado com o que de fato o intérprete (...). Realmente a preocupação dos surdos hoje é com a informação do intérprete, com o que, de fato, o intérprete tá passando.

(...)

**[Rodrigo]** Eu sei que é... O Johnesson, quando eu comecei a interpretar pra ele. É... Ele tinha assim muito sinal estranho, né? E assim, eu lembro que... esse aqui é o sinal de cerveja, né? E esse aqui é o sinal de salvar, né? E aí a professora de filosofia passou um filme dum é... Eu acho que era... Matrix. Aí ela pediu pra ele fazer uma análise do filme e ela queria ver essa análise dele. E ele começou a sinalizar e tal e eu comecei a explicar, explicar, explicar, e ele, ao invés de fazer salvar, ele fez isso, né? Quando eu interpretei cerveja e deu certinho, eu não lembro como foi a expressão, mas coube cerveja. Aí eu sei que encaixou e a turma começou a sorrir, né? Aí ele se espantou: mas eu falei uma coisa séria, por que que a turma tá rindo? O que foi que tu interpretou aí? Aí eu disse assim: tu falou assim. Que sinal é esse? E ele: salvar. Aí eu: não, tá errado. Esse sinal é cerveja. Aí ele: eita! Aí mesmo que a turma começou a sorrir e ele entrou. Ele é danado, ele é molecão também. Aí ele começou a rir... E lá nós estamos tendo muito problema, né? A Renata, que era a primeira da lista assim de atendimento, ela tem muito problema com a família, né? Ela tem muito problema com a mãe, o pai, porque os pais são separados, né? E nós temos muitos problemas. O Bruno porque não aceita totalmente que é surdo. Assim, tem um monte de problema.

**Entrevistador:** É legal que tu já tá inserido nesse contexto.